

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE LETRAS

ADRIANA DANIELSKI BATISTA

**A LEITURA DA PALAVRA E A PALAVRA NA LEITURA:  
PLASTICIDADE E SENTIDO**

Porto Alegre  
2015

ADRIANA DANIELSKI BATISTA

**A LEITURA DA PALAVRA E A PALAVRA NA LEITURA:  
PLASTICIDADE E SENTIDO**

Tese de doutorado apresentada como requisito para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Maria da Glória Corrêa di Fanti

Porto Alegre  
2015

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação ( CIP )

B333I Batista, Adriana Danielski

A leitura da palavra e a palavra na leitura : plasticidade e sentido / Adriana Danielski Batista. - Porto Alegre, 2015.  
115 f. : il.

Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, PUCRS.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria da Glória Corrêa di Fanti.

1. Linguística. 2. Análise do Discurso. 3. Dialogismo.  
4. Bakhtin, Mikhail Mikhailovitch - Crítica e Interpretação.  
I. Fanti, Maria da Glória Corrêa di. II. Título.

CDD 418.2

Ficha Catalográfica elaborada por Vanessa Pinent  
CRB 10/1297

## AGRADECIMENTOS

À Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e à CAPES, pela bolsa concedida.

À coordenação, aos professores e às secretárias do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, pela atenção e orientação.

À minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Maria da Glória, pela orientação e pelas discussões e reflexões que condicionaram a produção desta tese.

Aos professores Ernani Freitas e Vera Pires, pelas considerações e sugestões no processo de qualificação deste trabalho.

Ao diretor do IFRS - Câmpus Rio Grande, Ângelo Bulla, pela autorização de uso de documentos utilizados pela citada instituição como material de análise deste trabalho.

Aos meus pais, Renato Reis Batista e Rosemary Danielski Batista, pelo incentivo que me deram durante toda a vida em relação aos estudos.

Ao meu namorado, Pablo Bueno, pelo apoio e incentivo para que eu pudesse alcançar este objetivo.

Às amigas Josiane, Kelli, Andréa e Veridiana, pelas trocas bakhtinianas e por dividirem comigo as angústias e inquietações durante o percurso do doutorado.

À minha amiga Jesura Chaves, pela amizade e apoio que sempre me dedica.

## RESUMO

Partindo dos conceitos postulados por Bakhtin e seu Círculo (BAKHTIN/VOLOCHÍOV, 1929/2010; BAKHTIN, 1975/1998, 1979/2011), que entendem a palavra como elemento polissêmico e plurivocal da língua, a presente tese estuda a plasticidade da palavra de modo a compreender o funcionamento discursivo da língua e, conseqüentemente, como ocorre a construção de sentidos em diferentes gêneros discursivos. Entende-se que em todo e qualquer enunciado, que tem existência a partir da interlocução entre sujeitos, há uma interação de diversas vozes, em que a compreensão de uma voz leva à compreensão de outra e assim sucessivamente. É a análise dessa teia de vozes, permeada pela palavra, que permite o alcance dos sentidos em circulação no discurso. Ou seja, para a compreensão de um enunciado, faz-se necessário observar vozes que interagem no material verbal, evidenciando, assim, o caráter plurilinguístico e dialógico da língua. Nesta pesquisa compreende-se que a plasticidade da palavra e a conseqüente mobilidade impressa por ela aos gêneros está condicionada a diversos aspectos discursivos, tais como forma, situação enunciativa (quem fala? para quem? sobre o que fala? com que projeto enunciativo?), contexto de produção, alteridade, entonação, reflexo/refração. Sendo assim, este trabalho tem como objetivo geral analisar aspectos que propiciem a plasticidade das palavras em diferentes gêneros, verificando a evocação de diferentes valorações e vozes discursivas que imprimem sentidos às palavras e, conseqüentemente, ao discurso. Com vistas a atingir o objetivo geral, consideram-se os seguintes objetivos específicos: (a) observar como a construção de sentido é pautada na plasticidade das palavras; (b) investigar como as palavras, por meio das diferentes vozes sociais que a permeiam, revelam apreciações valorativas e pontos de vista; (c), verificar como as palavras e suas relações dialógicas retomam sentidos já estabelecidos – reflexo – e, ao mesmo tempo, imprimem, norteiam novos sentidos – refração. Foram selecionados para análise os gêneros tira, piada e ata. As tiras foram retiradas da coletânea de tiras produzidas pelo argentino Quino, intitulada *Toda Mafalda*. As piadas, por sua vez, foram extraídas de um sítio eletrônico, denominado *PIADAS.COM.BR*. Já as atas foram coletadas do processo físico de seleção para professor substituto do IFRS – Câmpus Rio Grande. No que tange à metodologia de análise, realizou-se, em um primeiro momento, a análise individual de cada gênero, considerando o funcionamento discursivo das palavras, que refletem e refratam ideologias e pontos de vistas, condicionados por diversos aspectos discursivos. Posteriormente, tratou-se da orientação dialógica constitutiva dos gêneros analisados, a fim de reafirmar a ideia de que a plasticidade é impressa pela palavra e perpassa todos os gêneros, inclusive aqueles considerados mais coercitivos. Considera-se, portanto, a palavra como enunciado, dotada de entonação expressiva, uma vez que, a cada enunciação, novas orientações axiológicas são produzidas por sujeitos sócio-historicamente situados. Essa perspectiva também justifica a tese pautada por este trabalho de que a língua é plástica porque a palavra é plástica. Ou seja, é a palavra que, ao ser enunciada por um sujeito, se impregna de expressividade e confere plasticidade à língua.

**Palavras-chave:** Palavra. Expressividade. Vozes. Plasticidade. Gêneros discursivos. Construção de sentidos.

## ABSTRACT

Based on the concepts postulated by Bakhtin and his Circle (BAKHTIN/VOLOCHÍOV, 1929/2010; Bakhtin, 1975/1998, 1979/2011), who understand the word as a polysemic and plurivocal element of the language, this thesis studies the word's plasticity in order to understand the discursive functioning of the language and, consequently, how the construction of meaning in different discursive genres is made. It is understood that in each and every statement that is being out of communication among individuals, there is an interaction of several voices, wherein the comprehension of a speech leads to another and so forth. It is the analysis of this web of voices, pervaded by the word, that allows one to reach the senses in circulation in the speech. That is, for the understanding of an utterance, it is necessary to observe the voices under interaction in the verbal material, which underline the multi linguistic and dialogical nature of language. The research comprises that the plasticity of the word and the resulting printed mobility it promotes to the genres is subject to various discursive aspects such as shape, enunciation situation (who speaks? To whom? About what? Which enunciation project does it make use of as a basis?), production context, otherness, intonation, reflection / refraction. Thus, this work's main objective is to analyze aspects that provide word's plasticity in different genres, and to check the evocation of different valuations and discursive voices that give a meaning to the words, and, consequently to the speech. In order to achieve the overall goal, the following specific objectives are considered: (a) observe how the construction of meaning is based in the plasticity of words; (b) investigate how the words, through different social voices that permeate them, reveal value appreciation and views; (c) check how the words and their meanings resume dialogical relations previously established - reflection -. while concomitantly, lead to new directions - refraction. As for the analysis, genres strip, jokes and records. The strips were removed from the collection of strips produced by the Argentine Quino, entitled All Mafalda. The jokes were taken from an electronic site, called PIADAS.COM.BR. The records were collected from the physical selection process for IFRS substitute teacher - Campus Rio Grande. Regarding the analysis methodology, there was, at first, an individual analysis of each gender considering the discursive function of words, which reflect and refract ideologies and viewpoints, conditioned by various discursive aspects. Soon after, a constitutive dialogical orientation of the analyzed genres took place in order to check the idea that plasticity may be printed by the word, and cross all genres, including those considered more coercive. Therefore, the word is considered in this work as an utterance, endowed with a meaningful intonation as in every enunciation new value guidelines are produced by social and historically situated subjects. This perspective also justifies the thesis guided by this work that the language is plastic because the word is plastic. That is, it is the word, that when expressed by an individual, gets impregnated with expressiveness and gives plasticity to the language.

**Keywords:** Word. Expressiveness. Voices. Plasticity. Discursive genres. Construction of meaning.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Piada curta 01 – Garfield .....	79
<b>Quadro 2:</b> Piada curta 02 – Lição de casa .....	81
<b>Quadro 3:</b> Piada curta 03 – Charada.....	83
<b>Quadro 4:</b> Tira de Mafalda 01.....	85
<b>Quadro 5:</b> Tira de Mafalda 02.....	87
<b>Quadro 6:</b> Tira de Mafalda 03.....	90
<b>Quadro 7:</b> Ata 01 .....	94
<b>Quadro 8:</b> Ata 02 .....	100
<b>Quadro 9:</b> Ata 03 .....	101

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>1 TEORIA DIALÓGICA DO DISCURSO</b> .....	<b>17</b>
1.1 DIÁLOGO E RELAÇÕES DIALÓGICAS .....	18
1.2 LÍNGUA, ENUNCIÇÃO E DISCURSO .....	24
1.3 A ORIENTAÇÃO DIALÓGICA DA PALAVRA .....	31
1.4 OS GÊNEROS DO DISCURSO .....	40
<b>2. A RELAÇÃO ENTRE PALAVRAS E GÊNEROS DO DISCURSO</b> .....	<b>44</b>
2.1 O GÊNERO PIADA .....	45
2.2 O GÊNERO TIRA .....	51
2.3 O GÊNERO ATA .....	62
2.4 GÊNERO E PALAVRA: UMA RELAÇÃO QUE <i>DETERMINA</i> A PLASTICIDADE .....	68
<b>3. ANÁLISE DOS GÊNEROS DISCURSIVOS: COMPREENDENDO A PLASTICIDADE DA PALAVRA</b> .....	<b>71</b>
3.1 O FUNCIONAMENTO DA PALAVRA NOS GÊNEROS SELECIONADOS: QUESTÕES METODOLÓGICAS.....	73
3.2 A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO A PARTIR DA ORIENTAÇÃO DIALÓGICA DA PALAVRA E DO GÊNERO.....	79
3.2.1 PIADAS .....	79
3.2.2 TIRAS.....	85
3.2.3 ATAS .....	93
3.3 A ORIENTAÇÃO DIALÓGICA DOS GÊNEROS: DISCUSSÃO DAS ANÁLISES .....	102
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>106</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>112</b>
<b>ANEXO</b> .....	<b>114</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho realiza um estudo sobre a plasticidade da palavra, de modo a compreender o funcionamento discursivo da língua e, conseqüentemente, como ocorre a construção de sentidos em diferentes gêneros discursivos. Considera-se, portanto, plasticidade como a capacidade que uma dada palavra possui de desempenhar diferentes funções ideológicas, absorver distintas entoações avaliativas, fazendo com que uma mesma forma comporte diferentes sentidos. Para tanto, parte-se dos conceitos postulados por Bakhtin e seu Círculo<sup>1</sup> (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929/2010; BAKHTIN, 1979/2011, 1975/1998), que entendem a palavra como sendo um elemento polissêmico e plurivocal da língua. É através dela que se tem acesso à compreensão da língua.

Tal estudo torna-se relevante devido ao fato de se entender que, em todo e qualquer enunciado, o qual tem existência a partir da interlocução entre sujeitos, há a interação de diversas vozes e que a compreensão de uma voz leva à compreensão de outra e assim sucessivamente. É o desvelamento dessa teia de vozes discursivas, permeadas pela palavra, que permite o alcance de certo sentido do discurso. Ou seja, a compreensão de um enunciado se dá a partir do entendimento das vozes que interagem no interior da palavra e ao longo do discurso, evidenciando, assim, o caráter plurilinguístico e dialógico da língua. Porém, o sentido da palavra é totalmente dependente do contexto e da interação social, bem como da entonação, acento de valor impresso, pelos interlocutores durante o ato enunciativo. É na situação real e concreta da enunciação que a palavra ganha vida e adquire sentido, uma vez que a comunicação verbal é sempre acompanhada por atos sociais de caráter não verbal. A palavra é a responsável pela dialogicidade da língua; é ela que imprime plasticidade à língua. A forma é importante, mas não determina o sentido de uma palavra, já que uma mesma forma, de acordo com o contexto e com a situação enunciativa, assume diferentes sentidos. Assim, a palavra

---

<sup>1</sup> De acordo com Faraco (2009), o Círculo de Bakhtin constitui um grupo de intelectuais que se reuniu regularmente de 1919 a 1929. Esses estudiosos tinham atuações profissionais e interesses intelectuais variados. Os principais integrantes da área da linguagem são M. Bakhtin, V. N. Volochinov e P. N. Medvedev. Ressalta-se que a denominação “Círculo de Bakhtin” nunca foi utilizada pelo grupo, uma vez que ela foi atribuída posteriormente por estudiosos das obras produzidas por seus integrantes. Este trabalho não tratará da questão da autoria dos textos considerados disputados, como, por exemplo, *Marxismo e filosofia da linguagem* (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1929/2004). Assim, quando houver referência a esses textos, os nomes serão utilizados segundo o registro dos volumes consultados.

figura como elemento central no que tange à construção do sentido, uma vez que ao ser envolvida por uma avaliação ideológica, por acentos de valores e por determinada situação extraverbal funciona como “uma unidade da comunicação discursiva, que não tem significado mas *sentido*” (BAKHTIN, 1979/2011, p. 332, grifo do autor). Bakhtin (1979/2011, p. 306) compreende a palavra como enunciado, revelando que “se uma palavra isolada ou uma oração está endereçada, direcionada, temos diante de nós um enunciado acabado, constituído de uma palavra ou de uma oração, e o direcionamento pertence não a elas como unidades da língua, mas ao enunciado”.

O título do trabalho *A leitura da palavra e a palavra na leitura: plasticidade e sentido* justifica a proposta acima registrada. Primeiramente, *A leitura da palavra* aponta para a ideia de que se deve ser capaz de ler / identificar diferentes vozes presentes no enunciado através da palavra (que reflete e refrata ideias, pensamentos, significações) para alcançar a compreensão. Remete àquilo que se apreende / percebe de informação explícita e não explícita da/na palavra. A outra ideia, *A palavra na leitura*, é a de que a palavra deve ser entendida como signo variável e mutável, que propicia a interação de diversas vozes sociais, que, por sua vez, condicionam a construção de sentido e são condicionadas por aspectos discursivos, tais como: forma, situação enunciativa, alteridade (entre interlocutores e entre as demais palavras), ideologia, entonação, reflexo/refração, forças centrípetas/forças centrífugas; deve-se perceber que a palavra, bem como a pluralidade de vozes, condicionada por diferentes aspectos discursivos, nela estabelecida são elementos constitutivos do enunciado. Por fim, no subtítulo *plasticidade e sentido*, deve-se considerar que a palavra é um elemento plástico, capaz de suscitar diferentes sentidos por meio da tensão de diversas vozes que permeiam a palavra e, conseqüentemente, o enunciado. Dependendo da situação, ela constituirá um ou outro sentido. A cada uso, imprime-se à palavra determinado(s) sentido(s).

Toda palavra possui um potencial para abarcar diferentes sentidos, mas, quando é usada, absorve certo(s) sentido(s), que é (são) construído(s) pela situação enunciativa e por outros aspectos discursivos, como, por exemplo, entonação e alteridade. É necessário salientar que em alguns gêneros a plasticidade da palavra é mais aparente do que em outros. Em todo texto há a tensão entre forças centrípetas e forças centrífugas, porém, dependendo do gênero em questão, haverá uma

tendência maior ao monologismo, impresso pelas forças centrípetas, que buscam uma maior estabilização do sentido das palavras; ou ao dialogismo, imposto pelas forças centrífugas, que atuam de forma a descentralizar e desunificar o sentido. A influência de forças centrípetas, de certa forma, vela a plasticidade das palavras, enquanto as forças centrífugas evidenciam-na com maior precisão. A palavra é maleável em relação aos sentidos que pode expressar ou evocar. É essa maleabilidade própria da palavra que faz com que uma dada forma possa assimilar diferentes sentidos, impressos por acentos apreciativos e/ou pontos de vista específicos. Segundo Di Fanti (2009, p. 45-46), “[...] toda palavra utilizada em uma dada interação possui expressividade, valoração, constituindo-se como enunciado, cuja dimensão axiológica expressa juízo de valor e posições ideológicas de sujeitos do discurso”.

A palavra, de acordo com a teoria bakhtiniana, é considerada um signo ideológico por excelência, uma vez que ela é impregnada de apreciações valorativas. A palavra, assim como todo signo ideológico, pode adquirir um sentido que transcenda suas próprias particularidades. Além disso, ela não se configura somente como parte de uma realidade, mas também é capaz de refletir e de refratar uma outra. Considerando esta perspectiva, “cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929/2010, p. 33). Assim, o aspecto ideológico, inerente a toda e qualquer palavra em funcionamento, figura como um elemento imprescindível para a compreensão da plasticidade da palavra. Porém, faz-se importante registrar que esse conteúdo ideológico expresso na e pela palavra só pode ser apreendido no fluxo das relações sociais. A palavra só adquire sentido na interação social, quando funciona como signo e é compartilhada por um grupo social organizado. Se a palavra não for absorvida pela função de signo, será apenas forma, desprovida de vida, de sentido. Por isso, Bakhtin/Volochínov (1929/2010, p. 36) afirma que “a palavra é o modo mais puro e sensível de relação social”.

Apesar de a palavra ser considerada o signo mais puro, mais indicativo das relações e transformações sociais, ela também é um signo neutro, uma vez que comporta inúmeras funções ideológicas. É a sua neutralidade, capacidade de adaptação e/ou absorção de diversos pontos de vista, que possibilita que ela seja plástica, imprimindo, assim, a uma mesma forma, diferentes sentidos, conforme a relação estabelecida com outros aspectos discursivos. Para Bakhtin/Volochínov

(1929/2010), a palavra é o material privilegiado da comunicação na vida cotidiana, já que reflete sempre a ideologia do cotidiano. É por meio dela que a conversação e o discurso se estabelecem. Além disso, a teoria baktiniana atribui à palavra outra propriedade: material semiótico da vida interior, da consciência, do discurso interior. A palavra, apesar de tomar vida a partir da interação entre os indivíduos, é também produzida pelo organismo individual, que lhe confere sentido sem recorrer a nenhum meio extracorporal. A consciência só pode ser desenvolvida através de material flexível, veiculável pelo corpo. “A palavra é, por assim dizer, utilizável como signo interior; pode funcionar como signo sem expressão externa” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929/2010, p. 37).

A palavra constitui a arena em que diferentes vozes discursivas dialogam, possibilitando a construção de sentido(s). A palavra como enunciado é dotada de expressividade, uma vez que a cada enunciação novas avaliações são impressas por sujeitos sócio-historicamente situados. Essa perspectiva também justifica a tese pautada por este trabalho de que a língua é plástica porque a palavra é plástica. Ou seja, é a palavra que, ao ser enunciada por um sujeito, se impregna de expressividade e confere plasticidade à língua.

Considerando o exposto, este trabalho entende que a produção de sentidos ocorre por meio das diversas vozes discursivas que interagem no material verbal, através de um processo concomitante de reflexo e de refração, em que forças centrípetas e forças centrífugas atuam no e sobre o discurso de modo a estabelecer, ao mesmo tempo, estabilidade e instabilidade, características próprias de uma língua e de uma linguagem vivas, que retomam sentidos já postos bem como apontam outros inéditos. Desta forma, é a partir deste panorama que se apresenta o problema a ser examinado na presente tese: de que forma se constrói a plasticidade das palavras em diferentes gêneros discursivos?

A palavra está diretamente vinculada a um sistema linguístico, mas não se submete a ele: subverte-o, ultrapassa-o, transgride-o. Porém, este sistema é de suma importância no que tange à compreensão da língua, uma vez que ele compreende uma das propriedades essenciais da enunciação, colocadas por Bakhtin/Volochínov (1929/2010) em *Marxismo e filosofia da linguagem*, a significação, que remete ao repetível, ao reiterável. Outra propriedade é o tema, que é não reiterável, assim como a própria enunciação. O tema é dinâmico e complexo, é o sentido da enunciação completa. O tema também é ideológico, pois carrega

consigo índices de valor sociais, os quais, por sua vez, são interindividuais, dependem da organização social de determinado grupo, bem como das condições em que a interação se realiza. Ao contrário da significação, “o tema da enunciação é na essência irreduzível à análise” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929/2010, p. 134). Por isso, os conceitos de palavra e de língua não podem se restringir à linguística do sistema, que não considera o discurso (língua viva), mas apenas um conjunto de unidades linguísticas estáticas que se relacionam entre si. O conceito de palavra deve ser considerado a partir de uma ótica ampla, a palavra como enunciado, funcionando no interior de um discurso, repleta de entonação expressiva.

Segundo Bakhtin/Volochínov (1929/2010), a palavra merece uma análise profunda e aguda. Ela deve ser entendida, conforme já registrado neste trabalho, como signo social, que funciona como instrumento de consciência<sup>2</sup>. Todo ato ideológico necessita de palavras, apesar de não ser totalmente substituível por elas. Porém, todo signo ideológico não verbal se ancora nas palavras e é assistido por elas. Assim, faz-se importante salientar que forma e conteúdo e significação e tema são aspectos essenciais no que tange à compreensão da palavra e estão indissoluvelmente ligados, uma vez que crescem juntos sob as mesmas condições sociais. “Este processo de integração da realidade na ideologia, o nascimento dos temas e das formas, se tornam mais facilmente observáveis no plano da palavra” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929/2010, p. 47). A palavra é o elemento essencial para a compreensão e a interpretação da refração ideológica dos signos e da consciência. O sentido do discurso e da vida é construído por meio das palavras. Não há sentido que possa ser apreendido sem o recurso das palavras. Toda criação ideológica sempre carrega ecos e ressonâncias verbais.

Ao se tomar a palavra como elemento concreto e multifacetado da língua, compreende-se que o significado desta é orientado pelo contexto linguístico e concreto da enunciação. A língua constitui um processo evolutivo contínuo e essencialmente dialógico, em que o despertar da consciência dos sujeitos ocorre nela e por meio dela. Ou seja: torna-se sujeito pela língua. A partir de

---

<sup>2</sup> De acordo com a teoria bakhtiniana, a palavra é compreendida como instrumento de consciência, uma vez que constitui o meio pelo qual os sujeitos exprimem seus pensamentos e suas ideias, os quais são envoltos por um conteúdo ideológico e construídos no processo de interação social. “É devido a esse papel excepcional de instrumento de consciência que *a palavra funciona como elemento essencial que acompanha toda a criação ideológica, seja ela qual for*. A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico” (Bakhtin/Volochínov (1929/2010, p. 38, grifo do autor).

Bakhtin/Volochínov (1929/2010), entende-se que o dialogismo é o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso. Assim, a orientação dialógica da língua e da linguagem, bem como da palavra, está intrinsecamente relacionada aos conceitos de interação, alteridade, plurivocalidade, ideologia, reflexo/refração, gênero discursivo.

Dessa forma, a hipótese geral considerada neste trabalho é a de que a plasticidade da palavra é construída por meio da combinação de vários aspectos, tais como forma, situação enunciativa (quem fala? para quem? sobre o que fala? com que projeto enunciativo?), contexto de produção, alteridade, entonação, reflexo/refração. Para tanto, o objetivo geral configura-se em analisar aspectos que propiciem a plasticidade das palavras em diferentes gêneros, verificando a evocação de diferentes valorações e vozes discursivas que imprimem sentidos às palavras e, conseqüentemente, ao discurso. Como objetivos específicos, busca: (a) observar como a construção de sentido é pautada na plasticidade das palavras; (b) investigar como as palavras, por meio das diferentes vozes sociais que a permeiam, revelam apreciações valorativas e pontos de vista; (c), verificar como as palavras e suas relações dialógicas retomam sentidos já estabelecidos – reflexo – e, ao mesmo tempo, imprimem, norteiam novos sentidos – refração.

A proposta apresentada será analisada em diferentes gêneros, vinculados a variadas atividades humanas. Em um primeiro momento, os gêneros escolhidos foram tiras e piadas. A escolha de tais gêneros se justifica por serem textos que revelam com maior explicitude a plasticidade da palavra. Além disso, o estudo desses gêneros discursivos tem sido alvo de atenção nos centros universitários, assim como goza de prestígio e tem sido, cada vez mais, explorado no ensino de língua materna, uma vez que tais gêneros constituem materiais bastante complexos no que tange ao funcionamento discursivo.

As piadas e as tiras exigem o entendimento da plurivocalidade das palavras para que a compreensão se efetive. No caso das piadas, essa plurivocalidade reside, geralmente, em uma determinada palavra ou expressão, que reflete e refrata diferentes ideias, pensamentos, significações. É a dinamicidade da palavra que será estudada e analisada nas piadas apresentadas, uma vez que é ela a responsável pelo desencadeamento do sentido do texto, através da produção de diferentes sentidos (construídos a partir pluralidade de sentido e/ou da quebra de expectativa, por exemplo) e do conseqüente efeito de humor.

As tiras, por sua vez, também apresentam propriedades que corroboram a plasticidade da palavra, justificando a importância de se estudar as relações engendradas no discurso; há uma multiplicidade de vozes que interagem durante o desenvolvimento da história, estabelecendo críticas sociais sem precisar, necessariamente, explicitá-las e, além disso, essas críticas são registradas de maneira bem-humorada. O caráter dialógico da linguagem também é percebido por meio das relações dialógicas estabelecidas entre os aspectos verbais e não verbais.

Já em um outro momento, lança-se um olhar teórico sobre o funcionamento discursivo da palavra no contexto da ata. Considerando que esse gênero caracteriza-se como mais rígido no que tange à forma composicional e, conseqüentemente, ao comportamento da palavra, pretende-se evidenciar que a plasticidade é um aspecto inerente a tudo que remete à língua e à linguagem. Mesmo os gêneros considerados menos inclinados à maleabilidade, tendem a se mostrar plásticos, tendo em vista que são construídos por meio de palavras, que são elementos essencialmente plásticos, capazes de absorver qualquer função ideológica específica.

A ata analisada é composta, até certo ponto, por instruções rígidas, sugeridas a partir de um modelo tradicional de ata, mas também opera com elementos não tradicionais, uma vez que incorpora uma tabela ao texto escrito, a qual, por sua vez, proporciona o desvelamento da plasticidade das palavras. Essa maleabilidade mostra que a palavra nunca tem um único direcionamento semântico; ela é preenchida por vozes sociais que interagem no seu interior e constituem o sentido do texto. Para se compreender a palavra, é necessário apreender sua orientação, assimilar sua entonação expressiva. Do contrário, será apenas um elemento linguístico, sem funcionamento discursivo. O gênero ata, ao incorporar novos elementos, os quais destoam do modelo tradicional, é reacentuado e ressignificado, aponta uma outra possibilidade de construção composicional, que é conduzida pela palavra. Nesse modelo de ata, a palavra opera com maior liberdade, abrindo caminho, inclusive, para o registro de elementos não verbais nada convencionais, como, por exemplo, uma tabela. A maleabilidade da palavra torna o gênero mais plástico.

Considerando que a apreensão da orientação conferida à palavra está diretamente vinculada a um contexto e a uma situação precisos, faz-se necessário ressaltar a importância da ideologia que permeia o discurso, já que a palavra

consiste em um signo ideológico: “A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929/2010, p. 99). Para tanto, a compreensão de um texto está submetida ao entendimento de fatores linguísticos e extralinguísticos, como o reconhecimento de traços culturais que perpassam e determinam seu sentido. Os sujeitos (locutor e interlocutor) precisam estar socialmente sintonizados para que a compreensão se dê de maneira ativa e responsiva num processo em que “compreender é opor à palavra do locutor uma *contrapalavra*”, conforme entende Bakhtin/Volochínov (1929/2010, p. 137).

Tendo em vista as metas de pesquisa estabelecidas e a fim de defender a tese pautada por este trabalho, de que *a língua é plástica porque a palavra é plástica* já que a palavra, ao ser enunciada por um sujeito a outro em uma dada situação, se impregna de expressividade e confere plasticidade à língua, desenvolveram-se procedimentos metodológicos próprios que orientam as análises dos gêneros selecionados. Ressalta-se que a teoria dialógica do discurso, por não estabelecer um método de análise único, permite a construção de uma metodologia específica a partir dos seus conceitos e do material de análise, a fim de contemplar os objetivos propostos no trabalho. Partindo da ideia de se realizar um estudo sobre a plasticidade da palavra em diversos gêneros discursivos, primeiramente, buscou-se efetuar um levantamento dos gêneros considerados mais plásticos, em que a palavra comportasse de forma mais explícita diferentes entonações expressivas, optando-se, assim, por tiras e piadas. Posteriormente, pensou-se que, por ser a palavra essencialmente plástica, esta deveria ser analisada também sob o contexto de um gênero com características mais coercitivas; foi, então, que se selecionou o gênero ata. Foram examinados para a seleção dos gêneros os seguintes materiais: coletânea de tiras produzidas por Quino, intitulada *Toda Mafalda*, no caso das tiras; o sítio eletrônico *PIADAS.COM.BR* para as piadas; processo físico da seleção de professor substituto do IFRS – Câmpus Rio Grande – para a seleção das atas.

Foram selecionados três exemplares de cada gênero para serem analisados, sendo que no caso da ata será analisado apenas um exemplar, servindo os demais como documentos que comprovam o uso do modelo de ata pela instituição supracitada, a saber, IFRS - Câmpus Rio Grande. A análise contemplará o funcionamento discursivo da palavra no interior dos gêneros, a fim de observar as diversas vozes sociais que nela se entrecruzam, bem como os diferentes aspectos discursivos que condicionam a interação de tais vozes.

O presente trabalho se organiza por meio de três capítulos, seguidos das considerações finais. O primeiro capítulo, intitulado *Teoria Dialógica do Discurso*, contempla uma explanação sobre a teoria dialógica do discurso de Bakhtin, enfatizando os conceitos e aspectos relevantes para as análises, em quatro seções: (I) *Diálogo e relações dialógicas*, (II) *Língua, enunciação e discurso*, (III) *A orientação dialógica da palavra* e (IV) *Os gêneros do discurso*. O segundo capítulo, *A relação entre palavras e gêneros do discurso*, procura estabelecer uma relação dialógica entre o comportamento da palavra e a construção do gênero. Para tanto, o referido capítulo foi dividido em quatro seções, com o objetivo de tornar o estudo de cada gênero mais consistente e eficaz.

O terceiro capítulo do trabalho, sob título *Análise dos gêneros discursivos: compreendendo a plasticidade da palavra*, remete às análises dos gêneros selecionados. Este capítulo é estruturado em três seções, sendo a segunda subdividida em três partes, em que cada uma remete à análise de um dado gênero discursivo. Dessa forma, após ser apresentada a metodologia de seleção e de análise dos gêneros, é realizado um exame detalhado do comportamento discursivo da palavra no interior de cada gênero, bem como do funcionamento do gênero no que tange à plasticidade das palavras que o compõem. Na última seção, os gêneros são colocados em relação dialógica, com o objetivo de verificar os aspectos que os aproximam e/ou os afastam. Além disso, é abordada a orientação dialógica que permeia e compõe cada um dos gêneros, considerando sempre os aspectos discursivos que os condicionam.

Como fechamento da investigação, nas *Considerações Finais*, são inscritas algumas reflexões acerca do comportamento da palavra e do gênero, buscando verificar se foram contemplados os objetivos propostos pela pesquisa, se foi dada uma resposta ao problema pautado e se a hipótese foi confirmada pelas análises. Destaca-se, mais uma vez, que a plasticidade do gênero é materializada pela plasticidade da palavra. Se a palavra se comporta no interior do gênero com maior mobilidade semântica, ele, conseqüentemente, se mostrará mais plástico. Os locutores, ao se enunciarem, imprimem certa plasticidade às palavras por meio de gêneros. Assim, muitas vezes, um gênero mais rígido, como a ata, se comporta de forma mais plástica. Porém, os gêneros, por sua vez, impõem determinado funcionamento discursivo às palavras. Eles não se submetem totalmente às palavras. Todo gênero possui um potencial coercivo, uma vez que é “determinado

pelo objeto, pelo fim e pela situação do enunciado” (BAKHTIN, 1979/2011, p. 389). Os gêneros, assim como a língua, estão a serviço de seus usuários. São os locutores que permitem maior ou menor maleabilidade aos gêneros, por meio do funcionamento discursivo da palavra. “Não se vai do objeto à palavra, mas da palavra ao objeto, a palavra cria o objeto” (BAKHTIN, 1979/2011, p. 390).

Dessa forma, acredita-se que um estudo aprofundado sobre gênero, tendo como objeto de análise o funcionamento discursivo da palavra, pode contribuir para o desenvolvimento de metodologias de ensino eficazes no que tange ao aprimoramento da competência discursiva dos alunos, ajudando a sanar dificuldades referentes à compreensão e à produção de diferentes gêneros.

## 1 TEORIA DIALÓGICA DO DISCURSO

Para se compreender o funcionamento discursivo da palavra de acordo com Bakhtin e seu Círculo, é necessário entender a palavra não como um mero elemento linguístico, uma forma pertencente a um sistema abstrato, mas como um signo variável e flexível, capaz de absorver diferentes entonações expressivas. Segundo a teoria dialógica do discurso, a palavra é um signo essencialmente ideológico, em que índices de valor sociais se confrontam constantemente. A palavra, ao ser usada por um sujeito, é revestida por conteúdo ideológico, que é apreendido por meio da interação social. O sentido das palavras se contrói a partir do meio social e ideológico em que elas figuram. Por isso, “um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929/2010, p. 32).

Para tanto, faz-se necessário considerar o discurso a partir de uma perspectiva dialógica, em que os sentidos são produzidos a partir da interação entre os sujeitos em situações enunciativas concretas. O sujeito é ativo. Ao produzir enunciados, os agentes do discurso (os interlocutores) se responsabilizam pelo que enunciam. O discurso se estabelece por meio do dialogismo, princípio constitutivo do discurso. De acordo com Sobral (2009, p. 39), “dialogismo é um conceito que busca dar conta do elemento constitutivo não apenas dos discursos como da própria linguagem e mesmo do ser e do agir humanos”.

A teoria dialógica do discurso proposta pelo Círculo de Bakhtin considera que toda enunciação é envolta por diversas vozes sociais, as quais interagem no interior das palavras e ao longo do discurso. Por isso, as palavras refletem e refratam distintos sentidos. O sentido do discurso se estabelece por meio do diálogo entre as vozes sociais que o permeiam. Sem diálogo não há discurso. Ao tratar do diálogo, Bakhtin (1979/2011, p. 410, grifo do autor) afirma:

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos *do passado*, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados

e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação.

Considerando as reflexões iniciais apresentadas, registram-se, nas seções seguintes, conceitos e aspectos relevantes desenvolvidos pela teoria dialógica do discurso de Bakhtin. Ressalta-se que a compreensão do funcionamento discursivo da palavra está diretamente relacionada ao entendimento desses conceitos, os quais são abordados a partir de uma perspectiva enunciativa. Assim, a primeira seção deste capítulo apresenta uma breve explicação sobre a origem da teoria bakhtiniana e sobre a composição do “Círculo”, bem como registra os fundamentos que sustentam a referida teoria, a saber, diálogo e relações dialógicas. A segunda seção trata dos conceitos referentes à língua, à enunciação e a discurso. A terceira seção discorre acerca da orientação dialógica da palavra. Já a quarta seção versa sobre os gêneros do discurso, tendo em vista que a palavra reflete as formas de dizer relativamente estáveis de cada campo da atividade humana.

## 1.1 DIÁLOGO E RELAÇÕES DIALÓGICAS

A teoria dialógica de Bakhtin não foi desenvolvida apenas pelo filósofo da linguagem que lhe dá o nome. Sabe-se, a partir de inúmeras pesquisas, que tal teoria é resultado da discussão entre vários estudiosos, os quais compartilhavam um número expressivo de ideias e pensamentos sobre diferentes campos da vida. A esse grupo, então, atribuiu-se o nome de “Círculo de Bakhtin”. M. Bakhtin, V. N. Volochínov e P. N. Medvedev foram os principais componentes do grupo a tratarem de questões envolvendo a linguagem. Segundo Faraco (2009), a escolha do nome de Bakhtin deve-se ao fato de que foi ele quem produziu a obra de maior pujança.

No que tange às obras do Círculo, há o problema da autoria, uma vez que algumas produções são atribuídas a Bakhtin apesar de terem sido *a priori* assinadas por Volochínov e Medvedev. Esse problema foi gerado após a afirmação feita por Viatcheslav Ivanov de que o livro *Marxismo e filosofia da linguagem* havia sido produzido por Bakhtin e não por Volochínov. Não há nenhuma prova em relação à veracidade da afirmação proferida pelo linguista, mas ela causou certa divergência no meio acadêmico, fazendo com que muitos atribuíssem a autoria das obras disputadas apenas a Bakhtin, atitude que não é partilhada por todos os

pesquisadores da área, uma vez que muitos consideram as autorias segundo as edições originais. Porém, existem estudiosos da teoria bakhtiniana que reconhecem apenas um nome como autor de determinadas obras do Círculo. Por exemplo, há quem atribua a autoria de *Marxismo e filosofia da linguagem* unicamente a Volochínov. Há também aqueles pesquisadores que respeitam os dois nomes dos autores. Outra atitude comum atualmente é considerar a autoria de acordo com o registro dos volumes consultados, como é o caso desta tese.

A teoria dialógica do discurso, como o próprio nome sugere, tem como princípio o dialogismo. O dialogismo é essencial para a constituição da língua. Nesse contexto, o diálogo é tomado como o fundamento do pensamento criativo e da própria criação. O locutor e o interlocutor ao interagirem verbalmente produzem linguagem. Por isso, a linguagem é compreendida como produto da interação entre os participantes do discurso (locutor e interlocutor). A verdadeira substância da língua é retratada pelo fenômeno social da interação verbal. “A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p. 127). Ao se enunciarem, os locutores estabelecem inúmeras relações dialógicas. Há diálogo desde a combinação entre os elementos formais da língua até os pontos de vista colocados por meio do discurso. O diálogo está sempre presente em qualquer atividade verbal. Mas ele deve ser compreendido em sentido amplo, isto é, não apenas como fala concreta (comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face), mas como toda comunicação verbal, independentemente do tipo. Segundo Sobral (2009, p. 34-35, grifo do autor),

o diálogo é um fenômeno textual e um procedimento discursivo englobado pelo dialogismo, sendo apenas um de seus níveis mais evidentes no nível da materialidade discursiva. Por outro lado, o enunciado e o discurso, por mais “fechados”, por mais “subjetivos” que sejam, continuam a ser dialógicos, porque (1) não pode haver enunciado sem sujeito enunciativo; (2) o sujeito não pode agir fora de uma interação, mesmo que o outro não esteja fisicamente presente; (3) não há interação sem diálogo, que é uma relação entre mais de um sujeito, mesmo no caso do chamado “discurso interior”, o discurso do sujeito dirigido a si mesmo [...]

Toda e qualquer comunicação verbal estabelece relação com outras, sejam elas anteriores ou posteriores, uma vez que suscitam, sob a forma de diálogo, discussões, comentários, críticas, bem como corroborações, confirmações, elogios. Todo discurso é orientado na direção de uma resposta a algo e/ou alguém. Isso demonstra que a interação verbal se dá a partir de contextos diversamente

orientados, indicando o acordo ou o desacordo com determinados pensamentos e traduzindo uma situação de interação e de conflito tenso e ininterrupto.

Ao tratar do conceito de dialogismo considerado pelo Círculo, Sobral (2009) afirma que este remete a um conceito amplo, de cunho filosófico, discursivo e textual. Para o autor, o dialogismo se estabelece sob três planos distintos.

1. Dialogismo designa em primeiro lugar a condição essencial do próprio ser e agir dos sujeitos. O sujeito só vem a existir na relação com outros sujeitos, assim como só age em relação a atos de outros sujeitos, nunca em abstração desses sujeitos e desses atos.
2. Dialogismo designa em segundo lugar a condição de possibilidade da produção de enunciados/discursos, do sentido, portanto. Segundo o Círculo, adquirimos a linguagem em contato com os usos da linguagem nas situações a que somos expostos (não nos dicionários ou nas gramáticas). Isso implica que o sentido nasce de “diálogos” (no sentido amplo) entre formas de enunciados/discursos passados, que já foram produzidos, e formas de enunciados/discursos futuros, que podem vir a ser produzidos – independentemente do “texto” desses discursos, mas claro que levando em conta as formas textuais tipicamente presentes em discursos.
3. Dialogismo é, por fim, a base de uma forma de composição de enunciados/discursos, o diálogo. O dialogismo não se restringe às réplicas “mostradas” de uma interação na superfície textual, que é a função da forma diálogo. Além disso, o fato de não se separarem “falas” num contexto não implica a inexistência de um diálogo. Do mesmo modo, “diálogo” não tem aqui o sentido do senso comum (SOBRAL, 2009. p. 35-36, grifo do autor).

O diálogo deve ser considerado sob o prisma da alteridade, em que todo indivíduo social interage e interdepende de outros indivíduos. O sujeito dialoga com os demais a fim de entender a si, o outro e o mundo. Essa relação se evidencia na linguagem, uma vez que o discurso do locutor se estabelece em relação ao interlocutor e vice-versa. Bakhtin (1979/2011) diz que as influências extratextuais têm importância fundamental no desenvolvimento do sujeito, pois elas estão revestidas de palavras e estas palavras pertencem a outras pessoas. Os discursos são construídos a partir dos discursos de outrem, dos discursos alheios. A consciência e a personalidade dos indivíduos se dão através do comportamento ativo, em que eles se apropriam dos discursos alheios para construir os seus e constituírem-se como sujeitos: “[...] na consciência do outro ele é capaz de ver e compreender apenas a sua própria consciência” (BAKHTIN, 1979/2011, p. 379). A conversão do discurso do outro em discurso próprio é um processo em que ocorre um paulatino esquecimento das palavras alheias por parte de quem as produz, resultando numa *aparente* consciência monológica. Desse modo, todo discurso é

dialógico, “o outro perpassa, atravessa, condiciona o discurso do eu”, conforme registra Fiorin (2003, p. 28).

A dialogia faz-se presente em toda teoria bakhtiniana, uma vez que o diálogo é intrínseco ao homem e à vida, e se manifesta por meio da interação das enunciações. As ideias e concepções de Bakhtin sobre a vida e o homem são regidas pelo princípio dialógico. O pensador russo diz que “a unidade real da língua que é realizada na fala não é a enunciação monológica individual e isolada, mas a interação de pelo menos duas enunciações, isto é, o diálogo” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929/2010, p. 152). Covre, Nagai e Miotello (2009), considerando a perspectiva teórica adotada pelo Círculo de Bakhtin, registram que a dialogia é o conceito da dialética do movimento, que não considera o *eu* e o *outro* separadamente, mas sim em relação, em constante diálogo, configurando, assim, a essência da linguagem. Os referidos autores ainda acrescentam:

Dialogia é atividade do diálogo e a atividade dinâmica entre EU e *Outro* em um território preciso socialmente organizado em *interação* linguística. Seria uma *dialética* que explica o homem pela produção do *diálogo*, pela atividade humana da linguagem. É o confronto das entoações e dos sistemas de valores que posicionam as mais variadas visões de mundo dentro de um campo de visão (COVRE, NEGAI, MIOTELLO, 2009, p. 29, grifo dos autores).

O homem não existe sem diálogo. Ele só se torna sujeito e se comunica por meio do diálogo. “Ser significa comunicar-se pelo diálogo” (BAKHTIN, 1929/2010, p. 293). Ao analisar o diálogo em Dostoiévski, Bakhtin revela que não se pode representar o homem interior senão pela representação de sua comunicação com outros homens:

Somente na comunicação, na interação do homem com o homem revela-se o “homem no homem” para outros ou para si mesmo. [...] o diálogo não é o limiar da ação, mas a própria ação. Tampouco é um meio de revelação, de descobrimento do caráter como que já acabado do homem. Quando termina o diálogo, tudo termina. (BAKHTIN, 1929/2010, p. 292-293).

O homem trava um eterno diálogo com outros homens. É pela alteridade que a comunicação se estabelece entre os sujeitos do discurso. A consciência dos indivíduos se funda na interação e no convívio entre diversas consciências. Cabe ressaltar que cada consciência deve considerar e respeitar os pontos de vista estabelecidos nesse grande diálogo que constitui o discurso, ou seja, a língua em

funcionamento. A palavra do *eu* só adquire sentido quando se relaciona com a palavra do *outro*. Ela é proferida já com o objetivo de suscitar outra palavra, resposta por parte do outro. A comunicação é repleta de relações dialógicas. É o diálogo que proporciona a relação entre diversas vozes, as quais são percebidas e evidenciadas no interior das palavras. Segundo Bakhtin (1929/2010), as relações dialógicas são a materialização das relações lógicas e concreto-semânticas, ou seja, é a língua tomando vida, funcionando como discurso, produzido por um autor, que estabelece juízo de valores, pontos de vista por meio de uma tensa e ininterrupta relação de inúmeras vozes. Nesse sentido, o autor age como um criador que expressa sua posição ideológica sobre a vida através do discurso.

As relações dialógicas perpassam toda e qualquer atividade humana. O diálogo faz parte da essência do homem, do indivíduo social. Por isso, Bakhtin (1929/2010, p. 47) afirma que as relações dialógicas são “um fenômeno quase universal, que penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana, em suma, tudo que tem sentido e importância”. Segundo o autor, as relações dialógicas estão por toda parte, integram todas as manifestações da vida humana consciente e racional, podendo ser observadas com maestria e primazia nas obras de Dostoiévski. Onde há consciência há diálogo. O homem, ao tomar consciência da vida e do mundo, o faz por meio do diálogo com outras consciências e com sua própria consciência, com seus diversos pontos de vista. Viver é encontrar-se em constante diálogo. Não há vida humana desprovida de diálogo. As relações dialógicas são percebidas, inclusive, na palavra, uma vez que nela se coaduna uma tensa relação entre diversas vozes discursivas.

Em *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin (1929/2010) enfatiza a extrema importância da relação entre as consciências. Essa relação se dá entre sujeitos distintos e entre a(s) consciência(s) de um mesmo e único sujeito. Para o autor, “o homem no homem”, o homem que dialoga com outro homem, só se estabelece por meio do processo simultâneo de autoconsciência e de interação entre consciências alheias. Ao tratar da consciência – pensamentos e ideias, os quais são envolvidos por um conteúdo ideológico e construídos no processo de interação social –, ele também mostra a estreita relação existente entre esta (a consciência, ou a relação entre as diferentes consciências) e o discurso, bem como a natureza dialógica que os constitui e os orienta. Consoante os pontos de vista apresentados, Bakhtin (1929/2010), considerando a visão artística dostoiévskiana,

ainda salienta que a existência do homem não depende de ideias individuais; o homem não se constitui na consciência individual, mas sim na comunicação dialogada entre as consciências.

[...] não se pode transformar o homem vivo em objeto mudo de um conhecimento conclusivo à revelia. No *homem sempre há algo, algo que só ele mesmo pode descobrir no ato livre da autoconsciência e do discurso, algo que não está sujeito a uma definição à revelia, exteriorizante* (BAKHTIN, 1929/2010, p. 66, grifo do autor).

A ideia é *um acontecimento vivo*, que irrompe no ponto de contato dialogado entre duas ou várias consciências. Nesse sentido, a ideia é semelhante *ao discurso*, com o qual forma uma unidade dialética. Como o discurso, a ideia quer ser ouvida, entendida e “respondida” por outras vozes e de outras posições. Como o discurso, a ideia é por natureza dialógica (BAKHTIN, 1929/2010, p. 98, grifo do autor).

Assim como ocorre nas obras de Dostoiévski, no discurso as ideias não são predeterminadas, não são dadas como algo acabado. As ideias são construídas através das inúmeras consciências que dialogam uma com as outras. Uma ideia incita outra ideia num processo mutuamente dialógico. Uma ideia, assim como uma palavra necessita de outra para dar-lhe sentido, para completá-la. É só nesse plano dialógico que as ideias figuram como imagens vivas no discurso.

O homem não vive nem sobrevive num mundo monológico. Ele é fruto do diálogo. Por isso faz parte de um mundo social, dialógico, em que há consciências / pontos de vista plurivalentes interagindo e se resignificando o tempo todo. O homem é um ser social, portanto, dialógico. Ele vive, se alimenta e se constitui nas relações dialógicas.

As relações dialógicas fazem parte do discurso. Não há discurso desprovido de relações dialógicas. Elas estão sempre presentes no interior do enunciado, que faz ressoar a voz de um autor, de um criador. Ressalta-se que as relações dialógicas são possíveis não somente entre enunciados integrais, elas também podem fazer parte de uma palavra isolada, desde que esta não funcione como um simples elemento linguístico, desprovido de responsividade, de posicionamento semântico. Se a palavra reflete e refrata a voz de um sujeito, se ela funciona como um enunciado, em que há a tensão entre diferentes pontos de vista, percebe-se nela o enfoque dialógico próprio de todo e qualquer discurso. “Por isso, as relações dialógicas podem penetrar no âmago do enunciado, inclusive no íntimo de uma

palavra isolada se nela se chocam dialogicamente duas vozes” (BAKHTIN, 1929/2010, p. 211).

Dessa forma, Bakhtin (1929/2010) ao tratar de língua e enunciação ultrapassa a visão da linguística do sistema, uma vez que entende esses conceitos a partir de uma ótica dialógica. Assim, para compreender o funcionamento discursivo da palavra é de extrema relevância o registro das concepções de língua, enunciação e discurso consideradas pela teoria dialógica do discurso, tópicos que serão abordados na próxima seção.

## 1.2 LÍNGUA, ENUNCIAÇÃO E DISCURSO <sup>3</sup>

A língua na concepção bakhtiniana (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929/2010) não pode ser tomada como um sistema de normas rígidas e imutáveis. Pelo contrário, a língua é flexível e variável, apresenta-se como uma corrente evolutiva ininterrupta, em que as normas estão em constante transformação. A língua é constituída por signos ideológicos e não por sinais, uma vez que as formas linguísticas adquirem significação no contexto, numa dada situação concreta. Os signos são descodificados, enquanto os sinais são identificados, pressupondo estes uma entidade de conteúdo imutável. O processo de descodificação leva à compreensão da língua, e o processo de identificação ao mero reconhecimento de elementos linguísticos. A forma linguística se apresenta aos sujeitos no contexto de enunciações precisas, o que implica sempre um contexto ideológico preciso.

Segundo Bakhtin/volochínov (1929/2010), a língua, no seu uso prático, não pode ser separada de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida. Se se considerar apenas a forma linguística vazia de ideologia, tem-se apenas sinais e não mais signos da linguagem. A língua como forma abstrata não possui existência objetiva, não tem vida, uma vez que não dá conta dos propósitos imediatos da comunicação humana. Para os agentes do discurso – locutor e interlocutor –, as formas linguísticas não têm valor como sinal rígido e inflexível, mas apenas como signo

---

<sup>3</sup> Na tradução do russo do ensaio *Os gêneros do discurso* (1979/2011, p. 261), Paulo Bezerra observa que as palavras *enunciação* e *enunciado*, na obra bakhtiniana, advêm do termo russo *viskázivanie*, que significa “ato de enunciar, de exprimir, transmitir pensamentos, sentimentos etc. em palavras”, não remetendo a conceitos distintos. Registra-se, ainda, que Bakhtin também não faz distinção entre os termos *língua* e *linguagem*, atribuindo as mesmas características às duas rubricas. Ou seja, o tratamento dado à língua equivale ao da linguagem.

instável e flexível. Compreender uma língua é ultrapassar os limites do reconhecimento linguístico. Assim,

a decodificação da forma linguística não é o reconhecimento do sinal, mas a compreensão da palavra no seu sentido particular, isto é, a apreensão da orientação que é conferida à palavra por um contexto e uma situação precisos, uma orientação no sentido da evolução e não do imobilismo. A assimilação ideal de uma língua dá-se quando o sinal é completamente absorvido pelo signo e o reconhecimento pela compreensão. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929/2010, p. 97-98).

O uso da língua requer a compreensão das palavras em contextos particulares, não o reconhecimento de formas linguísticas abstratas, de sinais imutáveis. Uma língua só se torna uma língua quando as palavras são tomadas e entendidas como signos, providas de sentido e de vida. Enquanto se percebe o componente de sinalidade não há língua, há apenas o reconhecimento de itens linguísticos, como acontece no processo inicial de aquisição de uma língua estrangeira, quando ainda não houve apropriação da língua. Conforme já registrado neste trabalho, os elementos linguísticos bem como a língua como sistema não têm nenhum sentido para o falante nativo. Para ele, as palavras tomam forma e sentido a partir das enunciações proferidas na sua comunidade linguística. Enunciações que são produzidas por ele mesmo e por outros locutores. É assim que se assimila uma língua, por meio de uma prática viva e significativa.

Para o Círculo, a verdadeira substância da língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal e se realiza através da enunciação. Toda enunciação, toda expressão tem como centro organizador não o interior, mas sim o exterior. Está situado no meio social que envolve o indivíduo. É a enunciação que dá forma à língua através de atos de fala concretos e individuais. Dessa forma, a língua é vista como um produto social, uma vez que está a serviço da comunicação entre os falantes e sofre influência do meio. O locutor e o interlocutor interagem mutuamente com o propósito de satisfazerem suas necessidades enunciativas concretas. Para isso, as formas linguísticas adquirem um novo sentido, conforme a situação enunciativa e o contexto em que estão inseridas. Porém, a enunciação também possui um aspecto estável, uma vez que ocorre sempre por meio do fluxo ininterrupto de atos de fala, obedecendo sempre às categorias *sujeito – tempo – espaço*.

Na obra intitulada *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929/2010, p. 101), Bakhtin/Volochínov registra que a enunciação figura como “uma resposta a alguma coisa e é construída como tal”. Ainda sobre enunciação, observa:

Cada enunciação, cada ato de criação individual é único e não reiterável, mas em cada enunciação encontram-se elementos idênticos ao de outras enunciações no seio de um determinado grupo de locutores. São justamente estes traços *idênticos*, que são assim normativos para todas as enunciações – traços fonéticos, gramaticais e lexicais –, que garantem a unicidade de uma língua e sua compreensão por todos os locutores de uma mesma comunidade (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV 1929/2010, p. 79, grifo do autor).

Toda enunciação se ancora em elementos reiteráveis, em aspectos que perpassam outras enunciações. Segundo Bakhtin/Volochínov (1929/2010), o que torna cada enunciação compreensível é justamente a identidade normativa das formas linguísticas, aspecto constitutivo de toda e qualquer realização individual e não repetível. Os traços comuns referentes à língua se inter-relacionam constantemente com os processos individuais de atos de fala. É a partir dessa relação, que é condicionada por aspectos discursivos como situação enunciativa (quem fala? para quem? sobre o que fala? com que projeto enunciativo?), contexto de produção, alteridade, entonação, reflexo/refração, que a enunciação toma forma e constitui sentido. Por isso, Bakhtin (1979/2011, p.274, grifo do autor) considera o enunciado a “*real unidade da comunicação discursiva*”. Sobre esse aspecto, Sobral (2009, p. 92) registra:

[...] o enunciado tem caráter concreto, é fruto de uma relação concreta entre sujeitos concretos que se acha refletida em sua estrutura. A ênfase no “concreto” assinala precisamente o fato de o conceito de enunciado ser um conceito enunciativo, não um conceito textual com o qual se designam frases usando o termo enunciado, embora se permaneça no plano mais restrito do texto como unidade gramaticalmente fechada em si. O que faz que uma frase/texto seja tomada como enunciado é portanto algo que vai além da frase e do texto: a ação concreta do autor de conceber (intencionalidade) e executar (enunciação) um dado projeto enunciativo numa dada situação de enunciação, algo que não anula as formas da língua, mas vai necessariamente além delas. Além disso, é preciso haver uma situação comum ao locutor e ao interlocutor; o conhecimento dessa situação por eles e um acordo, de grau variável, sobre sua compreensão; e certo acordo, de grau variável, sobre como avaliar essa situação.

A enunciação, de acordo com Bakhtin/Volochínov (1929/2010, p. 101), é uma resposta à outra enunciação; “é um elo na cadeia dos atos de fala”. Assim, toda enunciação cumpre uma função em relação à outra anteriormente proferida, qual

seja: corroborar, acrescentar, refutar, negar, confirmar, entre outras. Ela indica sempre um acordo ou um desacordo com algo. A enunciação não requer passividade; ela exige uma compreensão ideológica ativa por parte do locutor, que, ao se enunciar, assume a responsabilidade de uma resposta em relação ao já posto. Para tanto, as palavras devem ser compreendidas como réplicas ativas, fazendo com que os sujeitos reajam somente àquelas que despertam ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. As palavras procedem de um locutor e se dirigem a um interlocutor num processo de interação mútua. “A enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929/2010, p. 116).

A enunciação compreende não só os elementos linguísticos que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entoações), mas igualmente os elementos não verbais da situação. A estrutura da enunciação é determinada pela inter-relação social num dado contexto, em que a palavra figura como signo social. “A situação e os participantes mais imediatos determinam a forma e o estilo ocasionais da enunciação” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929/2010, p. 118). A atividade mental dos sujeitos se configura em relação à orientação social, por meio da enunciação. Percebe-se, então, que a enunciação possui um caráter ideológico, assim como qualquer atividade humana e/ou expressão viva. Organiza-se a partir do meio social em que é produzida, gerada. Por isso, Bakhtin/Volochínov (1929/2010) afirma que a enunciação é a unidade real da cadeia verbal, realizando-se tão somente no curso da comunicação verbal, apesar de evocar também o meio extraverbal da vida corrente. É a sua estrutura socioideológica que a eleva ao estado de realidade da linguagem.

Ao tratar da linguagem, Bakhtin (1929/2010), em *Problemas da Poética de Dostoiévski*, enfatiza a importância das relações dialógicas, que são extralinguísticas e figuram como objetos da metalinguística, estando diretamente vinculadas ao campo do discurso. A linguagem é totalmente dependente das relações dialógicas, que podem ocorrer tanto entre os sujeitos, propriamente ditos, como entre os pontos de vista estabelecidos no discurso. Ela só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. Ao se produzir linguagem, está-se interagindo, pois, ao falar ou escrever, há a relação de diversas ideias que interagem uma com as outras, bem como os sujeitos que as produzem. Ao tratar sobre as ideias de responsividade e de interação propostas pelo Círculo de Bakhtin, Sobral (2009) diz que:

O conceito de dialogismo, vinculado indissolavelmente com o de interação, é assim a base do processo de produção dos discursos e, o que é mais importante, da própria linguagem: para o Círculo, o locutor e o interlocutor têm o mesmo peso, porque toda enunciação é uma “resposta”, uma réplica, a enunciações passadas e a possíveis enunciações futuras, e ao mesmo tempo uma “pergunta”, uma “interpelação” a outras enunciações: o sujeito que fala o faz levando o outro em conta não como parte passiva mas como parceiro – colaborativo ou hostil – ativo. A linguagem para o Círculo define-se precisamente a partir dessa cadeia ou corrente mutante de enunciações, de enunciados concretos, sem prejuízo da estabilidade relativa das “frases”, das “formas da língua”, que são o material das enunciações, mas não sua “essência” (SOBRAL, 2009, p. 33, grifo do autor).

Assim, em relação ao estudo da linguagem verbal, Bakhtin (1929/2010, p. 207, grifo do autor) afirma que o interesse deve residir no “*discurso*, ou seja, a língua em sua integridade viva e concreta”, que, por sua vez, deve ser tratado pelo viés da translinguística (metalinguística) pelo fato dessa disciplina ultrapassar os limites da linguística do sistema. “A linguística e a metalinguística estudam o mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético – o discurso, mas estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão” (BAKHTIN, 1929/2010, p. 207). Na opinião de Bakhtin, essas disciplinas devem se completar mutuamente, mas não se fundir. O autor também revela que, na prática, os limites entre elas são frequentemente violados.

A linguística do sistema tenta impor a categoria de língua “única”, como se sobre ela atuassem apenas forças centrípetas, que exercem um papel centralizador, estabilizador e monológico. Porém, essas forças atuam no plurilinguismo real da vida. Durante a sua formação, a linguagem se estratifica não só em dialetos linguísticos, mas em línguas socioideológicas. Além das forças centralizadoras e unificadoras (forças centrípetas), a língua sofre influência das forças centrífugas, que impõem um processo de descentralização e desunificação. As forças centrípetas e as forças centrífugas cruzam-se na enunciação concreta do sujeito do discurso.

Na obra *Questões de Literatura e Estética* (1975/1998), Bakhtin menciona o processo de reflexo e de refração da linguagem. O reflexo se dá quando determinado discurso retoma o discurso já instituído, quando ele se vê fiel a ideias gerais, a pontos de vista de outros discursos. É o registro do discurso anteriormente produzido. Já a refração remete à ideia do discurso vivo e inimitável. O sujeito, ao produzir o seu discurso, se vale do discurso alheio, mas, ao mesmo tempo, reage a ele, operando uma mudança significativa no próprio discurso, em que novas ideias e

novas significações são verificadas. O discurso refratado se comporta como um raio, uma vez que, ao atravessar os discursos de outrem, faz brilhar as diferentes facetas da linguagem, isto é, aponta novos caminhos interpretativos, em que novos pensamentos são produzidos/refratados. Assim, a refração exige a transcendência do estritamente linguístico e o entendimento da mútua-orientação dialógica do discurso alheio no interior do objeto.

No que tange à produção linguística, pode-se afirmar que sempre há um entrecruzamento de discursos que se realizam através de uma interação viva e tensa. Há diversas vozes coexistindo dentro de um mesmo discurso. A linguagem é essencialmente plurivocal, tendo em vista que abarca uma enorme gama de elementos plurilíngues referentes a outros discursos e, inclusive, a línguas diferentes. Qualquer que seja o discurso produzido, ele estará sempre sob influência de outros discursos, carregando com ele uma multiplicidade de significações e pontos de vista. Mas, dependendo da situação comunicativa e do contexto, as diversas vozes podem aparecer de maneira mais ou menos explícita. Muitas vezes não se percebe a pluralidade de vozes, devido à tendência de se considerar o discurso como monológico, em que as palavras e as ideias são tomadas como elementos absolutos e exclusivos daquele que as enunciam. É a pluralidade de vozes que possibilita o fluxo da comunicação verbal. Através da voz do outro, o indivíduo interage com o mundo e constrói o seu próprio discurso (repleto de vozes do outro), dando forma à língua a partir de um processo evolutivo contínuo.

[...] na prática cotidiana, ouvimos de modo muito sensível todas essas nuances nos discursos daqueles que nos rodeiam; nós mesmos trabalhamos muito bem com todas essas cores da nossa paleta verbal. Percebemos de modo muito sensível o mais ínfimo deslocamento da entonação, a mais leve descontinuidade de vozes no discurso cotidiano do outro, essencial para nós. Todas essas precauções verbais, ressalvas, evasivas, insinuações e ataques são registrados pelos nossos ouvidos e são familiares aos nossos próprios lábios (BAKHTIN, 1929/2010, p. 231).

Em relação à língua conforme propõe o Círculo de Bakhtin, não se pode falar em acabamento, propriamente dito. Há um acabamento estético, quando se passa a palavra ao outro, mas, na essência, não há acabamento. A língua constitui-se como algo inacabado pelo fato de ser um organismo vivo em constante evolução, que ultrapassa as leis impostas por um sistema linguístico abstrato. A sistematização abstrata desloca a língua do fluxo da comunicação verbal, oculta-lhe a alma,

“tratando as línguas vivas como se fossem mortas e estrangeiras” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929/2010, p. 111). Por isso, a língua não é transmitida, ela dura e perdura nesse fluxo como processo evolutivo contínuo. O sujeito toma consciência da vida e do mundo por meio da língua. É na língua e através dela que o sujeito se constitui.

Sendo assim, percebe-se que língua e enunciação não podem ser consideradas a partir de uma orientação monológica; elas são plurilíngues por natureza. Comportam uma pluralidade de vozes discursivas que se entrecruzam no seio dos atos de fala e por meio das palavras. Língua, enunciação e discurso são determinados por uma orientação dialógica. O dialogismo figura como o princípio essencial para o tratamento da língua e condiciona o sentido do discurso. Tudo que diz respeito à língua encontra-se sempre numa relação de diálogo constante.

O debilitamento ou a destruição do contexto monológico só ocorre quando convergem duas enunciações iguais e diretamente orientadas para o objeto. Dois discursos iguais e diretamente orientados para o objeto não podem encontrar-se lado a lado nos limites de um contexto sem se cruzarem dialogicamente, não importa que um confirme o outro ou se completem mutuamente ou, ao contrário, estejam em contradição ou em quaisquer outras relações dialógicas (por exemplo, na relação entre pergunta e resposta). Duas palavras de igual peso sobre o mesmo tema, desde que estejam juntas, devem orientar inevitavelmente uma à outra. Dois sentidos materializados não podem estar lado a lado como dois objetos: devem tocar-se internamente, ou seja, entrar em relação semântica (BAKHTIN, 1929/2010, p. 216).

Assim, o discurso ganha vida no terreno dialógico. É nesse terreno fértil que as relações entre ideias, consciências, sujeitos e vozes são cultivadas e estabelecidas, determinando o sentido do discurso e a plasticidade da língua. Segundo Sobral (2009, p. 103), “o discurso é assim o ponto de convergência entre um dado evento de construção simbólica do mundo e o cenário desse evento, sendo assim a unidade em que se manifesta a real natureza da língua”.

Nessa perspectiva, a palavra exerce um papel fundamental no interior da língua porque é através dela que se percebe a orientação dialógica da linguagem numa dada situação concreta. Para tanto, registra-se, a seguir, a orientação dialógica da palavra, uma vez que esta constitui a arena em que se estabelece a interação de diversas vozes sociais, responsáveis pela construção do sentido do discurso.

### 1.3 A ORIENTAÇÃO DIALÓGICA DA PALAVRA

A dialogicidade da língua e do discurso é evidenciada pela palavra. Ela figura como o elemento condutor das relações dialógicas e da consequente plasticidade da língua. Porém, faz-se importante ressaltar que a plasticidade da palavra é condicionada por diversos aspectos discursivos, tais como ideologia, alteridade, contexto, entonação, reflexo/refração, forças centrípetas e forças centrífugas, forma. Esses aspectos são impressos na palavra de modos diferentes cada vez que esta é enunciada. O diálogo entre esses distintos aspectos discursivos, bem como a maneira como eles são impressos é o que permite a singularidade de sentido das palavras. O sujeito falante ao se enunciar, mesmo que faça uso de uma mesma forma, imprime um tom único e específico à palavra. O colorido de uma palavra e a sua autenticidade de sentido dão-se por meio de um tenso diálogo entre os diversos aspectos. Segundo Bakhtin (1929/2010, p. 232), a palavra é “um meio constantemente ativo, constantemente mutável de comunicação dialógica”. Através da palavra o homem dialoga com outro homem. A palavra possibilita o entendimento do homem sobre si próprio, sobre o outro e sobre o mundo. É na e pela palavra que o homem se constitui como sujeito por meio de um processo dialógico inacabável.

A única forma adequada de *expressão verbal* da autêntica vida do homem é o *diálogo inconcluso*. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal (BAKHTIN, 1929/2010, p. 329, grifo do autor).

De acordo com Bakhtin/Volochínov (1929/2010), a palavra constitui um signo ideológico, uma vez que nela habitam diversas vozes sociais, responsáveis pela transmissão de diferentes pontos de vista, ideias, crenças, tradições. A palavra é impregnada de um conteúdo ideológico, que se constrói no processo de interação social, ou seja, no uso da língua. Como todo signo, ela possui significado e remete a algo fora de si mesma. A palavra figura como arena em que há o entrecruzamento de índices de valor sociais. A ideologia confere vida e mobilidade à palavra. Ao ser enunciada, a palavra é alimentada pela interação viva das forças sociais. A vida

cotidiana é refletida e refratada por meio da palavra, que revela sempre um horizonte social de valor. O locutor, ao compor seu discurso, exprime seu pensamento, seu ponto de vista, enfim, sua ideologia sobre a vida. Por isso,

a consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso das relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto significante, etc. constituem seu único abrigo. Fora desse material, há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhe conferem. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929/2010, p. 36)

Bakhtin/Volochínov registra que a palavra, além de ser um signo ideológico por excelência, “é também um signo *neutro*” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929/2010, p. 37, grifo do autor), no sentido de que ela é vazia por si mesma (como forma apenas) e só adquire significado/valor na enunciação, no uso. “As palavras não são de ninguém, em si mesmas nada valorizam, mas podem abastecer qualquer falante e os juízos de valor mais diversos e diametralmente opostos dos falantes” (BAKHTIN, 1979/2011, p. 290). Para Sobral (2009, p. 79), a palavra em sua condição de signo ideológico possui as seguintes características:

a. servir à expressão de qualquer realidade; b. servir a qualquer função ideológica sem estar ligadas intrinsecamente a elas; c. participar de todo fenômeno interativo; d. servir à linguagem interna; e. ser uma presença necessária e concomitante a todo ato consciente.

A palavra se origina e se desenvolve no processo de socialização, na interação entre os indivíduos, e somente a partir desse processo é que ela é incorporada pelo sujeito e transforma-se em fala interior. Ou seja, a palavra é condicionada pelo meio social. Ela emerge do meio social para posteriormente ser integrada ao organismo individual. Por isso, a palavra é material responsável por refletir e refratar as diferentes relações sociais bem como as transformações (sociais) que se configuram a partir delas.

Em todo ato de fala, a atividade mental subjetiva se dissolve no fato objetivo da enunciação realizada, enquanto que a palavra enunciada se subjetiva no ato de descodificação que deve, cedo ou tarde, provocar uma codificação em forma de réplica. Sabemos que cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de

orientação contraditória. A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929/2010, p. 67).

O sentido da palavra é totalmente dependente do contexto de produção, conforme registra Bakhtin/Volochínov (1929/2010). Não se pode encerrar a palavra num dicionário, como se ela comportasse apenas um ou dois significados. Uma única e mesma palavra pode aparecer em diferentes contextos, mas a cada registro ela apontará um significado próprio, evidenciando a dinamicidade da língua. A palavra é essencialmente plurivocal. Ela comporta uma infinidade de acentos de valor, que se estabelecem a partir de uma situação de interação e de conflito tenso e ininterrupto. Não se pode compreender a palavra fora de seu contexto de uso. É no uso que ela é preenchida por avaliações sociais e conseqüentemente adquire sentido. A palavra fora de um contexto de produção não passa de uma forma, de um elemento linguístico, desprovido de vida. Conforme Bakhtin, a palavra não pode ser entendida como objeto. O autor declara que

ela nunca basta a uma consciência, a uma voz. Sua vida está na passagem de boca em boca, de um contexto para outro, de um grupo social para outro, de uma geração para outra. Nesse processo ela não perde o seu caminho nem pode libertar-se até o fim do poder daqueles contextos concretos que integrou (BAKHTIN, 1929/2010, p. 232).

Os sujeitos ao dialogarem interagem verbalmente, indicando sempre um acordo ou um desacordo com algum ponto de vista, que é percebido através da palavra, entendida por Bakhtin/Volochínov (1929/2010) como uma *ponte*, responsável por estabelecer a ligação entre o locutor e o interlocutor. “A palavra é território comum do locutor e do interlocutor” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929/2010, p. 117) Todo discurso é orientado na direção de uma resposta a algo e/ou a alguém. Dessa forma, a compreensão de uma palavra se dá pela resposta, pela *contrapalavra* conferida à palavra de outrem. “A maneira individual pela qual o homem constrói seu discurso é determinada consideravelmente pela sua capacidade inata de sentir a palavra do outro e os meios de reagir diante dela” (BAKHTIN, 1929/2010, p. 225). Ao ser enunciada, a palavra é revestida por avaliações alheias e povoada de vozes alheias, ao mesmo tempo que as refrata, apontando outros caminhos interpretativos, outras possibilidades de sentido. O locutor reavalia/reelabora o conteúdo da palavra alheia, imprimindo-lhe uma nova

entonação expressiva num processo de compreensão ativa e responsiva. A mudança do acento avaliativo da palavra em função do contexto ocasiona, conseqüentemente, mudança de sentido. É a pluralidade de sentidos que dá vida à palavra. A palavra enunciada com entonação expressiva, repleta de acentos valor, já não é mais um signo neutro/vazio, mas um “enunciado acabado expresso por uma palavra” (BAKHTIN, 1979/2011, p. 290).

O sentido das palavras também é determinado por meio do processo de reflexo e de refração, uma vez que a palavra enunciada pelo locutor já foi usada por outro sujeito, em um outro contexto. Dessa forma, o sentido de dada palavra carrega o sentido já colocado anteriormente por outro, ao mesmo tempo que o refrata, operando uma significativa mudança de sentido. O sentido de uma palavra nunca é totalmente novo, uma vez que nela habitam, de certa forma, vozes sociais já postas, que remete ao processo de reflexo; porém, cada vez que a palavra é usada, sofre alterações semânticas, ou seja, o locutor imprime seu ponto de vista, sua ideologia, indicando novas possibilidades de interpretação a ela, o que evidencia o processo de refração. O Círculo entende que

no processo de referenciação, realizam-se, portanto, duas operações simultâneas nos signos: eles *refletem* e *refratam* o mundo. Quer dizer: com os signos podemos apontar para uma realidade que lhes é externa (para a materialidade do mundo), mas fazemos sempre de modo refratado. E *refratar* significa, aqui, que com nossos signos nós não somente descrevemos o mundo, mas construímos – na dinâmica da história e por decorrência do caráter sempre múltiplo e heterogêneo das experiências concretas dos grupos humanos – diversas interpretações (*refrações*) desse mundo. (FARACO, 2009, p. 50-51, grifo do autor).

Considerando o exposto, pode-se perceber que a palavra ao ser enunciada traz consigo ideologias e sentidos já colocados no mundo, mas o locutor sempre os reavalia, dá um novo direcionamento interpretativo à mesma forma. Ressalta-se que essa reavaliação se dá por meio de um processo dialógico, o locutor ressignifica o discurso já posto sempre em função do interlocutor. Ou seja, a palavra dialoga com a palavra do outro, conservando (reflexo) e ampliando (refração) a voz alheia. O horizonte social de valor já conhecido e o inédito se chocam no interior da palavra em cada ato discursivo, gerando novos sentidos, os quais são reiterados e ressignificados constantemente. A palavra por ser um fenômeno ideológico por natureza reflete e refrata as mais diversas finalidades sociais, por meio de uma atitude responsiva, uma posição ativa.

Ao mesmo tempo que se considera a imensa importância do sentido para a compreensão da palavra, não se pode ignorar os elementos linguísticos que a compõem, a sua parte formal. Ela é composta por forma e sentido, o que remete aos conceitos de *significação* e *tema*, bem como de *sinal* e *signo* postulados por Bakhtin/Volochínov no livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1929/2010).

A significação é compreendida como os elementos formais, reiteráveis e idênticos cada vez que são repetidos. São elementos abstratos, uma vez que, isoladamente, fora do fluxo vivo da língua, não possuem existência concreta. Remete ao aparato técnico para a realização do tema; é a palavra fechada no sistema linguístico. Aponta para o conceito de sinal, entidade estável e imutável, que não pertence ao domínio da ideologia. Já o tema é não reiterável, faz parte de um sistema dinâmico e complexo, em que o sentido só se estabelece no contexto de uma dada situação concreta. Instaura-se no plano do signo ideológico, como elemento variável e flexível.

O tema é um atributo da enunciação e por isso ele só pode pertencer à palavra se ela funcionar como enunciação global. O tema é único e concreto. “Ele se apresenta como a expressão de uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929/2010, p. 133). Diferentemente de uma forma linguística isolada, somente a enunciação possui tema. Tema e forma são indissociáveis e figuram como elementos constitutivos da palavra. O tema não existe sem a significação nem a significação se constitui sem o tema. O sentido se estabelece na enunciação por meio da inter-relação entre a significação e o tema. De acordo com Bakhtin/Volochínov (1929/2010), é inviável apreender o sentido de uma palavra isolada, sem colocá-la em funcionamento. Nesse caso, a palavra precisa ser mencionada no contexto de uma enunciação para que sua significação, bem como seu tema possam ser determinados.

Os significados lexicográficos neutros das palavras da língua asseguram para ela a identidade e a compreensão mútua de todos os seus falantes, contudo o emprego das palavras na comunicação discursiva viva sempre é de índole individual-contextual (BAKHTIN, 1979/2011, p. 294).

Para exemplificar a relação entre significação e tema, Bakhtin/Volochínov (1929/2010) menciona o caso das línguas dos povos primitivos, em que o homem pré-histórico fazia uso de uma única e mesma palavra, ou uma só significação, para

expressar diferentes temas e, até mesmo, conceitos totalmente opostos. Tal exemplo demonstra a predominância do tema em relação à significação: “o tema absorve, dissolve em si a significação, não lhe deixando a possibilidade de estabilizar-se e consolidar-se” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929/2010, p. 135). Isso confirma a capacidade que a palavra tem de designar diferentes sentidos, revela a sua plasticidade.

A palavra que comporta uma multiplicidade de sentidos não é apenas uma forma linguística, mas sim uma enunciação, provida de alma e vida. E o que proporciona essa força vital à palavra é sua entonação. Dependendo do acento apreciativo que se confere a uma palavra, ela abarcará um ou outro sentido, mesmo se tratando de uma “mesma forma linguística”. Porém, a significação é de suma importância, pois possibilita à língua certa estabilidade, que permite o entendimento entre os sujeitos. A significação estabelece uma ligação entre o que foi proferido e o que ainda será produzido. A estabilidade também é necessária para que o sentido se estabeleça. Se não houver uma base sólida em que os significados possam se ancorar, não haverá multiplicidade de sentidos. Assim, para a teoria dialógica do discurso, o tema compreende o *estágio superior real da capacidade linguística de significar*, enquanto a significação remete ao *estágio inferior da capacidade de significar*, entendendo-se aqui *significar* como produção de sentido. O tema aponta para o estudo da apreensão do sentido de uma dada palavra no contexto de uma enunciação concreta. Já a significação remete ao significado de uma palavra a partir de seu entendimento no sistema da língua. É impossível estabelecer uma fronteira precisa entre tema e significação. Como todo e qualquer conceito que refere à língua, estes são regidos por uma relação de alteridade, em que um se constitui em função do outro, num processo de evolução e reavaliação constante.

Não há nada na composição do sentido que possa colocar-se acima da evolução, que seja independente do alargamento dialético do horizonte social. A sociedade em transformação alarga-se para integrar o ser em transformação. Nada pode permanecer estável nesse processo. É por isso que a significação, elemento abstrato igual a si mesmo, é absorvida pelo tema, e dilacerada por suas contradições vivas, para retornar enfim sob a forma de uma nova significação com uma estabilidade e uma identidade igualmente provisórias (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929/2010, p. 141).

Pode-se mencionar ainda o fato de que sobre/na palavra atuam forças centrípetas e forças centrífugas. No ensaio intitulado *O Discurso no Romance*

(1975/1998), em *Questões de Literatura e Estética*, Bakhtin afirma que as forças centrípetas tendem à unificação do sentido, como se cada palavra exprimisse apenas um significado, enquanto as forças centrífugas tendem à desunificação, ao plurilinguismo social e histórico, característica própria de toda e qualquer palavra que pertença a uma língua viva. Em realidade, a centralização verbo-ideológico caminha ao lado da estratificação e da descentralização do sentido da palavra. As forças centrípetas e centrífugas cruzam-se no interior da palavra.

A palavra se relaciona com outros signos ideológicos, de caráter não verbal. Embora nenhum desses signos ideológicos possa ser inteiramente substituído por palavras, cada um deles se apoia nelas e é, ao mesmo tempo, acompanhado por elas. Segundo Bakhtin/Volochínov (1929/2010, p. 53), “o discurso interior se entrecruza com uma massa de outras reações gestuais com valor semiótico. Mas a palavra se apresenta como o fundamento, a base da vida interior”, uma vez que sua eliminação comprometeria bastante a atividade psíquica, enquanto a retirada de todos outros elementos expressivos a alterariam muito pouco.

Bakhtin/Volochínov (1929/2010), ao tratar da palavra, ressalta o imenso papel histórico e ideológico conferido à palavra estrangeira no processo de formação das civilizações. A palavra estrangeira se comporta como um veículo gerador de cultura, que se manifesta nas diferentes esferas sociais, abrangendo desde a estrutura sócio-política até o código de boas maneiras. Esse papel organizador da palavra estrangeira impõe à consciência histórica dos povos a ideia de *poder*, de *força*, de *santidade*, de *verdade*, e leva muitos estudiosos a voltarem sua atenção sobre ela, como forma de apreender a verdadeira essência do mundo.

Assim, a palavra traduz a ideologia de uma cultura entendida como antiga e poderosa, que, por sua vez, escraviza a consciência de povos considerados inferiores. A palavra estrangeira estabelece certa aproximação com aquilo que Bakhtin (1975/1998) chamou de *palavra autoritária*. Esta constitui a palavra reconhecida no passado. É a palavra religiosa, política, moral, dos pais, dos adultos, dos professores, que de alguma maneira exprime a ideia de autoridade e de hierarquia. “A palavra autoritária não se representa – ela apenas é transmitida” (BAKHTIN, 1975/1998, p. 144), devido a sua rigidez semântica e a sua singularização aparente e afetada. Porém, ela pode ser portadora de diferentes conteúdos, tais como o autoritarismo, a autoridade, o tradicionalismo, o universalismo, o oficialismo, entre outros. Esse tipo de palavra exige o

reconhecimento incondicional por parte do sujeito, mas não uma compreensão e assimilação livre em suas próprias palavras.

Bakhtin (1975/1998) também menciona a *palavra interiormente persuasiva*, que remete à assimilação da palavra alheia pelo sujeito a ponto de torna-se sua. A palavra alheia se entrelaça com a palavra do sujeito num processo em que a fronteira entre elas se torna quase imperceptível. Ela é comumente metade do sujeito, metade de outrem. A palavra interiormente persuasiva é reconhecida e assimilada, mas continua a se desenvolver livremente, adaptando-se ao novo material, às novas circunstâncias, aos novos contextos de produção. Sua estrutura (semântica) é inacabada, dinâmica, flexível, permanece aberta a novas possibilidades semânticas a cada novo uso.

Conforme Bakhtin (1975/1998), a palavra produtiva do outro engendra dialogicamente em resposta uma nova palavra do sujeito. Desse modo, compreender requer a apreensão de uma palavra a partir de um processo ativo e responsivo. O sentido de uma palavra não está dado, fixado na forma linguística, mas é construído pelos interlocutores durante o ato enunciativo. O locutor ao lançar uma palavra ao seu interlocutor realiza projeções em relação ao que é proferido, responde a discursos anteriores, bem como antecipa respostas futuras. O interlocutor, por sua vez, atribui *contrapalavras* ao dizer do locutor, ou seja, responde, ressignifica, acrescenta algo em relação ao discurso posto pelo locutor. A compreensão ativa e responsiva ocorre por meio de um processo mútuo entre os sujeitos do discurso, no sentido em que eles respondem à palavra enunciada e, ao mesmo tempo, se responsabilizam pelo que dizem. Os sujeitos, ao se inter-relacionarem, imprimem à palavra uma entoação específica, evidenciando que “só a corrente da comunicação verbal fornece à palavra a luz da sua significação” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929/2010, p. 137).

De acordo com a teoria bakhtiniana (BAKHTIN, 1979/2011, p. 294), a palavra existe para o falante sob três aspectos: 1) *palavra na língua*: é a palavra sem referência à realidade concreta, não pertence a nenhum sujeito; 2) *palavra alheia*: é a palavra de outrem, banhada de ressonâncias de outros enunciados; 3) *minha palavra*: é a palavra usada pelo locutor numa dada situação concreta, impregnada de expressividade. No caso dos dois últimos aspectos, a palavra se revela expressiva, mas tal expressividade não remete à palavra propriamente dita: ela nasce da relação entre a palavra e o contexto real de uso. Conforme o anteriormente

registrado, todo discurso é repleto de palavras de outrem, as quais revelam sua expressividade, seu acento de valor, que é assimilado, reelaborado e/ou reavaliado pelo sujeito, retratando o caráter essencialmente dialógico da palavra e da língua. Bakhtin/Volochínov (1929/2010, p. 137, grifo do autor) afirma:

Toda palavra usada na fala real possui não apenas tema e significação no sentido objetivo, de conteúdo, desses termos, mas também um acento de valor ou *apreciativo*, isto é, quando um conteúdo objetivo é expresso (dito ou escrito) pela fala viva, ele é sempre acompanhado por um acento apreciativo determinado. Sem acento apreciativo, não há palavra.

Para demonstrar a extrema relevância da entonação dada à palavra e ao discurso, o pensador russo, de maneira análoga ao exemplo dos povos primitivos que utilizavam uma única e mesma palavra para exprimirem diferentes sentidos, menciona a conversa de seis operários que usam uma só palavra para expressarem múltiplos sentidos e, conseqüentemente, revelam distintas apreciações valorativas, como desdém, injúria, entusiasmo, entre outras. Esse exemplo mostra, mais uma vez, que o tom expressivo impresso à palavra é que permite a construção do sentido do discurso, pois, dependendo do acento de valor que os interlocutores, num contexto preciso, atribuírem à palavra é que sua compreensão se efetivará, revelando, assim, certa orientação apreciativa e determinado sentido: “É por isso que na enunciação viva cada elemento contém ao mesmo tempo um sentido e uma apreciação” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929/2010, p. 140).

Desse modo, as palavras são selecionadas segundo as especificações do gênero do discurso, uma vez que elas carregam a expressividade típica e os ecos dos gêneros dos quais fazem parte. Não se pode entender a palavra fora do gênero, pois ela reflete as formas de dizer relativamente estáveis de cada esfera da atividade social. Destaca-se que a plasticidade da palavra está intrinsecamente relacionada com o gênero em que figura, uma vez que há gêneros mais coercitivos, que imprimem um funcionamento à palavra em que a tensão de vozes sociais é menos aparente. Ou seja, a palavra no contexto de um gênero coercitivo possui menos mobilidade semântica, é menos afetada por índices valorativos. Já ao funcionar no interior de gêneros mais plásticos, mais suscetíveis à absorção de diferentes vozes sociais, a palavra se comporta como um terreno fértil onde forças centrífugas atuam sobre ela, propiciando a construção de distintos sentidos. Para tanto, a próxima seção aborda a definição de gênero pautada pela teoria dialógica

de Bakhtin, bem como discorre sobre relação entre este e outros aspectos e/ou conceitos dialógicos que perpassam a palavra e condicionam o seu sentido.

#### 1.4 OS GÊNEROS DO DISCURSO

O uso da linguagem perpassa todos os campos da atividade humana, como observa Bakhtin (1979/2011). A língua é empregada sob forma de enunciados concretos e únicos que refletem as condições específicas e as finalidades de cada campo de comunicação. Sendo assim, os locutores, ao enunciarem, o fazem por meio de gêneros do discurso. O pensador russo considera os gêneros discursivos como “*tipos relativamente estáveis de enunciados*” (BAKHTIN, 1979/2011, p. 262, grifo do autor). Os gêneros surgem das necessidades comunicativas dos sujeitos e estão diretamente relacionados às diferentes situações sociais. As distintas esferas da atividade social determinam os gêneros discursivos. Conforme Sobral (2009, p. 121, grifo do autor),

as esferas de atividade são “regiões” de recorte socioistórico-ideológico do mundo, lugar de relações específicas entre sujeitos, e não só em termos de linguagem. São dotadas de maior ou menor grau de estabilização a depender de seu grau de formalização, ou institucionalização, no âmbito da sociedade e da história, de acordo com as conjunturas específicas. Assim esfera deve ser entendida como a versão bakhtiniana marxista de “instituição”, ou seja, uma modalidade socioistórica relativamente estável de relacionamento entre os seres humanos. A esfera vai das relações de intimidade familiar ao aparato institucional do Estado, passando por circunstâncias como as que tornam possíveis comentários casuais que desconhecidos fazem um para o outro na rua sobre diversos assuntos cotidianos.

Por isso, não se pode compreender o funcionamento discursivo da palavra sem se considerar o gênero em que ela figura, assim como é impossível observar o gênero fora do contexto de uma determinada esfera da comunicação social. Há gêneros que permitem um funcionamento mais plástico à palavra. Porém, há aqueles que resistem à mobilidade da palavra, uma vez que são mais coercitivos, impõem um direcionamento semântico menos plurivocal.

O gênero é elaborado por diversos campos de utilização da língua, com características temáticas, composicionais e estilísticas próprias. “O conteúdo temático, o estilo, a construção composicional estão indissoluvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um

determinado campo da comunicação” (BAKHTIN, 1979/2011, p. 262). O conteúdo temático, o tema, pode adquirir diferentes sentidos a partir do recorte estabelecido num determinado gênero discursivo. A forma composicional, por sua vez, é o modo como se organizam as escolhas realizadas. Constitui a organização do gênero, a estrutura: como o locutor compõe o título, como estrutura a introdução, por exemplo. No momento em que o locutor organiza, estrutura o discurso – forma composicional – também realiza escolhas (palavras, formas de estruturar os enunciados), que apontam para o estilo. A forma composicional dos gêneros possui aspectos recorrentes, reconhecidos por determinados campos da atividade humana. Porém, esta forma não é fixa, ela possui uma estabilidade relativa, pois o estilo do locutor dá singularidade ao gênero. Ou seja, por mais que um gênero apresente características e elementos recorrentes, ele sempre sofrerá alteração na sua estrutura e composição, uma vez que os sujeitos ao produzirem discurso sempre operam mudanças, acrescentam novos elementos e novos aspectos. Os gêneros fazem parte de um sistema dinâmico e complexo de estilos. Assim, “tanto os estilos individuais quanto os da língua satisfazem aos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 1979/2011, p. 268). A articulação entre o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional é que revela aspectos do gênero e, conseqüentemente, o constitui.

A grande diversidade dos gêneros se constitui pelas infinitas e inesgotáveis possibilidades de utilização da palavra e da língua. Há uma forma comum, mas ela não é estática, uma vez que os indivíduos, ao interagirem verbalmente, sempre transformam a estrutura discursiva, acrescentam algo novo. E qualquer mudança na interação verbal gerará mudança no gênero. É a enunciação que define a forma. Isso justifica a heterogeneidade dos gêneros discursivos, que abarca desde o diálogo cotidiano até a tese científica.

Bakhtin (1979/2011) subdivide os gêneros discursivos em primários e secundários. Os gêneros primários são considerados simples por serem constituídos em condições de comunicação imediata. Já os gêneros secundários são tomados como complexos por surgirem em condições de interação cultural mais complexa e relativamente mais desenvolvida e organizada, como a carta oficial e o texto científico.

Outro aspecto relevante em relação aos gêneros do discurso é o estilo que reflete a subjetividade do locutor, caracterizando-se como estilo individual. Porém, há alguns gêneros que são menos favoráveis ao reflexo da individualidade na

linguagem, o que acaba resultando num estilo verbal em que há a exigência de uma forma padronizada (o gênero deve obedecer a formas gramaticais específicas), como é o caso de alguns documentos oficiais.

No fundo os estilos de linguagem ou funcionais não são outra coisa senão estilos de gênero de determinadas esferas da atividade humana e da comunicação. Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos. Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis. O estilo é indissociável de determinadas unidades temáticas e – o que é de especial importância – de determinadas unidades composicionais: de determinados tipos de construção do conjunto, de tipos do seu acabamento, de tipos da relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva – com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro, etc. O estilo integra a unidade de gênero do enunciado como seu elemento (BAKHTIN, 1979/2011, p. 266).

Bakhtin/Volochínov (1929/2010) também menciona a importância do aspecto não verbal na linguagem. O autor revela que “a comunicação verbal é sempre acompanhada por atos sociais de caráter não verbal” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929/2010, p. 128), devido ao vínculo estabelecido com a situação concreta – enunciação, e que muitas vezes ela (comunicação verbal) atua como complemento, desempenhando um papel auxiliar, porém, ao mesmo tempo, fundamental para a compreensão do sentido. O aspecto não verbal é constitutivo dos gêneros discursivos. Os gêneros se estabelecem a partir de uma relação sócio-histórico-dialógica e estão diretamente vinculados à cultura. Dessa forma, percebe-se que os gêneros são considerados uma forma de ação social indissociavelmente relacionada aos conceitos que perpassam a palavra e condicionam o seu sentido, tais como interação verbal (todo enunciado está interligado a outro), alteridade (na produção de um discurso, há sempre relação com o discurso do outro), plurivocalidade (há entrecruzamentos de discursos), ideologia (o discurso é de natureza ideológica, vincula-se a um projeto enunciativo), reflexo/refração (o discurso reflete e refrata ideias referentes a discursos já proferidos), demonstrando, assim, o caráter essencialmente dialógico e ideológico da língua.

Conforme o já registrado, os gêneros tratados neste trabalho – piada, tiras e ata – constituem gêneros bastante interessantes para o tratamento da palavra, uma vez que apresentam aspectos dialógicos próprios da comunicação humana,

merecendo, assim, especial atenção. Ressalta-se a importância de se analisar gêneros bastantes distintos, pois tal procedimento possibilita observar os mais variados níveis de plasticidade que perpassam a língua. Há gêneros mais coercitivos, que impõem à palavra um funcionamento discursivo mais estável, em que o estabelecimento de diferentes vozes sociais são coibidas. Há gêneros que são extremamente plásticos, que propiciam maior mobilidade à palavra. A plasticidade da palavra será mais ou menos aparente de acordo com o gênero em que ela figurar. A palavra imprime mobilidade ao gênero, mas este também condiciona o funcionamento da palavra. A plasticidade se estabelece a partir da relação palavra *versus* gênero. Assim, o próximo capítulo trata dos gêneros selecionados a partir de uma perspectiva dialógica, registrando o funcionamento discursivo de cada um deles. Além disso, o capítulo também contempla a relação entre palavra e gênero, evidenciando que a plasticidade é determinada por esta relação.

## 2. A RELAÇÃO ENTRE PALAVRAS E GÊNEROS DO DISCURSO

Este trabalho pretende observar a plasticidade das palavras em diferentes gêneros discursivos, tendo em vista que uns são mais plásticos do que outros. Para tanto, pretende-se transcender a descrição puramente formal. A forma do gênero, assim como a da palavra, é bastante relevante, porém entende-se que deva ser compreendida juntamente com outros aspectos discursivos, como situação enunciativa, alteridade (entre interlocutores e entre as demais palavras), ideologia<sup>4</sup>, entonação, reflexo/refração, forças centrípetas/forças centrífugas.

Os gêneros discursivos são bastante diversificados, podendo sofrer maior influência de forças centrípetas ou de forças centrífugas. Aqueles que se apresentam de forma mais plástica acabam por ser dominados por um discurso em que a dialogicidade é mais aparente, uma vez que forças centrífugas atuam de modo a descentralizar os sentidos e a própria estrutura formal. Esses gêneros absorvem diferentes apreciações, uma vez que refletem e refratam inúmeros pontos de vista. Já os gêneros mais rígidos, influenciados por forças centrípetas, tendem a um discurso monológico, em que há a tentativa de apagar as diversas vozes que permeiam as palavras, o discurso. O discurso monológico procura refletir os acentos numa só voz. Ele faz ressoar a voz de uma única consciência; abafa, sufoca as demais a fim de tornar o discurso compacto e universal, fechado em si mesmo. Porém, faz-se importante ressaltar que todo e qualquer discurso é influenciado por ambas forças – centrípetas e centrífugas. Há discursos em que o diálogo entre as diversas vozes sociais são mais aparentes do que em outros, os quais procuram velar a dialogicidade própria de todo e qualquer discurso. Não há discurso sem diálogo. Ao compor um discurso, o sujeito o faz com o objetivo de responder a um outro, anteriormente proferido, bem como de suscitar uma resposta posterior.

Assim, após tecer breves considerações e reflexões sobre gêneros e sobre o funcionamento discursivo da palavra, as seções deste capítulo apresentam as características próprias de cada gênero discursivo selecionado – piada, tira e ata –, bem como estabelece uma relação com os aspectos (discursivos) propostos pela

---

<sup>4</sup> De acordo com a teoria dialógica do discurso, ideologia é compreendida como pontos de vista construídos pelos sujeitos a partir da interação estabelecida por eles no meio social. Remete às avaliações que refletem e refratam a realidade, as quais são elaboradas e condicionadas pelo horizonte social e acompanham todos os atos, gestos e enunciados de cada locutor. “Cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929/2010, p.33).

teoria bakhtiniana, que, segundo esta pesquisa, condicionam a plasticidade das palavras. Além disso, o capítulo também contempla a importância de se observar o gênero e suas especificidades para se compreender o funcionamento discursivo da palavra. Para tanto, a primeira seção trata do gênero piada. A segunda seção discorre sobre o gênero tira, enquanto a terceira seção aponta as propriedades típicas do gênero ata. Por fim, a quarta seção registra a relação entre palavra e gênero, enfatizando a ideia de que a plasticidade da palavra depende do grau de coerção do gênero em que ela circula.

## 2.1 O GÊNERO PIADA

A piada constitui um gênero do discurso bastante complexo, que exige diferentes conhecimentos para que a compreensão se efetive. Como todo enunciado, ela requer conhecimentos linguísticos e extralinguísticos, os quais, segundo a perspectiva adotada neste trabalho, relacionam-se e interagem no interior da palavra e do discurso, imprimindo um determinado sentido à piada. Esses conhecimentos são essenciais para que as diversas vozes sociais que se entrecruzam na piada, bem como a pluralidade de sentidos, geralmente atribuída a uma palavra ou expressão específica, sejam reconhecidas e entendidas.

Esta reflexão recorre aos estudos de Sírio Possenti, no que tange ao tratamento das piadas, uma vez que o autor é considerado um importante investigador desse gênero. O pesquisador tem publicado diversos trabalhos acadêmicos sobre o funcionamento discursivo das piadas. Possenti (2010, p. 103) afirma que a piada está sempre relacionada a uma esfera, possui uma construção composicional e um estilo, o que a aproxima bastante do conceito de gênero pautado pela teoria bakhtiniana. Além disso, a própria funcionalidade discursiva da palavra no interior da piada possibilita uma análise sob o escopo da teoria dialógica proposta por Bakhtin e seu Círculo, uma vez que a plurivocalidade é bastante evidente nesse gênero. A palavra é banhada por diferentes vozes sociais, que, ao interagirem de maneira tensa, evocam distintos discursos e produzem humor.

Segundo Possenti (1998), a piada constitui um material extremamente interessante. O autor observa que as piadas, praticamente, versam apenas sobre temas socialmente divergentes. Elas tratam de assuntos polêmicos como sexo, política, racismo, deficiências físicas, entre outros, revelando através do humor

valores socialmente radicados. Assim, uma análise profunda desse material pode revelar inúmeros fatores ideológicos e culturais. As piadas também funcionam a partir de estereótipos, que reproduzem uma identidade caracterizada como social, imaginária e representada, de acordo com Penna (apud POSSENTI, 2010). Apesar de concordar com a ideia de que a identidade é uma representação imaginária, Possenti (2010, p. 40) salienta que ela (a identidade) pode encontrar amparo na realidade. Ela não exprime a essência do real, não é a sua cópia fiel, mas, de alguma forma, refere a ele. Conseqüentemente, os estereótipos também figuram como sociais, imaginários e construídos. Registra-se que os estereótipos são criados para algum grupo por sujeito(s) que exerce(m) a função de *outro(s)*, que não faz(em) parte desse grupo. Porém, algumas vezes, essa relação intersubjetiva não aparece explicitamente na piada (é ofuscada e apagada), criando a falsa impressão de que o estereótipo é universal. De acordo com Possenti (2010), os estereótipos são construídos a partir das condições históricas de produção e/ou das relações de confronto com uma alteridade. Esses aspectos evidenciam uma relação com a ideia colocada por Bakhtin (1979/2011, p. 373) de que “tudo que me diz respeito, a começar pelo meu nome, chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros (da minha mãe, etc.), com a sua entonação, em sua tonalidade valorativo-emocional”.

Ainda em relação aos estereótipos, Possenti (2010) registra que as piadas não os criam, mas somente os exploram de maneira humorística, tais como: a inglesa é fria, o baiano é preguiçoso, o gaúcho é veado, o português é burro, o argentino é arrogante. Apesar de não criar estereótipos, o gênero piada os divulga e/ou os naturaliza. Outro fato relevante em relação às piadas, apontado por Possenti (1998), é que elas veiculam discursos censurados ou proibidos, bem como “discursos não explicitados correntemente (ou, pelo menos, discursos pouco oficiais)” (POSSENTI, 1998, p. 26). Além disso, o autor menciona a supremacia do fator estritamente linguístico presente em algumas piadas, uma vez que elas se configuram como peças textuais que revelam um domínio de língua bastante complexo. A interpretação de uma piada desse tipo aponta geralmente para pelo menos duas possibilidades de sentido e exige do sujeito interpretante o conhecimento de mecanismos linguísticos específicos referentes à fonologia, morfologia, sintaxe, pressuposição, inferência, variação linguística, etc. O reconhecimento desses mecanismos deve ser relacionado com as informações

extralinguísticas que operam no enunciado para que a pluralidade de sentidos e o conseqüente efeito de humor sejam estabelecidos. “As influências extratextuais têm um significado particularmente importante nas etapas primárias de evolução do homem. Tais influências estão plasmadas nas palavras [...]” (BAKHTIN, 1979/2011, p. 402).

No que tange à leitura das piadas, Possenti (2010) registra que alguns passos são fundamentais. É de suma importância considerar a circunstância enunciativa em que o discurso é produzido, situá-lo em uma esfera de atividade social. Outro aspecto relevante para a compreensão da piada remete à capacidade de reconhecê-la como um gênero que possui características próprias. Faz-se necessário também entender alguns detalhes da cenografia, da encenação concreta da piada, ou seja, o receptor deve perceber se o sentido ampara-se em uma ambigüidade ou em uma quebra de expectativa, por exemplo. Assim, conforme já foi registrado, o autor ao considerar a piada um gênero do discurso, corrobora a tese defendida por Bakhtin (1979/2011) de que todo enunciado se relaciona a um determinado campo de comunicação e possui um conteúdo temático, um estilo e uma construção composicional.

Ao tratar da piada, Possenti (1998, p. 41-42) destaca a importância do fator cultural na sua compreensão. Para que as piadas funcionem, para que se possa entendê-las e rir delas, deve-se (re)conhecer os traços culturais subjacentes a elas. Uma piada produzida num determinado país ou numa dada cultura, provavelmente, não funcionará em outro país ou outra cultura, a não ser que os sujeitos tenham pleno conhecimento da cultura alheia. São os aspectos culturais que diferenciam as piadas. O autor afirma ainda que o reconhecimento de fatores culturais não é uma exigência própria das piadas. Todo e qualquer discurso é cultural, possui aspectos de uma dada cultura, que devem ser identificados para que haja entendimento.

Apesar da enorme variedade de aspectos culturais, as piadas são consideradas quase universais, pois todos os povos as produzem, elas discorrem sobre os mesmos tópicos, variando apenas quanto a certas especificidades linguísticas. As piadas que dependem de fatores estritamente linguísticos não são passíveis de repetição, não são transculturais, funcionam apenas no interior de uma língua ou de línguas intimamente aparentadas. A tradução gera muitas variações que podem fazer delas (piadas) outras piadas. Por isso, o funcionamento de uma piada depende de sua forma e de seu conteúdo, indissociavelmente. Tentar

compreender um discurso com base apenas em seu conteúdo resulta em um grande equívoco, visto que muitas áreas versam sobre os mesmos tópicos. Fazendo uso das palavras de Bakhtin (1975/1998, p. 54), “ligado à palavra como um dos seus aspectos, ao lado do fonema, do morfema e de outros, o conteúdo apresenta-se mais tangível, mais reificado”, pode-se ilustrar a íntima relação entre forma e conteúdo.

Em relação ao humor, Possenti (2010) menciona como causas do riso o rebaixamento, físico ou moral (ressaltado pela clássica teoria aristotélica); a economia psíquica, vinculada a alguma liberação de recalçamento (tese defendida por Freud); e a boa técnica (tese que também se configura como central na teoria freudiana). A palavra é outro elemento ao qual o autor dedica especial atenção no estudo das piadas. As piadas exploram, em diversos momentos, o processo de eufemização, caracterizado por Possenti como um traço discursivo marcante na atualidade. O eufemismo revela justamente a importância da carga semântica das palavras. Essa carga semântica se estabelece segundo critérios sociais. Porém, é necessário salientar que a busca por uma linguagem politicamente correta, ao mesmo tempo que tenta evitar termos tabus, os reflete de maneira bastante evidente. Por exemplo, a carga semântica da palavra atenuadora *afrodescendente* se entrecruza com a carga semântica da palavra *negro*. Isso indica uma estreita relação com a teoria bakhtiniana, que considera que, no interior de uma palavra (signo ideológico), habitam várias vozes, as quais refletem discursos já estabelecidos, bem como refratam novos sentidos. Dessa forma, o texto humorístico ao fazer uso de eufemismos revela visões e fatos sociais difundidos, mostrando que a relação entre as palavras e a realidade é determinada por uma avaliação social. “O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929/2010, p. 32-33).

Analisando as piadas, Possenti (1998) observa que algumas palavras caracterizam seus discursos, como, por exemplo, os discursos profissionais. Nesse sentido, Possenti (1998) questiona por que, apesar da não exclusividade de sentidos das palavras, há sentidos “preferenciais”, e por que as palavras – apesar de muitos questionamentos – determinam um conjunto de enunciados, que por sua vez pertence ou caracteriza um dado discurso, por mais que entre eles haja relações interdiscursivas. A resposta a essas indagações pode encontrar amparo, mais uma

vez, na teoria bakhtiniana, uma vez que esta entende que sobre a palavra atuam forças que impõem a centralização, a estabilidade do sentido (forças centrípetas), ao mesmo tempo que um processo de descentralização e estratificação do sentido se estabelece na palavra (força centrífuga): “Cada enunciação que participa de uma ‘língua única’ – das forças centrípetas e das tendências – pertence também, ao mesmo tempo, ao plurilinguismo social e histórico – às forças centrífugas e estratificadoras” (BAKHTIN, 1975/1998, p. 82).

Possenti (1998) argumenta ainda que o humor na palavra não se apresenta de maneira banal, ele ultrapassa a polissemia, apontando outros atrativos, como temas duplamente recalcados e/ou maior complexidade linguística. Para o autor, “a palavra têm outros humores além do duplo sentido” (POSSENTI, 1998, p. 81). Nem sempre numa piada a palavra é responsável por estabelecer ambiguidade, às vezes, o humor se presentifica através do desconhecimento do sentido de uma determinada palavra em que lhe é atribuído outro sentido. Esse desconhecimento é o reflexo de diferentes experiências sociais, podendo ser observado na piada em que duas crianças dialogam sobre o local de seus nascimentos.

*Diálogo de duas crianças:*

- *Eu nasci nessa casa.*

- *E eu nasci no hospital.*

- *Por quê? Você estava doente?* (POSSENTI, 1998, p. 87)

A interpretação e a consciência de uma palavra são condicionadas por lugares sociais. O exemplo registrado confirma a ideia defendida por Bakhtin/Volochínov (1929/2010) de que a palavra constitui um signo ideológico, pois, no seu uso prático, expressa ideias, pensamentos relativos à vida. O próprio Possenti (1998, p. 87) endossa essa ideia ao registrar “esta piada serve também para ilustrar a tese de Bakhtin/Volochínov, segundo a qual o signo se transforma na arena de luta de classes”. O humor na palavra também pode ser estabelecido por analogia ou por quebra de expectativa, em que sentidos inesperados são apresentados, de acordo com Possenti (1998). Assim, verifica-se que a palavra reproduz diferentes vozes discursivas, reflete a palavra do outro: “Em cada palavra há vozes às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais, quase imperceptíveis, e vozes próximas, que soam concomitantemente” (BAKHTIN, 1979/2011, p. 330). Por isso, os sentidos da palavra não são unívocos, transparentes. Na piada, o sentido é construído por meio da plasticidade da palavra,

que aponta sempre mais de uma possibilidade de interpretação e estabelece o consequente efeito de humor.

De acordo com os registros apresentados, observa-se que, embora nas reflexões de Possenti prevaleça a base teórica da Análise do Discurso, o autor recorre também à teoria bakhtiniana para explicar o funcionamento das piadas. Ou seja, o entendimento das piadas evidenciado por Possenti revela a orientação dialógica proposta pelo Círculo de Bakhtin, em que conceitos como interação, alteridade, plurivocalidade, reflexo/refração, forças centrípetas/forças centrífugas podem ser verificados no interior do gênero. Porém, vale ressaltar que o autor em muitas passagens de suas reflexões faz referência explícita a Bakhtin e ao Círculo, bem como registra as ideias postuladas pela obra bakhtiniana.

Ao tratar do gênero piada, Possenti (1998) mostra que a compreensão depende de aspectos linguísticos e não linguísticos, os quais dialogam o tempo todo. A compreensão da piada exige o conhecimento linguístico da forma, mas também impõe o reconhecimento do contexto de produção, bem como da ideologia e do acento de valor impressos na e pela forma linguística, que, ao ser atravessada por diferentes aspectos discursivos, já não é mais uma simples forma, mas, sim, uma palavra, repleta de expressividade. A palavra figura como um elemento essencial para a constituição do sentido da piada, assim como de qualquer gênero discursivo. A palavra, funcionando no interior de um gênero, é revestida de um colorido expressivo que faz dela um enunciado concreto, repleto de vida, de sentido. Sobre esse aspecto, Bakhtin (1979/2011, p. 291-292) declara que

quando escolhemos as palavras, partimos do conjunto projetado do enunciado, e esse conjunto que projetamos e criamos é sempre expressivo e é ele que irradia a sua expressão (ou melhor, a nossa expressão) a cada palavra que escolhemos; por assim dizer, contagia essa palavra com a expressão do conjunto. E escolhemos a palavra pelo significado que em si mesmo não é expressivo mas pode ou não corresponder aos nossos objetivos expressivos em face de outras palavras, isto é, em face do conjunto do nosso enunciado.

Percebe-se que as piadas como todo gênero discursivo revelam aspectos dialógicos contundentes, podendo, assim, ser interpretadas à luz da teoria bakhtiniana, que considera o dialogismo o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso. “A relação com o sentido é sempre dialógica. A própria compreensão já é dialógica” (BAKHTIN, 1979/2011, p. 327).

Após as considerações apontadas nesta seção sobre o gênero piada, apresenta-se, a seguir, as especificidades que determinam o funcionamento discursivo da tira.

## 2.2 O GÊNERO TIRA

As tiras comunicam ideias e opiniões de maneira bastante inteligente e, muitas vezes, até mesmo bem-humorada. É um gênero discursivo que se configura por meio de sequências narrativas de curta extensão, podendo fazer uso também de estruturas argumentativas e injuntivas. O gênero tira comporta temas diversos, que versam sobre política, cultura, comportamento, religião, entre outros. Esses temas são abordados por meio do diálogo estabelecido entre as personagens, que avaliam a sociedade e o mundo. Porém, as críticas registradas ao longo da história geralmente são veladas e, muitas vezes, reveladas pelo humor.

Segundo Mendonça (2010), este gênero discursivo teve sua origem nos jornais. Com o passar do tempo, ganhou autonomia, resultando em publicações especializadas, como é o caso dos gibis. As tiras, atualmente, são veiculadas em diversos meios – coletâneas especializadas, diferentes revistas, boletins informativos de empresas, jornais, entre outros. Dessa forma, circulam nas mais variadas esferas da atividade humana, midiática, didática, acadêmica, entre outras.

As tiras constituem um sistema interacional composto pela relação entre o verbal e o não verbal, que é importante para o entendimento do sentido. Conforme Mendonça (2010), as tiras derivam das histórias em quadrinhos. Os primeiros quadrinhos apresentavam desenhos divididos em quadros acompanhados de legendas, as quais davam continuidade às ações. A partir do século XIX, o texto passa a acompanhar sistematicamente o desenho, por meio das falas das personagens expressas nos balões, que retratam geralmente diálogos informais. É o início de uma relação entre linguagens diferentes, mas, de certa forma, complementares: a linguagem verbal e a linguagem não verbal (imagem). A coexistência dos componentes verbal e não verbal estabelece uma relação com a teoria dialógica do discurso, uma vez que Bakhtin (2010) considera o diálogo entre o verbal e o não verbal na comunicação. O autor revela que a comunicação verbal é sempre acompanhada por aspectos sociais de ordem não verbal, “dos quais ela é muitas vezes apenas o complemento, desempenhando um papel meramente

auxiliar” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p. 128).

A linguagem nas tiras foi sendo desenvolvida conforme a criatividade dos autores que, ao se apropriarem de diversos meios e de diversas formas de expressão, criaram uma linguagem específica do gênero. A linguagem dos quadrinhos tem relação com o cinema, uma vez que “os chamados ‘guiões’ – narrativas verbais que orientam o trabalho do desenhista – precedem a quadrinização, assemelhando-se aos roteiros de cinema” (MENDONÇA, 2010, p. 212). De acordo com Mendonça (2010, p. 211), os quadrinhos “realizam-se no meio escrito, mas buscam reproduzir a fala (geralmente a conversa informal) nos balões”.

A linguagem visual, também chamada de icônica, possui como principal elemento a imagem, que é constituída por uma sequência de quadros que produzem determinado(s) sentido(s), direcionados ao leitor. Essa sequência estabelece uma orientação de leitura, da esquerda para a direita e de cima para baixo, em relação à disposição das personagens e seus respectivos discursos, ainda que, em algumas histórias, os sentidos sejam expressos apenas pelo componente não verbal (imagem). Tanto os discursos como os recursos visuais, como pontuação, tipo de balão – pensamento, grito –, fonte – tamanho, cores, forma –, expressões faciais das personagens significam a tira, uma vez que imprimem acentos de valor. A construção do sentido na tira se dá por meio do diálogo entre o verbal e o não verbal.

Conforme Cirne (1970), a técnica de desenho utilizada na tiras está ligada à intenção do seu criador. O discurso é determinado pelo projeto enunciativo, tendo em vista que ele é de natureza ideológica, ou seja, vincula-se a uma finalidade. Segundo a teoria dialógica do discurso, “todo texto tem um sujeito, um autor (o falante, ou quem escreve). Dois elementos que determinam o texto como enunciado: a sua ideia (intenção) e a realização dessa intenção” (BAKHTIN, 1979/2011, p. 308). Fazem parte, também, do projeto enunciativo desse gênero questões de enquadramento, ângulos de visão, formatos dos quadrinhos, montagem de tiras e páginas, criação das personagens, utilização de figuras cinéticas, ideogramas e metáforas visuais, segundo Cirne (1970). O sentido da tira depende da compreensão desses elementos, os quais são repletos de expressividade.

O quadrinho, ou vinheta, pode retratar, por meio da imagem, um instante fixo e/ou a sequência de instantes interligados que compõem uma dada ação da história. Inicialmente, devido às limitações de espaço nos jornais e revistas, os quadrinhos

eram confeccionados num mesmo formato. Com o tempo, o gênero se desenvolveu, as narrativas ganharam dinamicidade, fazendo com que as vinhetas passassem a ser apresentadas em diversos formatos, os quais são selecionados de acordo com o objetivo do produtor em retratar determinada ação. O formato das tiras está intimamente ligado à entonação que se pretende estabelecer na história apresentada.

O aspecto visual comporta outro elemento relevante, o contorno dos quadrinhos, os quais não são extremamente rígidos, uma vez que as linhas que o demarcam podem ser sugestivamente informativas: algumas representam o momento presente, verossímil (como as linhas contínuas e sólidas que envolvem as imagens), outras representam um momento passado ou um sonho, devaneio, da personagem (como as linhas pontilhadas, ou em forma de nuvens, que envolvem as imagens) e, ainda, as linhas que participam de forma metalinguística das histórias (como as linhas demarcatórias que ampliam as possibilidades narrativas do meio). Há alguns autores que ultrapassam os limites estabelecidos pelas linhas demarcatórias, fazendo com que a história se desenvolva fora das vinhetas. Percebe-se que a forma da tira, seu aspecto não verbal, situa os discursos veiculados no tempo e no espaço. O leitor precisa compreender a relação entre diferentes elementos, verbais e não verbais, para atribuir sentido ao discurso.

De acordo com Cirne (1972), a confecção de uma tira estabelece relação com o tipo de material em que vai ser veiculada. As tiras de jornal, por exemplo, tratam de temas específicos em dois ou três quadrinhos e podem ser apresentadas de forma isolada (como as tiras diárias que permitem um entendimento completo do sentido) ou interligadas (como as tiras que se relacionam com tiras anteriores e posteriores, que só permitem um entendimento do sentido após a leitura de toda a história). A construção composicional vincula-se ao tema abordado, bem como ao estilo do autor, que faz determinadas escolhas com base no seu projeto enunciativo e de acordo com o campo de atividade humana do qual o gênero faz parte.

As tiras apresentam, normalmente, como título, o nome da personagem, ou grupo de personagens, em destaque. O título localiza-se, na maioria das vezes, na parte superior da tira à esquerda. A posição do título tem por objetivo chamar a atenção do leitor. Muitas tiras, após serem publicadas em jornais, são compiladas em álbuns que são publicados regularmente, como as tiras da Mafalda, produzidas pelo argentino Quino.

Conforme Mendonça (2010, p. 214), “as tiras são um subtipo de HQ; mais curtas (até 4 quadrinhos) e, portanto, de caráter sintético, podem ser sequenciais (“capítulos” de narrativas maiores) ou fechadas (um episódio por dia)”. Quanto às temáticas, a autora salienta que algumas tiras evidenciam sátiras sobre aspectos econômicos e políticos do país, embora não sejam tão precisamente situadas no tempo como a charge. Ela estabelece, ainda, uma classificação das tiras em dois subtipos: a) tiras piadas, nas quais o humor é produzido através de estratégias semelhantes às utilizadas pelas piadas, como, por exemplo, a duplicidade de sentidos; b) tiras episódio, em que o humor é fundamentado precisamente no desenvolvimento de um tema a partir de uma dada situação, realçando, assim, as características das personagens. Porém, ressalta-se que nem toda tira é perpassada pelo humor, há aquelas que estabelecem críticas sociais por meio da ironia, por exemplo.

A composição das personagens relaciona-se diretamente com o estilo dos quadrinhos: nas histórias cômicas, as personagens são caricatas; nas de aventura, são realistas ou estilizadas com personagens caricaturais ou antropomórficas, como as personagens da Disney. As expressões corporais e faciais das personagens são bastante significativas, auxiliam a compreensão de seu estado de espírito. As personagens, por meio de suas expressões e de seus discursos, refletem suas ideologias e as refratam ao apontarem ideias, pensamentos e, até mesmo, críticas inéditas. O leitor, ao conhecer as características de uma dada personagem, antecipa uma atitude e/ou resposta, porém, sempre é surpreendido, uma vez que os discursos são sempre únicos e ressignificados. A personagem Mafalda, por exemplo, avalia constantemente a humanidade, fazendo ressoar diferentes vozes sociais que exprimem a preocupação com as condições do mundo atual. Há ideologias que permeiam os discursos veiculados por Mafalda, como a de que a humanidade deve primar pela paz mundial. Os discursos revelam pontos de vista e apreciações sociais. Por isso, “a consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929/2010, p. 34).

Cirne (1972) revela que o criador das tiras faz uso de figuras cinéticas e de metáforas visuais. As figuras cinéticas apontam a ideia de mobilidade e de deslocamento físico, tais como trajetória linear (linhas ou pontos que marcam o espaço percorrido), oscilação (traços curtos que envolvem a personagem indicando

tremor ou vibração), impacto (estrela irregular em cujo centro se situa o objeto que produz o impacto ou o lugar onde ele ocorre). As metáforas visuais compreendem signos ou convenções gráficas e apresentam uma relação direta ou indireta com expressões de senso comum como *ver estrelas*, *falar cobras* e *lagartos*. Representam ideias e sentimentos, reforçando, muitas vezes, o conteúdo verbal. O aspecto não verbal das tiras figura como suporte para a construção do sentido. Ele ajuda a compreender a parte verbal. Segundo Mendonça (2010), a coexistência do verbal e do não verbal facilita a construção do sentido das tiras, tornando-as atrativas e acessíveis, inclusive, a pessoas com baixo grau de letramento e a crianças em fase de aquisição da escrita. Porém, não se pode acreditar na falsa ideia de que ler quadrinhos é algo muito fácil, pois “determinadas HQs demandam estratégias de leitura sofisticadas, além de um alto grau de conhecimento prévio” (MENDONÇA, 2010. p. 218).

A linguagem verbal compreende parte da “mensagem” das histórias em quadrinhos e das tiras e serve para expressar a fala ou pensamento das personagens, a voz do narrador e os sons envolvidos nas narrativas apresentadas, podendo ser registrada, também, em elementos gráficos como cartazes, cartas, vitrines. Nessa perspectiva, a palavra figura como elemento essencial, uma vez que reflete e refrata diferentes vozes e aspectos sociais, responsáveis pela produção de sentidos. Como forma de endossar a importância da palavra no contexto das tiras, registra-se a ideia pautada por Bakhtin (1979/2011, p. 330) de que “cada conjunto verbalizado grande e criativo é um sistema de relações muito complexo e multiplanar. Na relação criadora com a língua não existem palavras sem voz, palavras de ninguém”. As palavras são revestidas por um teor expressivo, que opera como combustível para a constituição do sentido da história.

A linguagem verbal nos quadrinhos é demarcada por uma linha circular, próxima à cabeça das personagens que a produzem, que constitui o *balão*. O balão estabelece a interação entre imagem e palavra. Sua função é indicar a sequência dos discursos registrados na tira e, também, apontar informações sobre algumas atitudes das personagens ao leitor como, por exemplo, as linhas tracejadas (indicam que a personagem está falando baixo), os formatos em nuvem com rabicho de bolhas (que indicam o pensamento da personagem), os traçados zig-zag, semelhantes a uma descarga elétrica (que podem representar tanto a voz que sai de um aparelho eletrônico quanto um grito da personagem), os múltiplos rabichos de

um mesmo balão (indicam que várias personagens estão falando ao mesmo tempo).

É importante ressaltar que, ao contrário do que muitos creem, as tiras não objetivam alcançar apenas o público infantil, mas também o adulto. Há revistas que registram tiras voltadas para o público adulto, como é o caso das coletâneas de Mafalda e de Calvin.

Em relação à aceitação das tiras por parte das escolas, Mendonça (2010) ressalta que há certa resistência. Esse gênero discursivo é considerado um gênero próprio para crianças e/ou adulto com baixo grau de instrução. Apesar de contribuir muito para o desenvolvimento da habilidade desses leitores, tal gênero não deve ser indicado apenas para esse público. Dessa forma, as tiras são consideradas leituras fáceis e de baixa qualidade textual, o que é um engano porque, muitas vezes, elas são bastante complexas e dependem do reconhecimento das características das personagens, bem como das ideologias defendidas por elas para serem bem compreendidas e interpretadas. Esses textos podem ser tão complexos quanto qualquer outro gênero no que tange ao funcionamento discursivo.

Porém, com o avanço das pesquisas linguísticas e educacionais, aos poucos, esse gênero vem sendo incorporado aos livros didáticos e à rotina das salas de aula, apesar de não terem atingido o espaço merecido. As tiras podem cumprir diversas funções, como ilustrar um dado tema, promover reflexões sobre determinado conteúdo. Faz-se importante ressaltar que a tira não deve ser utilizada em sala de aula apenas como pretexto para atividades de metalinguagem. Na maioria dos casos, o trabalho realizado com as tiras na escola é basicamente metalinguístico, ou seja, os professores utilizam-nas com o enfoque puramente gramatical, como, por exemplo, classificação de pronomes, de verbos, entre outros. Esse tipo de abordagem não encontra ancoragem em Bakhtin, que entende que o estudo meramente linguístico não abarca o funcionamento da língua, uma vez que exclui as relações dialógicas do campo do discurso. O referido autor afirma que “a linguística estuda apenas as relações entre os elementos no interior do sistema da língua, mas não as relações entre os enunciados e nem as relações dos enunciados com a realidade e com a pessoa falante (o autor)” (BAKHTIN, 1979/2011, p. 324).

A tira é uma forma discursiva que reflete a ideologia da vida cotidiana. Por isso, ela deve ser explorada adequadamente nos bancos escolares, deve ser utilizada como um instrumento de reflexão e de construção de conhecimento, através do qual se possa observar os diferentes pontos de vista que se inter-

relacionam por meio das diferentes vozes sociais que povoam os discursos das personagens. Esse gênero discursivo, ao registrar temas complexos, de cunho social e político, se converte numa arena em que se percebe o entrecruzamento de índices de valor, que imprimem vida ao discurso. Bakhtin/Volochínov (1929/2010, p. 47) ressalta a importância da plurivalência do signo ideológico ao registrar que “o ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também se *refrata*. O que é que determina esta refração do ser no signo ideológico? O confronto de interesses sociais nos limites de uma só comunidade sociológica, ou seja, *a luta de classes*”.

O estudo desse gênero discursivo é de suma importância porque constitui um material rico para o entendimento da plasticidade da palavra, uma vez que nele são registradas informações de forma explícita e implícita, diretamente relacionadas a um contexto de produção. Ou seja, a compreensão dos sentidos depende de aspectos discursivos que transcendem a forma, a significação; o sentido das tiras só é alcançado a partir da assimilação das diversas vozes sociais que interagem no interior da palavra, e que são impressas por meio da entonação, do contexto, do processo de reflexo e de refração etc. Segundo Bakhtin (1979/2011, p. 309-310),

[...] por trás de cada texto está o sistema da linguagem. A esse sistema corresponde no texto tudo que é repetido e reproduzido e tudo que pode ser repetido e reproduzido, tudo o que pode ser dado fora de tal texto (o dado). Concomitantemente, porém, cada texto (como enunciado) é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido (sua intenção em prol da qual ele foi criado). É aquilo que nele tem relação com a verdade, com a bondade, com a beleza, com a história. Em relação a esse elemento, tudo que é suscetível de repetição e reprodução vem a ser material e meio. Em certa medida, isso ultrapassa os limites da linguística e da filologia. Esse segundo elemento (polo) é inerente ao próprio texto mas só se revela numa situação e na cadeia dos textos (na comunicação discursiva de dado campo).

Para realizar um trabalho eficaz no que concerne ao sentido das palavras, devem-se buscar subsídios teóricos coerentes que considerem não só o funcionamento da palavra como elemento linguístico, mas também o seu aspecto enunciativo-discursivo. Acredita-se, assim, que a teoria dialógica do discurso pode servir de subsídio, uma vez que contribui para a compreensão do sentido da palavra no contexto de um dado gênero e, conseqüentemente, do discurso.

Faz-se importante registrar que nesta pesquisa a abordagem das tiras contemplará o material verbal e o não verbal, uma vez que a teoria bakhtiniana considera que, além da palavra, o discurso se estabelece por meio de outros

recursos expressivos. Dessa forma, conforme registra Mendonça (2010, p. 212), “na relação entre as semioses envolvidas – verbal e não verbal – os quadrinhos revelam-se um material riquíssimo”. A autora revela, ainda, que desvendar o funcionamento de tal parceria é imprescindível para a produção de sentido do texto, o qual é considerado, neste trabalho, como enunciado pertencente à comunicação discursiva de dado campo. Porém, ressalta-se que a teoria dialógica do discurso coloca a palavra como um material privilegiado, estabelece uma primazia da palavra sobre o material não verbal.

No que tange às tiras de Mafalda, observa-se que estas caracterizam-se por tratar de temas bastante complexos, evocando diferentes vozes discursivas, que refletem e refratam pontos de vista e avaliações sociais. Assim, para entender melhor as histórias de Mafalda, é necessário que se registre de maneira breve o percurso histórico de sua produção, bem como suas características mais relevantes (inclui-se aqui a caracterização das personagens).

As tiras de Mafalda são criadas por Joaquin Salvador Lavado, que utiliza o pseudônimo de Quino. Segundo o site oficial de Mafalda – QUINO.com.ar –, sua trajetória engloba o período que vai de 1964 a 1973, através de três publicações: “Primera Plana”, “El Mundo” e “Siete Días Ilustrados”. Depois que a Mafalda se despediu do público em 1973, Quino retorna com suas personagens em várias campanhas a favor dos direitos das crianças. Ocasionalmente, ele já havia feito isso antes, como no caso de “El Mosquito”, publicação interna do Hospital de Niños de Buenos Aires. Em 1977, a UNICEF pede a Quino que ilustre a “Declaração dos Direitos das Crianças” com Mafalda e seus amigos. E assim, após três anos sem criar nenhuma nova tira, o autor produz para o organismo mundial dez vinhetas e um pôster originais. Em 1984, a pedido de uma instituição de ação social, a Liga Argentina para a Saúde Bucal, LASAB, Quino faz com que Mafalda lave publicamente os dentes para que todas as crianças da Argentina o fizessem com ela. No Brasil, o lançamento dos primeiros livros acontece em 1981.

As tiras de Quino tratam de assuntos bastante polêmicos e complexos. Elas abordam a problemática social, sugerindo críticas e levando a julgamentos. A ironia é um recurso de linguagem muito presente nessas histórias.

Umberto Eco (apud QUINO, 2007) registra que Mafalda não deve ser considerada apenas uma personagem das histórias em quadrinhos, mas sim a personagem dos anos setenta na Argentina. Ele a define como “contestadora”, uma

vez que a considera uma heroína “enraivecida” que recusa o mundo tal como ele é. O autor acrescenta que, para compreender Mafalda, é necessário traçar um paralelo com outra grande personagem: Charlie Brown. Charlie Brown é norte-americano, Mafalda é sul-americana (argentina). Ele pertence a um país próspero, a uma sociedade rica, à qual procura se integrar desesperadamente mendigando solidariedade e felicidade; ela pertence a um país repleto de contrastes sociais que, no entanto, nada mais quer do que a tornar integrada e feliz, algo que Mafalda recusa, resistindo a todas as tentativas. Charlie Brown vive em um universo infantil que rigorosamente exclui os adultos (embora as crianças desejem se comportar como adultos); Mafalda vive em uma dialética contínua com o mundo adulto, que não ama nem respeita, mas, pelo contrário, ridiculariza e repudia, reivindicando o direito de continuar a ser uma menina que não quer incorporar o universo adulto dos pais. A personagem americana leu os “revisonistas” de Freud<sup>5</sup> e procura uma harmonia perdida; já Mafalda provavelmente leu Che Guevara<sup>6</sup>. Com certeza, esse paralelo estabelece um grande contraste entre as personagens envolvidas, porém, como coloca Umberto Eco, Mafalda sofre uma evidente influência da personagem norte-americana.

Mafalda dialoga com Charlie Brown. Por meio do diálogo estabelecido com Charlie Brown, a personagem de Quino revela responsividade, uma vez que responde à palavra proferida pelo outro, ao mesmo tempo que assume uma posição ideológica diante dele, responsabiliza-se pelo que diz, imprime determinado(s) juízo(s) de valor ao seu discurso. O comportamento de Mafalda mostra que todo discurso é repleto de ecos e ressonâncias de outros discursos. De acordo com Bakhtin (1979/2011, p. 297, grifo do autor),

cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições.

Mafalda é uma menina de seis anos e vive em Buenos Aires. Ela tem

---

<sup>5</sup> Sigmund Freud, médico neurologista e criador da Psicanálise, campo clínico e de investigação teórica da psique humana independente da Psicologia, que tem origem na Medicina.

<sup>6</sup> Ernesto Guevara de la Serna, guerrilheiro, político, jornalista, escritor e médico. O argentino Che Guevara foi um dos ideólogos e comandantes que lideraram a Revolução Cubana.

grandes preocupações com questões sociais e políticas. Filha de uma típica família da classe média argentina, Mafalda representa o anticonformismo da humanidade, mas acredita em sua própria geração. Ela odeia a injustiça, a guerra, as armas nucleares, o racismo, as absurdas convenções do mundo adulto e, obviamente, a sopa. As suas paixões são os Beatles, a paz, os direitos humanos e a democracia.

Mafalda é cercada por um elenco de personagens mais “unidimensionais”, como os define Eco. Essas personagens são: Felipe, Manolito, Susanita, Miguelito, Libertad, Guile e os Pais. A seguir, serão descritas as principais características dessas personagens, que compõem o universo das histórias de Quino.

Felipe é sonhador, tímido, preguiçoso e desligado. Possui um perfil oposto ao de Mafalda. É fã das histórias de aventura. Odeia a escola e ter que realizar as tarefas de casa. Manolito, por sua vez, é bruto, ambicioso e materialista. Caracteriza-se como um menino plenamente integrado em um capitalismo de bairro, absolutamente convencido de que o valor essencial do mundo é o dinheiro. Susanita é uma menina fofoqueira, egoísta e briguenta por vocação. É doente de amor maternal e perdida em sonhos pequeno-burgueses. Miguelito é sonhador como Felipe, apesar de ser mais egoísta e muito menos tímido. Sua inocência é à prova de tudo e vive refletindo sobre questões sem importância. Detesta a idade que tem e o fato de não ser notado. Acredita ser o centro do mundo e ninguém consegue convencê-lo do contrário. Libertad é uma espécie de Mafalda em miniatura, apesar de ser menos tolerante. Intelectual, crítica e perspicaz, ela ama a cultura, as reivindicações sociais e as revoluções. Já Guile é o típico representante da idade da inocência, em que tudo está para ser descoberto. Dono de um ternura marota, é a única personagem que cresce de uma tira para outra. Adora os rabiscos nas paredes, a chupeta *on the rocks* e a Brigitte Bardot. Os pais caracterizam-se por ser um típico casal de classe média. São passivos, limitados e, até mesmo, levemente falidos. O pai trabalha em um escritório fazendo contas para chegar ao final do mês. A mãe abandonou a universidade para formar uma família, fato que Mafalda critica sempre que tem oportunidade. Ele ama as plantas. Ela vive o dilema do que cozinhar. Eles possuem duas fraquezas: os filhos e o nervocalm (paliativo farmacêutico).

Mafalda, como bem observa Umberto Eco em 1969 (apud QUINO, 2007), não é uma heroína, mas sim uma anti-heroína. Ela não aparece para salvar as pessoas, aparece para criticar comportamentos e situações e pôr a sociedade em

questionamento. Segundo o autor, as histórias em quadrinhos, quando atingem certo nível de qualidade, acabam assumindo a função de questionadoras de costumes e isso pode ser claramente observado na produção de Quino, uma vez que Mafalda reflete as tendências de uma juventude inquieta. Ao questionar o comportamento de pessoas e avaliar instituições, governos e o próprio mundo, Mafalda não só reflete pontos de vista já fixados socialmente como também os refrata, uma vez que os critica e/ou os põe em dúvida, indicando uma nova orientação apreciativa da sociedade, a qual é alvo de constante reavaliação. A atitude de Mafalda faz ressoar a voz de Bakhtin/Volochínov, que afirma: “uma nova significação se descobre na antiga e através da antiga, mas a fim de entrar em contradição com ela e de reconstruí-la” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929/2010, p. 141).

Assim, percebe-se, devido à complexidade da produção de Quino, que a compreensão não deve se limitar apenas ao que é linguisticamente expresso, ao campo semântico estritamente linguístico, ideia que vem sendo defendida neste trabalho, mas tentar alcançar o sentido construído pelas personagens através das diferentes vozes discursivas presentes na tira. Para tanto, é preciso observar não só o que as personagens dizem, mas como e por que dizem. Essas vozes discursivas são geradas a partir de vários aspectos inerentes às relações estabelecidas entre os interlocutores. Ressalta-se que tais vozes são impressas por meio das palavras, que são responsáveis por compor as formas discursivas de dado campo de atividade humana. Mesmo quando um gênero não possui explicitamente palavras, elas estão presentes, pois são necessárias para a compreensão. A língua viva se constrói por meio de relações dialógicas, que se desenvolvem no interior das palavras. Por isso, Bakhtin (1979/2011, p. 323) considera que “onde não há palavra não há linguagem e não pode haver relações dialógicas [...]”. A palavra no curso da comunicação discursiva, funcionando como enunciado, é repleta de entonação expressiva e se converte numa arena em que se defrontam e lutam diferentes pontos de vista.

A tira constitui um gênero discursivo bastante complexo e inclinado à plasticidade. As palavras, ao funcionarem no interior da tira, fazem ecoar diversas vozes sociais, as quais são observadas de forma mais explícita se comparada a outros gêneros em que a coercitividade é maior. Porém, é extremamente relevante analisar o funcionamento discursivo da palavra no interior de gêneros considerados mais coercitivos. Desta forma, na seção seguinte, são registradas características e

observações importantes sobre o gênero discursivo ata, o qual representa parte do material de análise selecionado por esta pesquisa.

### 2.3 O GÊNERO ATA

Segundo Gold (2010, p. 182), “ata é o registro do que se passa ou do que se passou em uma reunião, assembleia ou convenção”. Na ata, não se registra tudo o que foi tratado na reunião, mas sim o essencial, os fatos e as resoluções mais importantes. “O redator da ata deve analisar as informações expostas e saber distinguir as ideias principais e as secundárias” (GOLD, 2010. p. 182).

Em *Redação Empresarial*, Gold (2010) registra que ata deve conter os seguintes elementos: dia, mês, ano e hora da reunião; local da reunião; relação e identificação das pessoas presentes; ordem do dia ou pauta; identificação do presidente ou do secretário; fecho.

Antigamente, as atas eram redigidas manualmente pelo secretário, em livro específico, com um termo de abertura e um termo de encerramento. De acordo com a abordagem mais tradicional e/ou técnica de produção de ata, os termos de abertura e de encerramento são assinados por autoridade máxima da entidade, que, em caso de impedimento, deve incumbir outra pessoa de poderes para executar tal ação. O membro delegado pela autoridade também tem o encargo de numerar e rubricar todas as folhas do livro. O termo de abertura e o termo de encerramento do livro de atas fazem parte das folhas numeradas, sendo que o primeiro é registrado na primeira folha e o segundo na última página, no caso das atas confeccionadas manualmente. A ata deve ser assinada pelo secretário e por todos os presentes ou, quando determinado, apenas pelo presidente e pelo secretário, constituindo, assim, prova de que houve reunião. A assinatura do documento também imprime responsabilidade aos presentes em relação às decisões e às manifestações colocadas por eles durante a sessão. Hoje em dia, o gênero ata é, na maioria das vezes, digitado.

O instrumento *Normas para a padronização de documentos da Universidade de Brasília*, na seção intitulada *Orientação para elaboração de Ata*, diz que:

A ata deve ser digitada em espaço simples (espaço 1), em linguagem corrida, sem parágrafos nem espaços vazios, e conter: número sequencial, data, local, horário (todos por extenso) em que teve início, nome do

presidente, dos membros presentes e dos convidados, dos membros com ausência justificada, assuntos discutidos e respectivas deliberações, fecho identificando o horário em que foi encerrada, espaço para assinatura de quem redigiu e a assinatura de quem a redigiu, seguido do nome (por extenso). Por último, o nome do presidente e dos demais membros presentes (em ordem alfabética), os quais assinarão a ata, caso seja essa a opção do todo. O número de reunião ordinária é sequencial e deve ser escrito por extenso. Por exemplo: Ata da Quinquagésima Décima Primeira Reunião Ordinária do Conselho. (NORMAS PARA A PADRONIZAÇÃO DE DOCUMENTOS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2011, p. 26)

A ata é um documento de valor jurídico, devendo ser registrada de tal forma que nada possa ser acrescentado ou modificado. Gold (2010), tomando por base a abordagem técnica, prescritiva, registra que em caso de equívoco constatado durante a redação da ata, deve-se empregar da palavra “digo”, retificando a informação. Por exemplo, “a comissão desistiu pela aprovação do aluno, digo, a comissão decidiu pela aprovação do aluno”. Se o erro ou omissão for verificado no final da ata, após sua redação final, é indicado que se use a expressão “em tempo: onde se lê ..., leia-se ...”, que deve ser anteposta à alteração ou ao acréscimo – “ Em tempo: onde se lê aluna, leia-se aluno”.

A forma mais tradicional de ata prescreve que o texto seja redigido de modo contínuo, sem paragrafação e sem lista de itens. A ata deve apresentar-se como se fosse um único e longo parágrafo, mas sem a demarcação deste, a fim de evitar acréscimos. Nesse gênero, números, valores, datas e outras expressões devem ser registrados sempre por extenso. Também deve ser evitado o emprego de abreviaturas ou siglas. Emendas, rasuras ou uso de corretivo são inadmissíveis nesse tipo de texto, anulando, nesse caso, o valor jurídico do documento. Quanto ao tempo verbal, observa-se o uso preferencial pelo pretérito perfeito do indicativo. A linguagem usada nesse gênero discursivo é bastante clara e objetiva. O texto deve ser o mais fiel possível às combinações e às resoluções acordadas durante a assembleia. A ata deve ser cuidadosamente arquivada, impossibilitando fraude.

A ata, na sua forma tradicional, é um texto que não permite muita criatividade no que tange à sua composição. É um gênero bastante rígido, que prima pela estabilidade estrutural e semântica. Porém, Gold (2010) registra que atualmente há a tendência de se modernizar as atas com o objetivo de facilitar a sua compreensão. Ou seja, há muitas instituições que optam por confeccionar um modelo de ata em que a leitura e a compreensão possam ser efetivadas de forma mais objetiva. A referida autora ilustra como modelo de ata moderna uma em que as

informações são registradas em forma de itens.

Recuperando a abordagem teórica que subsidia este trabalho, observamos que, em *Estética da criação verbal* (1979/2011, p. 283-284), Bakhtin revela que a diversidade dos gêneros é estabelecida em função da situação, da posição social e das relações pessoais de reciprocidade estabelecidas entre os sujeitos do discurso. Ressalta, ainda, que há formas de gêneros mais elevadas, dotadas de um rigor oficial e respeitoso, se comparadas às formas familiares, considerando, sobretudo, que há diferentes graus de familiaridade e de formas íntimas.

Esses gêneros, particularmente os elevados, oficiais, possuem um alto grau de estabilidade e coação. Aí, a vontade discursiva costuma limitar-se à escolha de um determinado gênero, e só leves matizes de uma entonação expressiva (pode-se assumir um tom mais seco ou mais respeitoso, mais frio ou mais caloroso, introduzir a entonação de alegria, etc) podem refletir a individualidade do falante (a sua ideia discursivo-emocional). (BAKHTIN, 1979/2011, p. 284).

De acordo com a perspectiva tradicional, a ata por possuir um valor jurídico e constituir um documento oficial é menos favorável ao reflexo da plasticidade, uma vez que deve manter uma estrutura padrão que dê conta dos objetivos dos órgãos oficiais, das instituições responsáveis por sua confecção. Também não deve variar muito quanto a seu conteúdo temático, uma vez que, na maioria das vezes, tem como objetivo registrar decisões tomadas por uma comissão ou grupo referentes a determinado assunto. No que tange ao estilo, percebe-se, ainda, certa rigidez, pois não se possibilita ao(s) sujeito(s) muita liberdade de escolha, seja ela linguística, composicional ou temática, devido ao fato de ter de se respeitar normas que se mostram extremamente técnicas, apontando para uma única forma de produção discursiva. Porém, a estabilidade absoluta não impera em nada que seja constituído por língua, uma vez que o indivíduo a fim de satisfazer a sua vontade discursiva opera mudanças significativas. Os sujeitos empregam a língua na forma de enunciados concretos e únicos no interior de um dado campo de atividade humana. Todo sujeito se comunica (fala e escreve) por meio de gêneros, os quais, muitas vezes, precisam ser reelaborados para dar conta dos interesses de uma determinada esfera da atividade social.

Apesar de haver algumas instituições que seguem o modelo padrão de produção de atas, esse gênero tem sido alvo de intensas modificações, uma vez que o referido modelo não satisfaz, em diversos casos, as necessidades de determinadas

esferas de atividade social. Bakhtin (1979/2011) revela que os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. E ainda acrescenta: “Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua” (BAKHTIN, 1979/2011, p. 261). Dessa forma, para que os locutores consigam atingir seus objetivos discursivos, acabam desconsiderando muitas prescrições colocadas pelo modelo tradicional de produção de atas, optando, assim, por acrescentar novos aspectos, ou seja, atualizam o gênero ata. Atualmente, são produzidos diferentes modelos de ata, os quais se distinguem bastante do modelo padrão. Muitas deles, por exemplo, ignoram a falta de paragrafação, outras apontam as decisões e as resoluções por meio de tópicos, não fazendo o uso do recurso tradicional de texto corrido; há também aquelas que registram as informações principais em tabela.

Outra característica bastante comum da ata redigida atualmente, e que se diferencia bastante do modelo tradicional, diz respeito à forma como ela tem sido produzida, a saber, digitada. Com o avanço da tecnologia, a forma manuscrita se tornou obsoleta, na maioria dos casos, uma vez que a opção mais viável e funcional é digitar a ata. Essa forma de ata é, geralmente, produzida pelo responsável da reunião que dá origem à confecção do texto, que pode ser um coordenador, um diretor ou outro membro pertencente à determinada instituição. A ata digitada permite que se opere algumas modificações, quando necessárias. A ata, normalmente, após redigida, é enviada por e-mail a todos os participantes da reunião a fim de garantir a anuência destes no que tange à abordagem do assunto e às decisões tomadas na reunião. Dessa forma, a ata é analisada pelos integrantes do grupo, que podem sugerir acréscimos e/ou corrigir a descrição dos fatos e decisões abordada anteriormente e registrada no documento – ata. Somente após análise e aprovação por parte dos participantes da assembleia, é que a ata é impressa, assinada e arquivada. No caso da análise realizada após a reunião, via e-mail, a assinatura se dá da seguinte forma: o responsável pela produção da ata a imprime e solicita aos demais integrantes que a assinem, informando a data limite e o local onde ela estará disponível para realizar tal procedimento. Há também a possibilidade de os integrantes analisarem o texto da ata durante a reunião, permitindo que as alterações sejam realizadas imediatamente, sempre que necessárias, e, após a anuência de todos, a ata seja assinada e devidamente

arquivada.

Ao propor uma atualização da ata, os sujeitos eliminam alguns elementos próprios do modelo padrão, acrescentam outros, bem como conservam alguns, tendo em vista que todo gênero, por mais plástico que possa ser, sempre conserva seu potencial coercivo; ele precisa dar conta do seu projeto enunciativo. Não se pode modificar totalmente um dado gênero, pois, ao fazê-lo, ele se transformará em outro gênero. A plasticidade perpassa todos os gêneros, porém ela não se estabelece de maneira absoluta, há limites impostos pelo próprio gênero, que devem ser considerados e respeitados.

Assim, com a finalidade de evidenciar que a plasticidade, impressa pela palavra, está presente em todo gênero discursivo, mesmo naqueles que pregam uma maior estabilidade, selecionou-se um modelo de ata que destoa das atas tradicionais. Este modelo de ata tem sido produzido por uma seção do Instituto Federal do Rio Grande do Sul – IFRS - Câmpus Rio Grande, contituindo-se como um documento de valor jurídico e oficial. Para tanto, a seguir, registra-se um breve esboço teórico sobre a referida ata, em que são apontadas as principais características presentes no gênero. Ressalta-se que tal análise é considerada sob a ótica bakhtiniana.

Conforme já foi registrado anteriormente, a ata, se considerada sob o escopo tradicional, é um gênero mais rígido no que tange à funcionalidade discursiva, velando, de certa forma, a plasticidade da palavra, ou seja, a capacidade inerente que esta tem de absorver diferentes sentidos. Tal característica mostra que a ata é um gênero que apresenta condições menos favoráveis para o reflexo da individualidade, uma vez que ela requer uma forma mais padronizada de linguagem. O locutor ao produzi-la não possui muita liberdade para relizar escolhas individuais, ele deve seguir um modelo, que impõe uma estrutura específica e o uso de determinados termos na composição do texto, bem não considera a diversidade temática que pode ser pautada por ela. Porém, a natureza da língua é essencialmente dialógica, não se curva a regras normativas. Isso faz com que a estabilidade dos gêneros seja relativizada. A ata produzida pelo IFRS – Câmpus Rio Grande – reluz um estilo próprio se comparada à ata tradicional.

Esse modelo de ata, apesar de seguir parcialmente uma composição tradicional, acrescenta elementos, como uma tabela, que modificam o gênero e apontam novos sentidos para as palavras. O registro de diferentes elementos e a

consequente mudança na estrutura do gênero evidenciam um estilo individualizado e a plasticidade, que permeia todo discurso, seja ele oral ou escrito. A materialização de uma forma individual e inédita de ata mostra que o estilo do locutor imprime singularidade ao gênero. A referida ata mantém, relativamente, a forma composicional do gênero, o que possibilita que seja considerado ata. Aquilo que a diferencia das demais atas remete ao estilo, às escolhas realizadas durante a sua composição. Essa mudança no gênero remete à necessidade que determinada esfera da atividade humana tem de se comunicar por meio de uma linguagem própria, que satisfaça seus objetivos. Nesse sentido, Faraco (2009, p. 126) registra que

o ponto de partida de Bakhtin é a estipulação de um vínculo orgânico entre a utilização da linguagem e a atividade humana. Para ele, todas as esferas da atividade humana estão sempre relacionadas com a utilização da linguagem. E essa utilização efetua-se em forma de enunciados que emanam de integrantes duma e doutra esfera da atividade humana. Assim, se queremos estudar o dizer, temos sempre que nos remeter a uma ou outra esfera da atividade humana, porque não falamos no vazio, não produzimos enunciados fora das múltiplas e variadas esferas do agir humano. Nossos enunciados (orais ou escritos) têm, ao contrário, conteúdo temático, organização composicional e estilo próprios correlacionados às condições específicas e às finalidades de cada esfera de atividade.

Ao inserir uma tabela, por exemplo, no interior do texto corrido da ata, facilita-se a comunicação das informações mais importantes contidas no documento, que no caso são a classificação dos candidatos e suas referidas pontuações no processo seletivo do qual participam. Faz-se importante observar que essa maleabilidade do gênero é sustentada pela plasticidade da palavra. As escolhas realizadas pelo locutor, como a combinação e a distribuição das palavras, refletem aspectos discursivos, os quais são responsáveis pela construção do sentido. “Onde há estilo há gênero. A passagem do estilo de um gênero para o outro não só modifica o som do estilo nas condições do gênero que não lhe é próprio como destrói ou renova tal gênero” (BAKHTIN, 1979/2011, p. 268). Assim, percebe-se que todo gênero, por mais rígido que pretenda ser, sempre se mostrará novo, uma vez que é construído por meio de palavras, elementos fundamentalmente plásticos.

Considerando as especificidades de cada gênero discursivo elencado neste trabalho, a saber, piada, tira e ata, registram-se, a seguir, observações referentes à relação entre gênero e palavra. A plasticidade, aspecto inerente à língua, é determinada pela tensão estabelecida entre a maleabilidade da palavra e o grau de

coercitividade do gênero em que ela funciona, assunto abordado na próxima seção.

## 2.4 GÊNERO E PALAVRA: UMA RELAÇÃO QUE *DETERMINA* A PLASTICIDADE

A partir do percurso teórico estabelecido nas seções anteriores, pode-se observar que o gênero é de suma importância no que diz respeito ao funcionamento discursivo da palavra. Dependendo do gênero, a palavra pode se mostrar mais, ou menos, plástica. É o gênero que permite à palavra a absorção de diferentes sentidos. Porém, por mais coercitivo que o gênero possa parecer, ele não pode impor um único direcionamento semântico à palavra, pois esta sofre a pressão de forças centrífugas, que aos poucos vão impondo novos sentidos e, inclusive, modificam a forma do gênero.

Falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem *formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do todo*. [...] Até mesmo no bate-papo mais descontraído e livre nós moldamos o nosso discurso por determinadas formas de gênero, às vezes padronizadas e estereotipadas, às vezes mais flexíveis, plásticas e criativas (a comunicação cotidiana também dispõe de gêneros criativos). (BAKHTIN, 1979/2011, p. 282).

De acordo com Bakhtin (1979/2011), os sujeitos adquirem a língua por meio dos gêneros do discurso. A assimilação das formas da língua ocorre apenas nas formas dos enunciados e juntamente com tais formas. Para tanto, “as formas da língua e as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à nossa consciência em conjunto e estreitamente vinculadas” (BAKHTIN, 1979/2011, p. 283). Todo discurso é construído em forma de gêneros. A língua se manifesta por meio dos gêneros. Porém, o discurso construído por meio de gêneros tem como base a palavra, que não é considerada apenas um elemento da língua, mas, sim, uma unidade do enunciado, ou até mesmo o próprio enunciado, uma vez que nela se entrecruzam uma série de vozes discursivas. Tais vozes constituem o gênero e sua entonação expressiva. A palavra absorve diferentes aspectos discursivos, responsáveis pelo direcionamento semântico do discurso. “O que faz da palavra uma palavra é sua significação” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929/2010, p. 50).

Faz-se importante observar que a palavra “significação” usada por Bakhtin, conforme a citação anterior, aponta para a ideia de “sentido”, uma vez que para o

autor significação remete a um conceito específico, o qual se distancia bastante da ideia de sentido. Por ser extremamente flexível no que tange à aquisição de sentido, a palavra opera uma mudança no gênero, assim como o gênero também impõe limites ao funcionamento da palavra, tendo em vista que todo gênero possui um potencial coercivo. A plasticidade se configura por meio da tensão estabelecida entre o aspecto coercitivo do gênero e a mobilidade da palavra, tensão esta que é alimentada pelo horizonte social. A fim de satisfazer as necessidades de determinados campos da atividade humana, os gêneros absorvem algumas mudanças ao mesmo tempo que impõem certas restrições no que tange à mobilidade discursiva da palavra.

A palavra é composta por significado e sentido. A significação é base semântica da palavra, é o que permite que ela seja entendida em diversos contextos, mesmo que em cada um deles ela adquira um teor (semântico) diferente. O sentido é dado a partir significação. O sentido necessita da significação para se constituir. A palavra ao ser usada na vida parte da significação, posta na língua, porém ela é atingida por outros aspectos discursivos; ela é impregnada de certas entonações expressivas, determinadas pelo contexto e pela relação locutor-interlocutor. Partindo dessa ideia, pode-se estabelecer uma analogia entre significação e forças centrípetas, e uma outra entre sentido e forças centrífugas. A significação remete à unificação, ao entendimento monológico da palavra. Já o sentido aponta para a desunificação, para a descentralidade semântica da palavra. O diálogo entre significação e sentido é essencial para a constituição da palavra como enunciado, evento único e real da comunicação discursiva, que dá resposta a algo anteriormente posto ao mesmo tempo que exige um retorno, uma resposta.

A significação é não dialógica. O sentido se constitui por meio de relações dialógicas. Segundo Bakhtin (1979/2011), significação comporta uma potência de sentido, aponta uma possibilidade interpretativa da palavra, não o determina. O que dá vida à palavra é o sentido que ela absorve no fluxo contínuo da vida, no contexto discursivo em que figura. O sentido de uma palavra carece de atualização permanente, que se dá a partir do contato com outro sentido. É por isso que a língua é plástica, porque a palavra é plástica. É esta que imprime plasticidade àquela.

A plasticidade é um aspecto inerente à língua; ela perpassa todo e qualquer gênero discursivo, mesmo aqueles que apresentam uma forma mais coercitiva,

aparentemente menos flexível. Os gêneros são plásticos porque não se submetem às regras da língua normativa, que impõe estabilidade ao discurso. Eles operam com elementos da língua viva; é a palavra viva e repleta de expressividade que elabora diferentes formas de gêneros. As formas dos gêneros são determinadas pela organização das palavras, pela relação estabelecida entre elas (interação e alteridade), bem como pelas diversas vozes sociais que as permeiam.

As formas do gênero, nas quais moldamos o nosso discurso, diferem substancialmente, é claro, das formas da língua no sentido de sua estabilidade e da sua coerção (normatividade) para o falante. Em linhas gerais, elas são bem mais flexíveis, plásticas e livres que as formas da língua. Também nesse sentido a diversidade dos gêneros do discurso é muito grande. Toda uma série de gêneros sumamente difundidos no cotidiano é de tal forma padronizada que a vontade discursiva individual do falante só se manifesta na escolha de um determinado gênero e ainda por cima na sua entonação expressiva (BAKHTIN, 1979/2011, p. 283).

Para mostrar que a plasticidade reside em toda e qualquer manifestação discursiva, que se dá sempre por meio de gêneros do discurso, optou-se por analisar diferentes gêneros. Para tanto, foram selecionados para serem analisados neste trabalho gêneros que se prestam mais à plasticidade, como a piada e a tira, e um gênero que tende mais à estabilidade, menos flexível, como é o caso da ata.

Dessa forma, o próximo capítulo aborda os procedimentos metodológicos de seleção e de análise referentes aos gêneros piada, tira e ata e ao comportamento semântico das palavras. Após a abordagem da metodologia adotada, o capítulo apresenta a análise do funcionamento da palavra no interior de cada um dos gêneros supracitados e, por fim, discute a orientação dialógica dos gêneros e da palavra a partir das análises registradas.

### 3. ANÁLISE DOS GÊNEROS DISCURSIVOS: COMPREENDENDO A PLASTICIDADE DA PALAVRA

Neste capítulo, tem-se o propósito de lançar um olhar sobre o comportamento da palavra, observando aspectos que propiciem a plasticidade das palavras em diferentes gêneros, bem como analisar a evocação de diferentes valorações e vozes discursivas que imprimem sentidos às palavras e, conseqüentemente, ao discurso. Para tanto, faz-se importante registrar que a palavra é considerada não um elemento abstrato, uma unidade do sistema da língua, mas sim enunciado, que compreende “um elo na cadeia da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 1979/2011, p. 300).

O sujeito ao selecionar as palavras para compor sua enunciação, seu discurso, as carrega de acento valorativo, pois a palavra funcionando na vida possui um teor expressivo, que revela a posição responsiva do locutor em relação ao objeto do dizer e ao outro da interlocução. Por exemplo, dizer a alguém “Tu és um infeliz”, considerando a situação de o locutor ter sido surpreendido negativamente por uma atitude inesperada de seu interlocutor (do outro), é bem diferente de dizer “Tiveste uma atitude infeliz”. Para compreender o sentido das enunciações proferidas, é necessário considerar o contexto extraverbal, que, de acordo com Volochínov/Bakhtin (1926/2011) em *A palavra na vida e na poesia: introdução ao problema da poética sociológica*, é determinado por três aspectos: 1. um *horizonte espacial compartilhado* por ambos os falantes; 2. o *conhecimento e a compreensão comum da situação*, igualmente compartilhado pelos dois; 3. a *valoração compartilhada* pelos dois, desta situação.

Dessa forma, pode-se supor que o horizonte espacial do discurso remete, por exemplo, à sala de um escritório onde ambos os locutores trabalham; os dois compartilham da situação de que o locutor descobriu que o interlocutor desviou dinheiro da empresa, fato descoberto de forma inesperada por parte do locutor; e, por fim, ambos avaliam a situação como inadequada e indecorosa. Considerando os aspectos elencados, percebe-se que a entonação expressiva impressa à palavra “infeliz” aponta sentidos distintos. No primeiro caso, a referida palavra adquire uma apreciação de insulto, absorve um sentido “mais denso”, uma tonicidade agressiva. O locutor, ao compor uma enunciação com tal acento valorativo, determina uma depreciação do caráter do outro. No segundo caso, também há desaprovação, como

no primeiro caso, do locutor em relação à atitude, ao comportamento do outro, porém o acento de valor impresso na palavra é mais ameno, caracteriza-se como uma crítica. Para se compreender o sentido dado à palavra “infeliz”, que faz parte de um ato de fala real, tem que se considerar a intenção, o contexto de produção, bem como outros aspectos discursivos que determinam o todo da enunciação. O acento de valor empregado no primeiro exemplo cabe em algumas situações, num contexto de insatisfação extrema entre os sujeitos do discurso. O sujeito ao enunciar responde a uma enunciação anterior que, por sua vez, suscita uma outra, e se responsabiliza pelo conteúdo verbalizado.

De acordo com Bakhtin (1979/2011), as palavras só adquirem seu real sentido ao entrarem no fluxo contínuo da língua, ao comporem um enunciado. Assim, as palavras ao se relacionarem no interior do enunciado, que reflete as condições e as finalidades de um dado campo da atividade humana, são povoadas de nuances expressivas, gerando, assim, instabilidade ao gênero da qual fazem parte. A plasticidade da palavra contagia o gênero. O gênero é constituído pelo funcionamento da palavra. Toda comunicação discursiva se materializa nos gêneros, que, por sua vez, é elaborado e reelaborado pelo colorido expressivo das palavras. Nessa direção, Bakhtin (1979/2011, p. 292) afirma:

Portanto, a emoção, o juízo de valor, a expressão são estranhos à palavra da língua e surgem unicamente no processo do seu emprego vivo em um enunciado concreto. Em si mesmo, o *significado* de uma palavra (sem referência à realidade concreta) é extraemocional.

A escolha do gênero é realizada a partir do projeto discursivo do locutor, que antevê, projeta um interlocutor. As palavras endereçadas ao outro são articuladas de maneira responsiva e compõem determinado gênero, considerando sempre a percepção que se tem do destinatário. O gênero será moldado a partir da relação estabelecida entre o locutor e seu interlocutor, e essa relação determinará a entonação expressiva das palavras no interior do gênero. Conforme Bakhtin (1979/2011, p. 301), “cada gênero do discurso em cada campo da comunicação discursiva tem a sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero”. Assim, se as palavras se mostrarem mais plásticas, conseqüentemente, o gênero também se apresentará plástico. Há formas de gêneros que são mais favoráveis à mudança do que outras, as quais mantêm maior coercitividade discursiva. Porém, todo gênero revela a tensão entre unificação *versus*

descentralização, isto é, conserva seu potencial coercitivo e também absorve significativas mudanças.

Considerando o exposto, este capítulo busca verificar, por meio da análise dos gêneros selecionados, tomados sob o escopo da teoria dialógica do discurso, que a plasticidade é uma característica inerente à língua, evidenciada na e pela palavra. Assim, a primeira seção apresenta algumas considerações teóricas sobre os gêneros estudados, bem como evidencia a metodologia de análise e de seleção do material apresentado. A segunda seção registra a análise propriamente dita dos gêneros selecionados. Já a terceira seção versa sobre a questão da plasticidade a partir da relação estabelecida entre palavra e gênero, uma vez que a maleabilidade de um depende da do outro.

### 3.1 O FUNCIONAMENTO DA PALAVRA NOS GÊNEROS SELECIONADOS: QUESTÕES METODOLÓGICAS

A teoria bakhtiniana, no que tange à análise discursiva, aponta algumas possibilidades de construção de método de análise, uma vez que não estabelece uma metodologia específica a ser seguida. Assim, cabe ao pesquisador construir seu método de análise a partir das sugestões colocadas pela referida teoria, método este que deve justificar e satisfazer o problema da pesquisa, a hipótese, os objetivos, bem como o objeto de análise.

Considerando a tese proposta por este trabalho de que *a língua é plástica porque a palavra é plástica*, uma vez que a palavra, ao ser enunciada por um sujeito a outro em uma determinada situação, se impregna de expressividade e confere plasticidade à língua, desenvolveram-se procedimentos metodológicos próprios que orientam as análises dos gêneros selecionados. O método utilizado para analisar os gêneros apoia-se nos conceitos postulados pela teoria dialógica do discurso. A análise contemplará o funcionamento da palavra no interior dos gêneros. Assim, pretende-se analisar aspectos que propiciem a plasticidade das palavras em diferentes gêneros, verificando a evocação de diferentes valorações e vozes discursivas que imprimem sentidos às palavras e, conseqüentemente, ao discurso. Para tanto, são consideradas as seguintes noções que subsidiam a análise: forma, situação enunciativa (quem fala? para quem? sobre o que fala? com que projeto enunciativo?), contexto de produção, alteridade (entre interlocutores e entre as

demais palavras), entonação, reflexo/refração, forças centrípetas/forças centrífugas. Tais noções serão consideradas por se entender que elas são indissociáveis das produções dos sentidos.

Por isso, é imprescindível que se considere e se observe a combinação de diferentes aspectos discursivos, que condicionam o sentido das palavras e o estabelecimento das diversas vozes, para que se possa compreender como é construída a plasticidade das palavras nos mais variados gêneros discursivos. A palavra viva, funcionando no texto e na vida, sempre faz ressoar ideologias. Sendo assim, o sentido do enunciado depende da identificação e da compreensão das diferentes vozes sociais, da(s) voz(es) do outro. Em *Problemas da Poética de Dostoiévski*, Bakhtin (1929/2010), ao tratar do *skaz*<sup>7</sup>, registra que este é introduzido em função da voz do outro, “voz socialmente determinada, portadora de uma série de pontos de vista e apreciações” (Bakhtin, 1929/2010, p. 219). Ou seja, para se alcançar o sentido das palavras deve-se apreender as vozes que a atravessam, uma vez que revelam avaliações sociais.

Assim, optou-se por selecionar gêneros com características bastante distintas, principalmente no que tange à plasticidade, tendo em vista que alguns tipos de enunciados evidenciam um maior grau de dialogicidade se comparados a outros, cuja maleabilidade da palavra se mostra menos aparente. Tal flexibilidade também se refere à estrutura formal, que, muitas vezes, se apresenta mais rígida, com uma inclinação monológica. Por isso, acredita-se que a escolha de gêneros com orientações diferentes torna o estudo da palavra mais rico, uma vez que esta, ao ser usada, sempre evidencia um cruzamento de vozes, por mais que o enunciado faça parte de um gênero que aponte para uma tendência ao monologismo. Foram selecionados três exemplares de cada gênero para serem analisados, sendo que no caso da ata será analisado apenas um exemplar, servindo os demais como documentos que comprovam o uso do modelo de ata pelo IFRS – Câmpus Rio Grande. Os gêneros selecionados compõem os seguintes materiais: coletânea de tiras produzidas por Quino, intitulada *Toda Mafalda*, no caso das tiras; o sítio

---

<sup>7</sup> “Tipo específico de narrativa estruturada como narração de uma pessoa distanciada do autor (pessoa concretamente nomeada ou subentendida), dotada de uma forma de discurso própria e *sui generis*” (BAKHTIN, 1929/2010, p.211-212).

eletrônico *PIADAS.COM.BR*, no que tange às piadas; processo físico da seleção de professor substituto do IFRS – Câmpus Rio Grande –, no que remete às atas<sup>8</sup>.

Considerando as reflexões apontadas e tendo como objetivo analisar aspectos que propiciem a plasticidade das palavras em diferentes gêneros, verificando a evocação de diferentes vozes discursivas que imprimem sentidos às palavras e, conseqüentemente, ao discurso, registra-se, a seguir, uma breve justificativa em relação à escolha dos gêneros selecionados – piada, tira e ata –, bem como as principais características discursivas que perpassam cada gênero supracitado.

O gênero piada, apesar de ser um gênero bastante divulgado nos meios de comunicação, especialmente na televisão, não possui o mesmo prestígio no que se refere ao ensino de língua materna. Um aspecto relevante em relação a esse gênero é que ele geralmente é apresentado na modalidade oral. Apesar de haver muitos trabalhos publicados sobre piadas<sup>9</sup>, a escola tem dispensado pouco tempo ao estudo desse gênero, que é construído por meio de aspectos discursivos complexos, e pode representar um material produtivo para desenvolver a competência discursiva dos alunos. Também figura como um gênero muito rico no que tange à plasticidade da palavra, uma vez que, com o objetivo de alcançar o humor, é impressa no discurso uma multiplicidade de vozes sociais, responsáveis pela constituição do(s) sentido(s). Faz-se importante ressaltar que o embate das diversas vozes sociais nesse gênero é bastante aparente, pois a tensão gerada por diferentes discursos é o que constitui o humor e, conseqüentemente, o(s) sentido(s) do discurso. Para gerar humor, a piada precisa mostrar, de forma evidente, pelo menos dois caminhos interpretativos, como é o caso da piada que trata da gula, registrada no site *PIADAS.com.br*. “- Qual o cúmulo da gula? - Comer todo o pão de açúcar”. Ao se propor, por exemplo, que o cúmulo da gulodice é comer todo o pão de açúcar, é necessário perceber “pão de açúcar” como um doce, algo comestível, e como uma enorme pedra, que constitui um ponto turístico da cidade do Rio de Janeiro,

---

<sup>8</sup> O uso das atas como material de pesquisa foi devidamente autorizado pelo Diretor da referida instituição na qual tais documentos foram produzidos. A referida autorização segue em anexo no final deste trabalho.

<sup>9</sup> Registra-se que Sírio Possenti figura como um notável pesquisador e estudioso do gênero piada, tendo, inclusive, publicado obras como, por exemplo, “Os humores da língua: análises linguísticas de piadas” e “Humor, língua e discurso”. Há também trabalhos acadêmicos que tratam da piada, como “Um estudo de piadas sobre a docência”, de autoria de Michele Carossi e Patrícia Tatiana Nunes; “O ethos da pessoa surda: um estudo de piadas”, artigo produzido por Heloisa Helena Vallim de Melo e Ana Cristina Carmelino.

impossível de ser digerida. A tensão entre os discursos “comer todo o pão de açúcar doce” e “comer todo o pão de açúcar pedra” é o que produz humor. Sem a identificação dos dois discursos não é possível alcançar o sentido dos enunciados, uma vez que o humor se dá por meio do entrecruzamento das diferentes vozes – pão de açúcar doce e pão de açúcar pedra.

As piadas apresentadas neste trabalho foram estudadas e analisadas em um artigo científico, trabalho exigido para a conclusão da disciplina intitulada *Leitura, Texto e Discurso*, oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS em 2011. O referido artigo serviu como projeto piloto para esta tese, tendo em vista que objetivava analisar o funcionamento discursivo da palavra no gênero piada, mais precisamente a sua plasticidade, verificando como as diversas vozes sociais se entrecruzavam nela e por meio dela (palavra), bem como identificar quais aspectos discursivos condicionam o estabelecimento de tais vozes. Para tanto, as piadas estudadas foram retiradas de uma página da internet – *PIADAS.com.br* – e são classificadas como piadas curtas. Registre-se, ainda, que a seleção das piadas foi realizada após um longo período de pesquisas em diversos meios que publicam esse gênero. A escolha de tal site se deve ao fato de que nele havia piadas em que a plurivocalidade da palavra pode ser verificada de forma mais aparente, ou seja, as diferentes vozes que permeiam o gênero são apreendidas mais facilmente, tendo em vista que a palavra tem um comportamento desunificante, evoca diferentes discursos.

A tira foi outro gênero selecionado para este trabalho por ser apresentado em diversos meios de veiculação, como jornais, livros didáticos, provas de concursos, tais como Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e alguns vestibulares, contemplando, assim, os objetivos das mais diversas esferas – jornalística, publicitária, educacional, entre outras. Dessa forma, as tiras configuram um gênero bastante divulgado, possibilitando a sua leitura a muitas pessoas. Por isso, o estudo sobre o funcionamento discursivo da tira é considerado relevante, uma vez que pode proporcionar aos leitores um entendimento mais apurado em relação ao uso e ao(s) sentido(s) da palavra, e conseqüentemente, facilitar a compreensão do discurso. Também foi escolhido por ser construído por meio de linguagem verbal e não verbal concomitantemente, o que propicia um enfoque bakhtiniano bastante interessante, já que a teoria dialógica do discurso considera o material não verbal um complemento do verbal, apesar de o primeiro não poder

substituir o segundo de maneira absoluta. A palavra tem precedência sobre o não verbal:

Nenhum dos signos ideológicos específicos, fundamentais, é inteiramente substituível por palavras. É impossível, em última análise, exprimir em palavras, de modo adequado, uma composição musical ou uma representação pictória. Um ritual religioso não pode ser inteiramente substituído por palavras. [...] Todavia, embora nenhum desses signos ideológicos seja substituível por palavras, cada um deles, ao mesmo tempo, se apóia nas palavras e é acompanhado por elas, exatamente como no caso do canto e de seu acompanhamento musical (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929/2010, p. 38).

Após a escolha do gênero tiras, optou-se, ainda, por fazer um outro recorte, analisar somente as tiras de *Mafalda*, personagem principal das histórias em quadrinhos produzidas pelo argentino Quino. *Mafalda* foi selecionada por contemplar temas bastante complexos, em que se percebe uma intensa avaliação social por parte das personagens em relação a pessoas, a instituições e ao próprio mundo. Tal avaliação é impressa por meio de uma teia discursiva muito interessante, que, muitas vezes, se ancora no humor. As palavras nas referidas tiras evocam vozes discursivas indispensáveis para o estabelecimento dos sentidos. Assim, caso o leitor/interlocutor não seja capaz de entender essas vozes, o que evidencia a plasticidade da palavra, não compreenderá os sentidos produzidos. As palavras em *Mafalda* apontam para diferentes caminhos interpretativos, fazendo da plasticidade um recurso necessário para a instauração dos sentidos. Dessa forma, as tiras propiciam um estudo enunciativo-discursivo sobre palavra bastante valioso.

A ata, por sua vez, foi selecionada para ser analisada nesta tese por ser um gênero discursivo mais rígido no que tange à construção composicional e à maleabilidade da palavra. É um gênero que, geralmente, sofre maior influência de forças centrípetas, as quais tentam unificar a forma e, conseqüentemente, o sentido das palavras. Por ser considerado um gênero menos plástico, a ata constitui um material de grande interesse, pois mostra que um gênero, por mais monológico que pareça ser, sempre absorve diferentes vozes discursivas, que se entrecruzam no discurso e o tornam mais flexível. E esse processo de mudança é condicionado pela palavra, que torna o gênero ora mais, ora menos plástico.

Esse gênero, de acordo com a concepção clássica apontada por Gold (2010), obedece a uma sequência estrutural bem pontual, em que são elencados os principais elementos a serem registrados (dia, mês, hora e local da reunião; relação

e identificação dos integrantes; pauta; entre outros) , bem como a disposição em que devem aparecer (na forma de texto corrido, construído como um parágrafo único, mas sem marca de paragrafação). Porém, ao se pesquisar sobre a ata, observou-se que esse gênero tem sofrido modificações, uma vez que não se subordina à forma tradicional, preconizada, especialmente, pelas gramáticas instrucionais e manuais de redação. Gold (2010), além de registrar as características próprias do modelo clássico de ata, observa que há uma tendência de *modernizar* o gênero, com o objetivo de facilitar sua compreensão. Por ser um gênero muito utilizado por diversas instituições, adquire características que satisfaçam as atividades sociais específicas. Assim, percebe-se que o agir humano altera a construção composicional dos enunciados, corroborando a ideia pautada por Bakhtin (1979/2011) de que os gêneros orientam o dizer dos sujeitos. Nesse sentido, a palavra figura como elemento condutor da plasticidade, evocando sentidos outros que antes não haviam sido considerados – refração – ao mesmo tempo que evidencia ideias postas anteriormente – reflexo.

Todo gênero discursivo é construído por meio da estabilidade e da mudança. Ele evoca o conhecido, o tradicional, mas também imprime certa renovação. No caso da ata, há uma renovação na forma composicional do gênero e na carga semântica que é impressa na e pela palavra. As palavras que normalmente apontariam para um determinado sentido ganham novos sentidos, evidenciando que a plasticidade é um aspecto intrínseco à língua. Assim, optou-se por estudar um tipo de ata em que a plasticidade se evidencia de forma mais aparente, estabelecendo um contraponto com a sua forma tradicional, a fim de ressaltar que a estabilidade absoluta não se mantém em nenhum gênero. Registra-se, ainda, que o conhecimento desse tipo de ata, mais plástica, ocorreu quando a autora desta tese teve contato com um documento, intitulado ata, que registrava por meio de uma tabela o resultado de uma seleção de professor substituto na instituição onde trabalha, IFRS – Instituto Federal do Rio Grande do Sul – Câmpus Rio Grande.

Dessa forma, pretende-se, a partir da teoria dialógica do discurso, investigar a plasticidade das palavras em diferentes gêneros e tecer algumas reflexões que contemplem um escopo enunciativo-discursivo. Para tanto, ressalta-se que o olhar lançado sobre o objeto figura como uma possibilidade de compreensão, uma vez que o pesquisador, ao organizar o seu trabalho teórico, faz recortes e escolhas, os quais refletem e refratam os seus pontos de vista, imprimindo responsividade no que

tange à atividade de seleção e análise. Assim, o objeto, a saber, a palavra, é entendido a partir de um construto teórico, que considera alguns aspectos em detrimento de outros. Considerando as colocações registradas, a próxima seção trata da análise propriamente dita do funcionamento da palavra no interior dos gêneros selecionados.

### 3.2 A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO A PARTIR DA ORIENTAÇÃO DIALÓGICA DA PALAVRA E DO GÊNERO

Com base na discussão apresentada em relação à orientação dialógica da palavra, procede-se, a seguir, às análises de três piadas, três tiras e uma ata. Registra-se uma possibilidade de análise para os referidos gêneros a partir da teoria dialógica do discurso, compartilhando, assim, da ideia pautada por Saussure (1969, p. 15) de que “é o ponto de vista que cria o objeto”.

Dessa forma, a presente seção divide-se em três subseções. Na primeira subseção, 3.2.1, é apresentada a análise das Piadas 1, 2, 3, extraídas de um site da internet especializado nesse gênero do discurso – *PIADAS.COM.BR* – e são classificadas como piadas curtas. Na segunda subseção, 3.2.2, é registrada a análise das Tiras 1, 2, 3, selecionadas a partir da coletânea de tiras de Quino, intitulada *Toda Mafalda*. Na terceira subseção, 3.2.3, é apresentada a análise da Ata 1, que constitui um documento oficial produzido pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul – Câmpus Rio Grande.

#### 3.2.1 PIADAS

##### **Quadro 1 – Piada curta 01 – Garfield**

###### **PIADA 01 – Garfield**

- Qual é o nome da mulher do Garfield?
- Colherfield.

**Fonte:** Sítio eletrônico *PIADAS.COM.BR*  
(Disponível em: <[www.piadascom.br](http://www.piadascom.br)>. Acesso em: 12 out. 2013)

A piada 01, quadro 1, faz referência ao gato Garfield, personagem principal das tiras criadas pelo cartunista Jim Davis, originalmente publicadas nos Estados Unidos e traduzidas em diferentes línguas. As tiras retratam, por meio da ironia, animais de estimação que, ao serem tratados como pessoas, se tornam os "donos da casa". Além disso, mostram um gato com características humanas. Garfield age como homem, inclusive, fala e anda em duas patas, bem como enfrenta problemas humanos, como dieta, tédio, aversão às segundas-feiras, entre outros. Na piada 01, há uma troca de letras, que resulta num trocadilho, ou seja, jogo de palavras semelhantes na forma, mas diferentes no que tange ao sentido. Assim, percebe-se que o sentido e o humor produzidos são amparados, fundamentalmente, no material linguístico, visto que a palavra "Garfield" sofre uma divisão lexical, em que, através de um processo análogo, o segmento "garf" é entendido como "garfo", gerando uma resposta também ancorada numa analogia – "garfo", substantivo masculino, é associado à "colher", substantivo feminino. Se Garfield remete ao nome de um personagem masculino, o nome de sua mulher, supostamente, deve ser feminino, exigindo, para tanto, elementos estruturais que evidenciem tal gênero – Colherfield. Há a identificação de um elemento significativo que evoca outro elemento por analogia (garfo evoca colher). Percebe-se que a resposta dada à pergunta evidencia o processo de reflexo, uma vez que "garfo" reflete a voz discursiva que aponta para a ideia de "colher" como seu feminino. Porém, ao evocar a ideia de colher por meio da palavra "Colherfield", observa-se também a refração, uma vez que o sentido impresso ao vocábulo ultrapassa o limite da significação, aponta um outro caminho interpretativo, evidenciando que o que parece ser apenas um neologismo, na verdade, figura como um enunciado, um todo repleto de tonalidades dialógicas.

O sentido atribuído às palavras é construído a partir da forma, do material fonético-fonológico ao mesmo tempo que elas (palavras) refletem e refratam vozes discursivas que apontam outras possibilidades de construção do sentido. Atribui-se uma relação entre som e sentido possível em determinado domínio a um contexto que não comporta tal relação, o que, conseqüentemente, produz humor. O humor é produzido tendo em vista que a resposta esperada deveria referir um nome feminino, ou, especificamente, "Arlene", para os leitores e/ou conhecedores das histórias de Garfield ("Arlene" é o nome da namorada do referido personagem). O humor é produzido na piada pelo confronto de duas enunciações: a primeira (pergunta) que orienta para uma direção, e a segunda (resposta) que rompe com a expectativa

gerada, indo para outra direção. Assim, fica evidente que as palavras ao serem proferidas trazem outros discursos, outras vozes. O sentido inesperado é produzido pela capacidade que a palavra tem de refletir e refratar diferentes sentidos. Ao mesmo tempo que evidencia um sentido anteriormente instituído, ela aponta um novo. O sentido da palavra é elástico, se estabelece de acordo com a situação real e concreta da enunciação: “o centro de gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1929/2004, p. 92). O sentido da referida piada só é possível de ser produzido no idioma português, uma vez que ele depende estritamente da estrutura linguística. Não há como reproduzi-lo no contexto de um outro idioma, pois os segmentos linguísticos não encontrarão equivalência linguístico-semântica. Percebe-se que o contexto de produção é essencial para a compreensão da piada, pois o sentido dela só será alcançado se os interlocutores reconhecerem a estrutura e compreenderem o funcionamento discursivo da língua portuguesa. A plasticidade da palavra, no caso desta piada, é orientada por diversos aspectos discursivos, tendo como parâmetro o conhecimento compartilhado do idioma português, uma vez que sem reconhecê-lo não há como identificar os demais aspectos, como a atuação de forças centrípetas e de forças centrífugas, o estabelecimento dos processos de reflexo e de refração, por exemplo. Considerando a palavra como um signo essencialmente ideológico, pode-se afirmar que “[...] não há restrição à capacidade de expressão do signo, que pode exprimir realidades conhecidas e novas, concretas e abstratas, reconstituídas ou imaginadas etc. [...]” (SOBRAL, 2009. p. 79).

A seguir, apresenta-se a análise da segunda piada selecionada, intitulada “Lição de casa”.

#### **Quadro 2 – Piada curta 02 – Lição de casa**

##### **PIADA 02 – Lição de casa**

- Joãozinho, o que você está estudando?
- Geografia, mãe
- Ah é? Então, onde fica a Inglaterra?
- Na página 83.

**Fonte:** Sítio eletrônico *PIADAS.COM.BR*  
(Disponível em: [www.piadascom.br](http://www.piadascom.br). Acesso em: 12 out. 2013)

A piada 02, quadro 2, retrata a situação de uma mãe que pretende testar os conhecimentos escolares de seu filho, mas é surpreendida por uma resposta inesperada. Joãozinho é personagem típica de algumas piadas, famoso por subverter o diálogo estabelecido com outras personagens. Joãozinho ultrapassa sempre o esperado, a resposta mais comum, refratando ideias a partir de discursos socialmente estabelecidos – reflexo. Suas piadas têm memória, é comum que elas reflitam uma quebra de expectativa. A piada 02 tem seu sentido ancorado na palavra “onde” que nesse contexto se mostra extremamente plástica, pois aponta para duas possibilidades de compreensão. A referida palavra remete a lugar. Por isso, ao ser questionado pela mãe sobre a localização da Inglaterra, Joãozinho (nome comumente utilizado em histórias infantis, bem como em piadas por extrapolar o esperado) responde que fica na página 83. Ao proferir essa resposta, a personagem situa seu discurso no nível da significação, evoca o sentido primeiro, o mais “paupável”, que no caso seria a localização do país em determinada página do livro. Ao mesmo tempo, Joãozinho refrata a ideia proferida, uma vez que ao não corresponder à expectativa da mãe evoca a resposta não esperada, o sentido mais amplo, produzindo um efeito de humor, que se estabelece pela tensão de dois discursos, um que satisfaz e outro que subverte a pergunta da mãe, o que evidencia o tema da enunciação. O humor é causado pela quebra de expectativa, uma vez que a mãe esperava uma resposta referente à realidade geográfica do mundo e não do livro. Cada personagem dá uma valoração diferente à palavra “onde”. Porém, ambos sentidos são compatíveis com a palavra “onde”, uma vez que a página do livro também aponta para a ideia de lugar. Nesse texto, “onde” pode remeter tanto ao lugar propriamente dito do globo terrestre – à Europa (resposta provavelmente esperada pela mãe), quanto à página do livro que registra o assunto “país Inglaterra” ou ainda a figura do mapa do referido país. A plasticidade impressa às palavras está diretamente relacionada com a polissemia da língua. Uma mesma forma pode absorver diferentes sentidos.

A resposta inesperada por parte da mãe pode ter sido motivada pelo fato de o garoto estar extremamente concentrado em seu material de estudo (no caso, o livro), mas também pode ter sido dada por desconhecimento de Joãozinho em

relação à real localização do país (falta de conhecimento de mundo). A própria resposta de Joãozinho aponta para duas possibilidades de compreensão, evidenciando o caráter não estável do sentido das palavras. Há no interior da palavra a presença e a interação de diferentes vozes discursivas, a localização espacial da Inglaterra no mundo e a página do livro que registra tal localização. Tais orientações revelam a essência do discurso: “o cruzamento e a interseção de duas consciências, de dois pontos de vista, de duas avaliações em cada elemento da consciência e do discurso, em suma, a interferência de vozes no interior do átomo” (BAKHTIN, 1929/2010, p. 242). É o embate de vozes que imprime sentido à piada. A língua se torna plástica no uso concreto. A plasticidade da palavra se constrói por meio do funcionamento da língua, tendo em vista que a palavra ao ser usada não constitui elemento de um código, que é restrito por natureza, mas, sim, um signo ideológico, capaz de absorver distintas entonações expressivas.

Dando sequência à análise do funcionamento discursivo das piadas, registra-se, a seguir, a análise da piada 3, denominada “Charada”.

### **Quadro 3 – Piada curta 03 – Charada**

**PIADA 03 – Charada**

O pinto e a pinta foram ao cinema.

- Quem pagou a conta?

- A pinta porque o pinto estava duro!

**Fonte:** Sítio eletrônico *PIADAS.COM.BR*  
(Disponível em: [www.piadascom.br](http://www.piadascom.br). Acesso em: 12 out. 2013)

A piada 03, quadro 3, começa como uma narrativa, relatando que o pinto e a pinta foram ao cinema, refletindo a ideia de um casal que sai para se divertir. Pinta, no contexto da piada, remete ao feminino de pinto, filhote de galinha. Observa-se que o humor se dá pela duplicidade de sentido atribuída à expressão “o pinto estava duro”. As palavras “pinto” e “duro” são responsáveis, cada uma delas, por unir dois mundos por meio de dois sentidos transmitidos por um único material linguístico, parafraseando Possenti (1998). Percebe-se que a acentuação de valor atribuída às palavras “pinto” e “duro” opera uma mudança no que tange à capacidade de significar, passa-se do estágio inferior – significação – para o estágio

superior da capacidade de significar – tema. O tema dilui a significação, impedindo sua consolidação e unificação. No discurso em análise, “pinto” pode remeter tanto ao pinto animal, filhote da galinha, como ao órgão sexual masculino, o pênis. Quanto à palavra “duro”, percebe-se o sentido de “desprovido de dinheiro” e de “excitação sexual”, que é dado pela valoração e pela memória discursiva atribuída a cada uma das palavras; há um horizonte social partilhado que entende a palavra a partir de tais sentidos, revelando um entrecruzamento de vozes discursivas. Registra-se que os sentidos veiculados pela palavra “pinto” se dão por analogia, uma vez que pinto é comparado a ser humano. Isso é percebido pelo fato de que o animal pinto não vai ao cinema, não pode estar provido ou desprovido de dinheiro, e nem tampouco pode exteriorizar sua excitação sexual, visto que seu órgão é interno. Esses atributos fazem parte do domínio humano. A analogia se estabelece por metáfora (pinto é comparado a homem), no primeiro caso, e por metonímia (pinto remete a uma parte do homem), no segundo caso. Ou seja, a piada é orientada pela tensão instituída por dois discursos, os quais revelam apreciações valorativas distintas.

Assim, a expressão responsável pela orientação do discurso, gerando humor – “o pinto estava duro” – orienta para o sentido de que o pinto não pagou o cinema porque não tinha dinheiro para fazê-lo, ficando a responsabilidade de tal pagamento para a pinta (em que se verifica uma analogia com mulher pelo mesmo motivo da analogia estabelecida entre pinto e homem), no primeiro caso; e também há o sentido de que o órgão sexual masculino se encontrava em estado de excitação aparente, no segundo caso. A piada tematiza o sexismo. Esse texto demonstra a capacidade que as palavras possuem de refletir discursos estabelecidos social e culturalmente (pinto evoca a ideia de órgão sexual; duro como referência à falta de dinheiro). Os sentidos veiculados pela piada só podem ser concebidos dentro de uma determinada cultura e de uma dada língua, uma vez que ao serem transportados para outro idioma ou outra cultura, provavelmente, terão o seu conteúdo semântico alterado, mesmo após as devidas traduções, pois além da significação, do repetível, há o caráter ideológico que é determinado pelo lugar social em que dada estrutura verbal funciona (ou não). De acordo com Bakhtin/Volochínov (1929/2010), a palavra figura como o elemento mais sensível de interação social e é repleta de carga ideológica: “*A palavra é um fenômeno ideológico por excelência.*” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1929/2010, p. 36). Este pode ser um exemplo típico de piada, apontada por Possenti (1998, p. 43) como

impossível de ser traduzida, pois “as variações fariam dela outra piada” ou impossibilitariam de funcionar como piada.

As análises apresentadas revelam que a piada requer uma gama de conhecimentos bastante complexos. Para alcançar o sentido de uma piada, o sujeito deve considerar a articulação entre o componente linguístico e os fatores ideológicos e culturais pertinentes ao lugar social em que a piada se instaura. Nesse sentido, a palavra exerce um papel fundamental, pois, como pode ser verificado nas piadas analisadas, ela assume sentidos distintos à medida que se relaciona com outras palavras e reflete diferentes vozes sociais, que são expressas e reavaliadas constantemente. Só se entenderá o sentido da piada se o interlocutor conseguir perceber as diferentes vozes discursivas que interagem no discurso e que são evidenciadas pelas palavras: “é a pluralidade de acentos que dá vida à palavra” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929/2004, p. 107). A plasticidade da palavra se constitui a partir da sua capacidade de comportar distintas entonações expressivas, que a fazem desempenhar diferentes funções ideológicas.

Após a análise das piadas, apresenta-se, na subseção 3.2.2, o exame do funcionamento discursivo do gênero tira.

### 3.2.2 TIRAS

#### Tira 01

##### Quadro 4 – Tira de Mafalda 01



Fonte: *Toda Mafalda*, Quino (2007, p. 02).

Considerando a comunicação estabelecida entre as personagens na tira 01, quadro 4, percebe-se a existência de diálogo, o qual ocorre tanto em sentido estrito, uma vez que as personagens Mafalda e Felipe interagem através da comunicação verbal face a face, como em sentido amplo, pois elas estabelecem pontos de vista/vozes diferentes que se entrecruzam, posicionando-se ideologicamente e dando vida à linguagem. Felipe dialoga com a voz de Mafalda logo no primeiro quadrinho da história, uma vez que contesta o ponto de vista defendido por ela: “É exagero seu! Nem todo mundo que se forma vai para o estrangeiro!”. A voz de Mafalda não aparece explicitamente, mas pode ser percebida através da fala de Felipe que constitui uma resposta, um posicionamento a uma opinião anteriormente colocada. Mafalda reafirma o seu ponto de vista e a sua voz ainda no primeiro quadrinho da história ao questionar a opinião de Felipe: “Você acha?”. Porém, Felipe expõe argumentos, nos próximos quadrinhos, para provar seu ponto de vista: “Veja os políticos!... Quem não é advogado, é engenheiro, médico...”. A personagem Felipe também estabelece a ideia de que os políticos são pessoas que se formam e não vão embora do país: “... ou arquiteto!... E nem por isso vão para o estrangeiro!”. O discurso de uma personagem é produzido em relação ao discurso da outra, evidenciando o aspecto de alteridade.

Percebe-se também que a opinião de Mafalda sobre a permanência dos políticos no país – **“QUE PENA!”** – dialoga com dois pontos de vista, com duas vozes distintas: a) preocupação com a saída de pessoas com formação superior para trabalhar fora do país, já que tal fato evidenciaria a perda de pessoas qualificadas para outra nação; b) lamento de os políticos não irem embora para o estrangeiro, uma vez que, tendo formação superior, seria esperado que emigrassem. Esse ponto de vista é reforçado pela ideia de que os políticos são considerados corruptos; por isso, o afastamento deles do país seria bom para a população. O confronto entre as vozes cria o efeito de humor, revelando uma crítica à situação política e social do país. Isso não só é percebido pela linguagem verbal, mas também é reiterado pelos aspectos visuais, como as letras em caixa alta e grifadas em negrito e a expressão facial da personagem (demonstração de tristeza).

Além disso, nota-se o processo de reflexo e de refração que se justifica pela produção de diferentes efeitos de sentido em relação ao mesmo fato: saída de pessoa com formação universitária do país. Se é uma preocupação a saída de pessoas qualificadas do país, já que não reverteria em proveitos para o país de

origem, não é o caso quando se trata de políticos, pois, sendo tidos como corruptos, seria melhor que ficassem longe do país natal. Essa compreensão só é possível se considerado o componente verbal em articulação com o contexto de produção, que nesse caso faz ressoar vozes da falta de oportunidades de trabalho condizente com a formação universitária, bem como da corrupção política nos anos 70 na Argentina (que pode ser considerado como um fato atual e extensivo a vários países, como é o caso do Brasil). Desse modo, fica evidente que as tiras constituem uma forma de ação social (um gênero) indissociavelmente relacionada aos conceitos de interação verbal, alteridade, plurivocalidade, ideologia, reflexo/refração, o que demonstra seu caráter essencialmente plurilinguístico e dialógico. “O sentido do discurso não existe fora de sua acentuação e entoação vivas” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929/2010, p. 198). O sentido nasce no seio do diálogo. Sem relação dialógica não há sentido. Portanto, as relações dialógicas condicionam o sentido do discurso ao imprimirem determinadas entonações expressivas às palavras, fazendo destas elementos essencialmente plásticos, que podem apontar diferentes orientações semânticas. A plasticidade da palavra é determinada pelo colorido expressivo que se atribui a ela.

A seguir, procede-se à análise discursiva da segunda tira.

## Tira 02

### Quadro 5 – Tira de Mafalda 02



Fonte: *Toda Mafalda*, Quino (2007, p. 31).

Na tira 02, quadro 5, a personagem Mafalda, ao proferir uma interrogação às personagens Felipe e Manolito – “Para onde vocês acham que a humanidade está indo?”, acaba estabelecendo um conflito entre elas. Isso acontece porque, apesar de ambas as personagens (Felipe e Manolito) darem a mesma resposta à pergunta de

Mafalda – “PARA A FRENTE, É CLA...”, acrescentando logo após **“A FRENTE É PRA LÁ!”**, elas têm uma noção diferente em relação às formas “frente” e “lá”. Chegam à mesma resposta, mas apontam para sentidos opostos. Para Felipe, a frente é indicada por um “lá” que se encontra em uma determinada direção. Já Manolito entende que a frente se dá em um “lá” que se estabelece na direção contrária daquela proposta por Felipe. O “lá” se define em relação à posição ocupada no espaço por cada sujeito que se enuncia. Uma personagem tenta convencer a outra de que a sua noção de “lá” e de “frente” é a mais correta, sem chegar a um consenso. Ou seja: cada personagem, via acentos valorativos diferentes, atribui um sentido para as palavras em questão. As formas linguísticas, ou seja, a significação no nível do repetível, são as mesmas: “frente” e “lá”, mas o sentido, o tema da enunciação, é apreendido de maneira distinta pelas personagens, evidenciando o aspecto da responsividade próprio da linguagem humana. A falta de consenso em relação ao sentido atribuído às formas linguísticas em questão, por parte de Felipe e Manolito, levam a personagem Mafalda a compreender melhor por que a humanidade enfrenta tanta dificuldade para evoluir. A personagem percebe que as pessoas possuem entendimentos diferentes sobre um mesmo conceito. Se para duas pessoas já é extremamente difícil alcançar um mesmo sentido, chegar a uma mesma ideia em relação a determinadas formas linguísticas, o que restará para a humanidade é uma enorme dificuldade de organização e evolução, uma vez que ela é composta por inúmeras pessoas. Essa ideia é apresentada por Mafalda no último quadrinho da história e é evidenciada pela expressão “ir para frente”, em que à forma “frente” é atribuído o sentido de evolução. Mafalda ao propor um terceiro sentido para “frente” registra uma crítica social, que se dá por meio do humor, e revela uma voz discursiva que compreende a evolução da humanidade como um aspecto praticamente impossível de ser colocado em prática, uma vez que as pessoas não compartilham de ideias comuns que possam conduzir o mundo ao progresso social.

Dessa forma, observam-se algumas características e alguns elementos referentes à enunciação. O próprio ato enunciativo é estabelecido através da fala das três personagens (Mafalda, Felipe e Manolito), em que se percebe a existência da relação locutor - interlocutor, pois, ao enunciar, uma personagem ocupa o lugar de locutor, fazendo assim com que as demais ocupem a posição de interlocutores, e assim por diante. A relação locutor - interlocutor, percebida ao longo do discurso,

evidencia características bastante importantes que são o diálogo e a alteridade, em que duas figuras igualmente necessárias são colocadas pela enunciação. Essas figuras, que respondem a uma enunciação ao mesmo tempo que incitam uma outra, se estabelecem numa relação de alternância mútua, compondo, assim, a estrutura do diálogo. Na história em quadrinhos apresentada, tais figuras são representadas pelas personagens que dialogam o tempo todo na tentativa de se entenderem no mundo. Ou seja: a história é construída a partir da estrutura do diálogo. O sentido do discurso se constitui no momento em que

o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante (Bakhtin, 1979/2011, p. 271).

Percebe-se também o aspecto discursivo da entonação expressiva, através do registro do advérbio “lá” e dos pronomes “tua” e “minha”. De acordo com Bakhtin (1979/2011, p. 292), “o colorido expressivo só se obtém no enunciado, e esse colorido independe do significado de tais palavras, isoladamente tomado de forma abstrata”. As palavras recebem acentos de valor que apontam para caminhos interpretativos diferentes, evidenciando o processo de refração ao mesmo tempo que refletem uma ideia já posta socialmente, “lá” remete a um lugar oposto àquele onde se posiciona o locutor – reflexo. Como já foi mencionado anteriormente, “lá” refere um lugar que, para cada uma das personagens, tem uma direção e, conseqüentemente, um sentido distinto, porque marca um “espaço” em relação ao sujeito que enuncia. Já os pronomes “tu” e “minha” apontam para a ideia de que os personagens estão falando sobre “frentes” diferentes; retratam pontos de vista totalmente diversos um do outro. Observa-se, ainda, o estabelecimento da interrogação e da asserção. No momento em que as personagens se questionam e dão respostas umas às outras, tem-se o que Bakhtin (1979/2011) chama de responsividade, que, no caso, é sinalizada pela interrogação. A história contempla também a asserção, uma vez que os personagens apontam uma certeza sobre onde fica a frente, apesar de não haver concordância, o que revela a atribuição de diferentes acentos valorativos.

Outra questão referente à enunciação remete ao conceito de língua como *corrente evolutiva ininterrupta* em que o locutor se apropria desse organismo vivo para comunicar uma visão individual. É por meio da língua que o indivíduo revela sua subjetividade em relação ao mundo. Esse entendimento de língua é percebido durante toda a narrativa e fica bastante evidente no último quadrinho, quando as personagens tentam convencer uma a outra sobre sua opinião e, após uma tentativa frustrada, afirmam que a frente de uma não é a frente da outra. A subjetividade na língua fica bem marcada nesse momento em que o *eu* e o *tu* têm opiniões e conceitos diferentes sobre uma mesma forma linguística, produzindo, assim, sentidos distintos; aspecto que é acentuado pelas letras em caixa alta e grifadas em negrito nas frases “Mas é a **MINHA** frente!” e “A **TUA** frente não é a **MINHA** frente!”. Isso demonstra que as palavras são elementos essencialmente plásticos, capazes de absorver diferentes acentos avaliativos. Isto é, “a concordância-discordância ativa estimula e aprofunda a compreensão, torna a palavra do outro mais elástica e mais pessoal, não admite dissolução mútua e mescla” (BAKHTIN, 1979/2011, p. 378).

Registra-se, na sequência, a análise discursiva da tira 3.

### Tira 03

#### Quadro 6 – Tira de Mafalda 03



Fonte: *Toda Mafalda*, Quino (2007, p. 6).

Na tira 03, há o estabelecimento de um diálogo estrito, face a face, entre quatro personagens – Mãe de Mafalda, a própria Mafalda, Manolito e Felipe. Porém, também há diálogo em sentido amplo, uma vez que pontos de vista interagem durante o discurso. A mãe de Mafalda, ao interrogar as crianças com o objetivo de saber do que elas estão brincando, pretende orientá-las para que não façam

bagunça. As crianças respondem que irão brincar de “governo” e, após a orientação da mãe, Mafalda diz a ela que não precisa se preocupar, pois não vão fazer absolutamente nada. A resposta de Mafalda reflete pontos de vista bastante difundidos socialmente, de que crianças ao brincarem fazem bagunça e de que integrantes do governo não fazem nada, não têm nenhuma atitude. O segundo ponto de vista é reforçado enquanto o primeiro é refratado pelo componente visual da tira, uma vez que no último quadrinho, quando Mafalda profere “Não se preocupe, **não vamos fazer absolutamente nada**”, as personagens estão em volta de uma mesa, totalmente inertes; Mafalda, Manolito e Felipe estão apoiados na mesa, evidenciando uma atitude de despreocupação e prostração. Elas estão sem fazer nada. Os referidos pontos de vista refletem vozes sociais, que se ancoram nas palavras e são endossados pela imagem. Outro aspecto que evidencia a interação entre o componente verbal e o não verbal remete ao registro das letras grifadas em negrito, no terceiro quadrinho, enfatizando a ideia de que as personagens não fariam absolutamente nada. O discurso de Mafalda no último quadrinho complementa a resposta dada pelas personagens no primeiro quadrinho, se se vai brincar de governo, então não se fará nada.

A história retratada na tira faz ressoar uma voz social que aponta para a ideia de que o governo não toma atitudes que são da sua alçada, não trabalha em prol do povo, porque simplesmente não atua. A palavra “nada” não significa apenas “inércia”, mas, sim, remete a uma crítica aos governantes, que têm a obrigação de trabalhar para o povo, porém não o fazem, uma vez que a maioria almeja o poder somente para obter benefícios próprios, como altíssimos salários, sem ter de despender muito trabalho e esforço. “Nada” é uma palavra repleta de expressividade, funciona como enunciado, “é pleno de *tonalidades dialógicas*” (BAKHTIN, 1979/2011, p. 298). O acento apreciativo dado à palavra “nada” e ao discurso de Mafalda, e devidamente reforçado pela atitude de ócio das personagens, confirma uma das teses bakhtinianas de que a palavra ao figurar na língua viva é sempre repleta de entonação expressiva. Segundo a teoria dialógica do discurso, não há palavra sem acento apreciativo. O horizonte apreciativo determina o sentido da palavra. Bakhtin/Volochínov (1929/2010. p. 140, grifo do autor) afirma que “toda enunciação compreende antes de mais nada uma *orientação apreciativa*. É por isso que, na enunciação viva, cada elemento contém ao mesmo tempo um sentido e uma apreciação”.

Há uma tensão estabelecida entre forças centrípetas, que tentam conduzir o sentido a uma unificação, e forças centrífugas, que descentralizam o sentido. As primeiras conduzem o sentido do discurso para a ideia de que as personagens não tomam atitude nenhuma, porém, as segundas mostram que elas agem de tal forma por estarem imitando os integrantes do governo, tendo em vista que a brincadeira é simular o trabalho desse governo. Percebe-se também que a alteridade, relação eu-outro, não se dá apenas por meio da interação entre as personagens, mas também entre estas e os componentes do poder executivo de um país. As crianças ao optarem por brincar de governo, reproduzem ações, as quais são socialmente absorvidas, ou seja, elas por meio da imitação imprimem um acento de valor ao comportamento dos governantes. As crianças dialogam com o estereótipo de governo, e, conseqüentemente, evidenciam uma crítica social, que é suavizada pelo humor impresso à história. A responsividade permeia todo discurso produzido na tira, uma vez que as personagens, por meio de palavras e de atitudes, respondem a uma imagem de governo construída socialmente ao mesmo tempo que se responsabilizam pela reprodução dessa imagem.

Nas histórias de Mafalda, as personagens refletem e refratam ideologias e pontos de vista gerados no meio social ao mesmo tempo que respondem a eles, responsabilizando-se pelo que expressam. O discurso das personagens dialoga com as ideologias que atravessam a vida cotidiana. Ao tratar da ideologia do cotidiano em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Bakhtin/Volochínov (1929/2010. p. 125, grifo do autor) afirma:

O que se chama habitualmente “individualidade criadora” constitui a expressão do núcleo central sólido e durável da orientação social do indivíduo. Aí situaremos principalmente os estratos superiores, mais bem-formados, do discurso interior (ideologia do cotidiano), onde cada representação e inflexão passou pelo estágio da expressão, de alguma forma sofreu a prova da expressão externa. Aí situaremos igualmente as palavras, as entoações e os movimentos interiores que passaram com sucesso pela prova da expressão externa numa escala social mais ou menos ampla e adquiriram, por assim dizer, um grande polimento e lustro social, pelo efeito das reações e réplicas, pela rejeição ou apoio do auditório social.

Assim, percebe-se que a compreensão do discurso, como é caso das tiras em análise, não deve se limitar apenas ao que é linguisticamente expresso, à significação linguística, ideia que vem sendo defendida a todo momento neste trabalho, mas sim observar as diferentes variáveis, como situação de enunciação,

valorações, reflexos e refrações e vozes sociais, que assinalam os sentidos construídos na narrativa. Para tanto, é preciso observar não só o que as personagens dizem, mas como e por que dizem, bem como o contexto social em que estão inseridas. As palavras ao funcionarem no interior do discurso assumem múltiplos ecos e ressonâncias verbais. É a palavra que imprime ambivalência e plurivalência a todo e qualquer ato discursivo. A plasticidade da língua é estabelecida pelo funcionamento discursivo da palavra, que “é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais” (BAKHTIN, VOLOCHÍNOV, 1929/2010, p. 42)

Depois de se ter apresentado as análises referentes ao gênero tira, registre-se, na próxima subseção, a análise da ata, gênero discursivo caracterizado como mais coercitivo se comparado aos demais (piada e tira).

### 3.2.3 ATAS

#### **Ata 01**



A ata 01, quadro 7, constitui um documento oficial, cujo modelo é confeccionado e proposto por uma seção<sup>11</sup> do Instituto Federal do Rio Grande do Sul - Câmpus Rio Grande. A referida ata registra informações sobre o Processo Seletivo Simplificado ocorrido na instituição, que visa a selecionar professor substituto para ministrar aulas da disciplina de “Climatização e Sistemas de Ar Condicionado” no Curso Técnico em Refrigeração e Climatização.

A ata em questão difere-se da ata tradicional por apresentar uma tabela, elemento não convencional. Esta tabela, por sua vez, propicia e evidencia a plasticidade da palavra de modo mais aparente, visto que toda a palavra é plástica por natureza, isto é, suporta diferentes entonações expressivas, é um espaço potencial para o entrecruzamento de vozes sociais. Porém, é interessante observar que a referida ata conserva muitos aspectos e parte da estrutura do modelo tradicional. Nota-se que a introdução e o encerramento da ata seguem as normas do modelo prescritivo de ata, são registradas em texto corrido, sem paragrafação. Seguindo a orientação tradicional, são transcritas na introdução as seguintes informações: data, horário, local do evento, bem como o objetivo principal da reunião, os nomes e a relativa função de cada um dos membros integrantes da mesa examinadora do Processo Seletivo. Na introdução, os números referentes à data do evento são redigidos por extenso, como sugere o modelo tradicional, porém, as horas são grafadas por meio de elementos numéricos, sendo apenas a palavra “horas” escrita por extenso.

No desenvolvimento do texto, é registrada a informação de que foram realizadas entrevistas com candidatos. Em seguida, informa que após tais entrevistas foram atribuídas notas, as quais são disponibilizadas numa tabela. As notas de que trata o texto remetem: a) à somatória dos títulos apresentados por cada candidato, b) à média atribuída pelos avaliadores a cada candidato na entrevista, c) à média final, que corresponde à soma das duas primeiras médias – títulos e entrevista. Além das notas, é registrada a situação de cada candidato no contexto do concurso, que remete à informação “classificado” ou “desclassificado”.

---

<sup>11</sup> A seção que produz este modelo de ata é a COGEP, Coordenação de Gestão de Pessoas. Registra-se que esta seção é responsável por gerenciar o Processo Seletivo Simplificado para a Contratação de Professor e sugere aos professores responsáveis pela seleção o modelo de ata apresentado (ata 1). Porém, a banca examinadora tem total liberdade de utilizar o modelo que julgar conveniente e adequado. Ou seja, o modelo de ata apresentado não é imposto, apenas sugerido. Faz-se pertinente ressaltar que tal modelo tem sido amplamente aceito e utilizado pelos profissionais do Instituto, fato que despertou interesse em analisar o referido gênero.

Encerrando a ata, é redigido o informe de que não há mais nada a tratar, que a reunião deu-se por encerrada e que a ata foi lavrada e assinada pelo presidente e membros da banca examinadora. Ao final, seguem, então, os nomes dos integrantes da banca e um tracejado que deve ser utilizado para a assinatura.

Conforme já foi evidenciado neste trabalho, a ata em análise altera de maneira significativa a forma da ata considerada sob a ótica tradicional. Ela acrescenta elementos que a fazem destoar consideravelmente do modelo padrão. Porém, ela mantém muitos aspectos e elementos da ata tradicional, o que faz com que seja considerada pertencente ao gênero discursivo intitulado *ata*. Todo gênero discursivo é constituído por uma construção composicional, um conteúdo temático e um estilo. Percebe-se que a ata 01 tem sua construção composicional modificada, alterada, se comparada com o modelo tradicional, porém, vários aspectos composicionais bem como seu projeto enunciativo são mantidos. Por isso, os gêneros são relativamente estáveis. A ata possui data e assinatura, por exemplo, porque é uma exigência do ato enunciativo; em sua forma organizacional, os registros do dia em que ela foi elaborada e dos nomes com as devidas assinaturas dos envolvidos no processo seletivo são necessários para que a ata seja considerada um documento. A ata 01 mesmo com a inserção de uma tabela apresenta um resumo dos fatos e decisões tomados por um grupo de pessoas, que, no caso, remete à banca avaliadora, porque é necessário registrar oficialmente em um documento juridicamente reconhecido o resultado do processo seletivo.

A tabela inserida no interior da ata facilita a apreensão das informações nela lançadas. O objetivo de tal tabela é resumir o conteúdo a ser informado e ao mesmo tempo destacá-lo. Isso propicia uma melhor compreensão dos resultados do concurso, já que as informações principais, como a pontuação e a consequente classificação dos candidatos, são disponibilizadas de maneira mais evidente do que se fossem apresentadas sob a forma de uma ata tradicional, ou seja, descrição dos dados por meio de texto corrido. As informações lançadas de forma direta e clara tornam a leitura mais acessível, tanto dos candidatos participantes da seleção quanto dos profissionais encarregados de publicarem o resultado final, uma vez que o documento lançado, no sítio eletrônico do IFRS – Câmpus Rio Grande, é gerado a partir da ata e faz uso da tabela.

Sendo assim, percebe-se que o uso desse modelo de ata evidencia uma determinada valoração que se confere ao elemento tabela. No contexto da ata em

questão, a tabela adquire um sentido singular, ela satisfaz as necessidades de um determinado campo da atividade humana. Os integrantes da banca ao confeccionarem a ata de acordo com o modelo sugerido pela seção, a qual é responsável pela divulgação e publicação do resultado do processo, revelam o aspecto da responsividade, próprio de toda enunciação, uma vez que respondem de maneira ativa, concordando com as mudanças sugeridas no que tange à composição da ata ao mesmo tempo que se responsabilizam pela escolha tomada. Tais atitudes se caracterizam como ativas, pois, ao concordarem com a reacentuação do gênero, os integrantes da banca manifestam sua individualidade, imprimindo à ata um colorido expressivo, ou seja, estabelecem uma “relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado” (BAKHTIN, 1979/2011, p. 289).

No contexto em análise, palavras adquirem um tom expressivo um pouco diferente do que se estivessem dispostas numa ata tradicional, evidenciando, dessa maneira, a plasticidade que permeia todo e qualquer elemento da língua. A plasticidade pode ser observada de forma mais aparente nas palavras “títulos”, “entrevista” e “situação”. Às duas primeiras palavras é atribuída a ideia de “nota”, “pontuação”, uma vez que o resultado que é registrado de forma numérica corresponde ao total de pontos obtidos através da análise dos títulos apresentados pelos candidatos e à performance destes no transcorrer da entrevista. O interlocutor ao ler “título” e “entrevista” compreende que os números registrados abaixo dessas palavras evidenciam a pontuação alcançada pelos candidatos em cada etapa do processo seletivo. Quanto à palavra “situação”, também pode-se dizer que esta tem seu sentido alargado, uma vez que aponta para a ideia de classificação ou não classificação. Essas palavras fora deste contexto não absorveriam o colorido expressivo que na ata do IFRS adquiriram. A compreensão só é possível porque os interlocutores, os candidatos e profissionais responsáveis pelo processo seletivo, compartilham a mesma situação, têm conhecimento do contexto em que figuram tais palavras, assim, conseguem apreender a entonação expressiva impressa nas formas apresentadas. A compreensão requer o conhecimento das etapas e dos procedimentos previstos no edital do processo seletivo. A compreensão de um determinado sentido impresso às palavras, por meio do conhecimento compartilhado, faz emergir um aspecto discursivo bastante relevante, a saber, a alteridade. Os sentidos atribuídos às palavras só são alcançados porque os

participantes do discurso consideram que o outro o compreenderá, que tem pleno conhecimento do acento de valor empregado às palavras naquele determinado contexto. As palavras, ao apontarem para um novo sentido, para uma compreensão mais plástica, evidenciam o aspecto da refração, ao mesmo tempo que retomam, de certa forma, sentidos já postos anteriormente, que remetem ao reflexo. O próprio gênero retoma os aspectos do reflexo e da refração, uma vez que modifica a forma, apresenta algo novo – refração – ao passo que também se utiliza da forma tradicional, compondo o discurso com elementos usuais, típicos das atas mais coercitivas – reflexo. As palavras são revestidas de acentos de valor que precisam ser desvelados para que a compreensão se efetive. Vozes sociais se entrecruzam nas palavras e fazem ressoar ideologias; há a tensão entre a voz que direciona para a ideia de que se deve manter a unificação do sentido das palavras e a construção composicional do gênero, impressa por forças centrípetas, e a voz que orienta para a descentralização do discurso já estabelecido, atravessada por forças centrífugas. Tais vozes precisam ser identificadas e compreendidas pelos interlocutores. As palavras no contexto de uma enunciação viva exigem compreensão ativa, uma vez que “compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929/2010, p. 136). A ata analisada estabelece relação dialógica com outros discursos já proferidos em outro(s) momento(s). Nela interagem diferentes pontos de vista, que são refletidos e refratados durante o processo enunciativo, construindo o sentido.

Em relação ao gênero, pode-se verificar que a referida ata refrata aspectos colocados pela forma tradicional, como, por exemplo, o termo de abertura e o termo de encerramento, que são totalmente excluídos, uma vez que o modelo proposto constitui um documento digitado e não faz parte de um livro de atas, mas sim é arquivado junto ao processo físico da seleção (pasta que contém toda a documentação exigida dos candidatos para participar da seleção, bem como o resultado de todas as etapas do processo de seleção). O processo de reflexo pode ser observado pela retomada da forma tradicional da introdução e do encerramento da ata e também pela manutenção do tempo verbal prescrito pelo modelo tradicional, o pretérito perfeito do indicativo – “reuniram-se”, “foram”, “foi”. Tais registros mostram que os gêneros são afetados por forças centrípetas, que tentam estabilizar a forma, unificar os gêneros, e por forças centrífugas, responsáveis por

descentralizar, desunificar, sugerir novos caminhos, novas formas aos enunciados. Por isso, Bakhtin (1979/2011) afirma que o sujeito da compreensão deve sempre considerar a possibilidade de mudança e até mesmo de renúncia aos seus pontos de vista e posições. Segundo Bakhtin (1979/2011, p. 378), “no ato da compreensão desenvolve-se uma luta cujo resultado é a mudança mútua e o enriquecimento”. Com o objetivo de mostrar que o modelo de ata analisado tem sido constantemente usado pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul - Câmpus Rio Grande, apresenta-se, a seguir, mais duas atas, quadros 8 e 9, que reiteram a ideia de que a plasticidade, aspecto inerente a todo ato discursivo e impresso pela palavra, perpassa todos os gêneros, mesmos aqueles dotados de maior coercitividade formal.





Nas três atas apresentadas, verifica-se o uso de aspectos recorrentes, o que evidencia a característica constitutiva de todo gênero, a estabilidade relativa, porém em determinado ponto do texto a estrutura é modificada, alterada, a ela é acrescentada uma tabela. O fato de haver o acréscimo de uma tabela na ata não diminui a função social atrelada à ata, pelo contrário, mostra que os gêneros são passíveis de mudança, uma vez que estão a serviço das esferas de atividade social. Sendo assim, se essas esferas, que representam o agir humano, sentem a necessidade de modificar as formas do dizer, os gêneros, assim o fazem. A mudança operada nas referidas atas propicia uma compreensão ativa mais eficaz, pois as informações mais pertinentes são colocadas em destaque, facilitando a leitura dos interlocutores.

A ata adquire plasticidade porque as palavras propiciam este aspecto ao gênero. Elas são enunciadas por sujeitos ativos, responsivos, que acentuam valorativamente o dizer na relação com o objeto do discurso e com o(s) interlocutor(es). Logo, na relação entre significação e tema, reflexo e refração, circulação e interação de vozes, a escolha de registrar os resultados sob a forma de tabela, com registros numéricos, em vez de texto corrido, indica a polivalência e a plasticidade da palavra de adequar-se ao projeto enunciativo do gênero ata, em sintonia com as exigências contemporâneas da sociedade. Segundo Sobral (2009, p. 39, grifo do autor), “[...] antes mesmo de falar, o locutor altera, ‘modula’, sua fala, seu modo de dizer, de acordo com a ‘imagem presumida’ que cria de interlocutores típicos, ou seja, representativos, do grupo a que se dirige”. A língua está sempre a serviço das necessidades de seus usuários.

A próxima seção aborda a relação dialógica estabelecida entre os gêneros selecionados, com o objetivo de verificar os aspectos que os aproximam e/ou os afastam. Além disso, é abordada a orientação dialógica que permeia e compõe cada um dos gêneros, considerando sempre os aspectos discursivos que os condicionam.

### 3.3 A ORIENTAÇÃO DIALÓGICA DOS GÊNEROS: DISCUSSÃO DAS ANÁLISES

Sob o prisma da teoria dialógica do discurso, esta seção tem o objetivo de apresentar uma abordagem dialógica dos gêneros analisados anteriormente. Pretende-se tecer algumas reflexões sobre a plasticidade da palavra e do gênero, que é determinada por relações dialógicas, bem como ressaltar que todo gênero por

mais que estabeleça condições menos propícias para o reflexo da individualidade, isto é, por mais que ele seja mais resistente à mudança, sempre será alvo de reavaliações e de renovações. Os enunciados concretos circulam em diferentes campos da atividade humana e da comunicação. Assim, toda mudança nos gêneros está estreitamente relacionada às necessidades sociais dos sujeitos. A comunicação se estabelece por meio de gêneros discursivos, que são constantemente reconstruídos, renovados, reelaborados. Fora da atividade social não existe língua. Nessa direção, Bakhtin (1979/2011, p. 268), em *Estética da criação verbal*, registra que

os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos.

As palavras são plenas de relações dialógicas. É por meio delas que os gêneros se constituem. São as palavras que determinam a plasticidade dos gêneros; se atuam de forma mais dialógica, imprimem maior plasticidade ao gênero, possibilitando, inclusive, o registro de outros elementos não verbais, como, por exemplo, uma tabela. Porém, se as palavras forem empregadas com uma orientação monológica, o gênero tende a seguir a mesma direção, resistindo à renovação. O gênero configura uma arena em que forças centrípetas e forças centrífugas atuam, evidenciando a luta entre a unificação e a descentralização dos sentidos. A plasticidade se constitui por meio da tensão entre liberdade e coerção, já que o gênero, por mais que absorva plasticidade, conserva sempre seu potencial coercitivo.

Desse modo, convém ressaltar que os gêneros piada e tiras se prestam mais à plasticidade do que as atas, uma vez que neles a palavra opera com maior liberdade no que tange à produção de sentido; ela constitui um espaço para uma tensa relação dialógica de vozes sociais. O sentido desses gêneros – tiras e piadas – é ancorado na plasticidade da palavra. O estabelecimento de críticas sociais figura como projeto enunciativo das tiras, as quais, muitas vezes, são permeadas pelo humor. Já as piadas têm como objetivo principal o humor, que também pode indicar uma crítica social.

Diferentemente das tiras e das piadas, a ata é um gênero mais coercitivo, é construído sob uma estrutura que impõe normas fixas. Porém, essa estrutura rígida típica tem sido paulatinamente desfeita, modificada, uma vez que os sujeitos discursivos, a fim de tornarem a comunicação mais eficaz, têm impresso uma certa mobilidade ao gênero. Nesse contexto, as palavras exercem um papel bastante significativo, pois é por meio delas que os interlocutores se relacionam e avaliam o mundo. Para tanto, o sentido das palavras é determinado pelas vozes sociais que interagem no interior de cada uma delas, que, por sua vez, são determinadas pelos diferentes aspectos discursivos, tais como: contexto, situação, entonação expressiva, reflexo/refração, a própria forma etc.

As tiras e algumas piadas estabelecem críticas sociais. Determinadas tiras conduzem suas críticas por meio do humor. Já as piadas sempre utilizam o humor, que também pode suscitar críticas sociais. Porém, há piadas que simplesmente objetivam a produção do humor, sem pretensão de crítica. Nesses gêneros discursivos, as palavras são pluriacentuadas, plurivocais. O locutor constrói enunciações valorativas, que exalam a sua posição responsiva. Ao enunciar, o locutor se responsabiliza por aquilo que registra, bem como dá respostas a enunciações anteriormente proferidas. Toda enunciação responde a outra enunciação e gera compreensão ativa, respostas. O discurso é construído pela alternância de sujeitos que dialogam constantemente. Nesse sentido, a palavra do locutor adquire forma e conteúdo a partir da palavra do outro. A minha palavra responde à palavra já proferida ao mesmo tempo que antecipa sua réplica. Ao tratar dos discursos da vida cotidiana, Bakhtin (1929/2010, p. 130) revela que esses “são modelados pela fricção da palavra contra o meio extraverbal e contra a palavra do outro”. Por isso, é impossível atribuir um sentido rígido às palavras; elas são definidas por seu acento de valor.

Nas tiras, por exemplo, as personagens, ao dialogarem, empregam seus pontos de vista bastante peculiares às palavras, o que ressalta a capacidade que elas têm de absorver diferentes entonações, possibilitando, assim, que uma mesma forma em contextos distintos adquira sentidos totalmente díspares um do outro. No caso das piadas, a mobilidade da palavra é percebida por meio da pluriacentuação atribuída a uma dada palavra que gera o humor e ancora a produção de sentidos do discurso. Há tensão entre vozes distintas, que refletem sentidos já colocados no

mundo e os refratam, apontando novos caminhos semânticos às palavras e, conseqüentemente, ao discurso.

No que remete às atas, percebe-se que as relações dialógicas são construídas de maneira menos aparente, uma vez que conservam muitos aspectos e normas sugeridas pelo modelo tradicional de ata. Porém, ao ultrapassar as barreiras de construção do modelo tradicional, alterando a forma do gênero e empregando novos acentos de valor às palavras, a ata do IFRS revela de forma contundente relações dialógicas. A ata mencionada dialoga com o modelo tradicional e, ao introduzir novos elementos, aponta uma nova possibilidade de construção composicional para este gênero. Assim, ao se inserir uma tabela na ata, opera-se uma mudança que perpassa todo o gênero; altera-se não somente a forma, mas também o estilo e o tema, uma vez que esses componentes – construção composicional, conteúdo temático e estilo – se relacionam no interior do enunciado de maneira indissociável.

Importante salientar que a reconstrução dos gêneros não se dá de maneira aleatória. Os gêneros, por mais plásticos que possam ser, sempre conservam muitos aspectos. A reformulação livre e criadora não deve alterar o projeto discursivo do gênero, pois a alteração desordenada das propriedades de um dado gênero pode transformá-lo em outro. De acordo com Bakhtin (1979/2011), é necessário dominar bem os gêneros para aplicá-los livremente. Sobre a reformulação livre e criadora dos gêneros o autor ainda acrescenta:

Os gêneros do discurso, comparados às formas da língua, são bem mais mutáveis, flexíveis e plásticos; entretanto, para o indivíduo falante eles têm significado normativo, não são criados por ele mas dados a ele. Por isso um enunciado singular, a despeito de toda a sua individualidade e do caráter criativo, de forma alguma pode ser considerado uma *combinação absolutamente livre* de formas da língua [...] (BAKHTIN, 1979/2011, p. 285)

Assim, percebe-se que a plasticidade, aspecto inerente a tudo que remete à língua, impresso pelas palavras, opera mudanças significativas nos gêneros e na própria língua. Para tanto, a seguir, nas *Considerações Finais*, são registradas algumas reflexões sobre o comportamento da palavra e do gênero, buscando observar se foram contemplados os objetivos pautados pela pesquisa, se foi dada uma resposta ao problema proposto e se a hipótese foi confirmada pelas análises.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou estudar a plasticidade da palavra de modo a compreender o funcionamento discursivo da língua e, conseqüentemente, como ocorre a construção de sentidos em diferentes gêneros discursivos. Entende-se que em todo e qualquer enunciado, que tem existência a partir da interlocução entre sujeitos, há a interação de diversas vozes, em que a compreensão de uma voz leva à compreensão de outra e assim sucessivamente. É a análise dessa teia de vozes, permeada pela palavra, que permite o alcance dos sentidos em circulação no discurso. Ou seja, para compreender um enunciado, faz-se necessário observar as vozes que interagem no material verbal, evidenciando, assim, o caráter plurilinguístico e dialógico da língua. A palavra é essencialmente dialógica porque ela traz consigo uma multiplicidade de vozes que se entrecruzam / interagem no seu interior e no decorrer do discurso. Assim, a palavra só adquire sentido e expressividade na relação com outras palavras. Há sempre entre as palavras uma relação tensa e ininterrupta.

Partindo desse panorama, a tese buscou dar uma resposta ao problema proposto: de que forma se constrói a plasticidade das palavras em diferentes gêneros discursivos? Após o exame do funcionamento discursivo das palavras em distintos gêneros, considerou-se como hipótese geral que a plasticidade das palavras é construída por meio da combinação de diversos aspectos discursivos, como forma composicional, situação enunciativa, alteridade, entre outros.

Sendo assim, a pesquisa procurou contemplar os objetivos propostos. Pautou-se como objetivo geral analisar aspectos que propiciam a plasticidade das palavras em diferentes gêneros, verificando a evocação de diferentes valorações e vozes discursivas que imprimem sentidos às palavras e, conseqüentemente, ao discurso. Para tanto, o estudo também teve como meta observar como a construção de sentido é pautada na plasticidade das palavras. Em seguida, a investigação procurou entender como as palavras, por meio das diferentes vozes sociais que a permeiam, revelam apreciações valorativas e pontos de vista. Por fim, o trabalho buscou compreender como as palavras e suas relações dialógicas retomam sentidos já estabelecidos – reflexo – e, ao mesmo tempo, imprimem, norteiam novos sentidos – refração.

Considerando a tese proposta por este trabalho de que *a língua é plástica porque a palavra é plástica*, uma vez que a palavra, ao ser enunciada por um sujeito a outro em uma determinada situação, se impregna de expressividade e confere plasticidade à língua, desenvolveram-se procedimentos metodológicos próprios que orientam as análises dos gêneros selecionados. Ressalta-se que a teoria dialógica do discurso, por não estabelecer um método de análise único, permitiu a construção de uma metodologia específica a partir dos seus conceitos e do material de análise, a fim de atingir os objetivos propostos no trabalho. O método utilizado para analisar os gêneros selecionados apoiou-se nos conceitos postulados pela teoria dialógica do discurso. Para tanto, foram consideradas as seguintes noções que subsidiam as análises: forma, situação enunciativa (quem fala? para quem? sobre o que fala? com que projeto enunciativo?), contexto de produção, alteridade (entre interlocutores e entre as demais palavras), entonação, reflexo/refração, forças centrípetas/forças centrífugas. Tais noções foram consideradas por se entender que elas são indissociáveis das produções dos sentidos e determinam a plasticidade da palavra e a conseqüente mobilidade impressa por ela aos gêneros.

Para comprovar que a plasticidade reside em toda e qualquer manifestação discursiva, que se dá sempre por meio de gêneros do discurso, optou-se por analisar diferentes gêneros. Assim, foram selecionados para serem analisados neste trabalho gêneros que se prestam mais à plasticidade, como a piada e a tira, e um gênero que tende mais à estabilidade, menos flexível, a ata. Foram analisados três exemplares de cada gênero, sendo que no caso do gênero ata foi examinado apenas um exemplar, servindo os demais como documentos que endossam o uso do modelo de ata pelo IFRS – Câmpus Rio Grande. As tiras foram retiradas da coletânea de tiras produzidas pelo argentino Quino, intitulada *Toda Mafalda*. As piadas foram extraídas do sítio eletrônico *PIADAS.COM.BR*. E as atas, por sua vez, foram coletadas do processo físico de seleção para professor substituto do IFRS – Câmpus Rio Grande.

Assim, o percurso realizado ao longo desta pesquisa, a partir da discussão teórica e da reflexão crítica com base nos dados analisados nos gêneros apresentados, permite tecer algumas breves considerações sobre o funcionamento da palavra e dos próprios gêneros.

A palavra deve ser entendida como um signo ideológico que reflete diferentes pontos de vista. É através dela que os sujeitos se relacionam uns com os

outros e se estabelecem na sociedade. Por isso, a palavra não pode ser concebida como um elemento estável, mas sim como um elemento polissêmico e plurivocal da língua em que os sentidos se estabelecem conforme a situação enunciativa concreta. Porém, não se nega que a palavra possui também uma parte estável, repetível, aspecto que possibilita o entendimento entre os sujeitos, pois se não houvesse essa estabilidade não haveria comunicação. Mas a parte estável, a forma, a cada uso sofre alterações de sentido; não é algo fixo que produz sempre o mesmo sentido. As palavras estão diretamente relacionadas com o gênero em que figuram: “No gênero a palavra ganha certa expressão típica” (BAKHTIN, 1979/2011, p. 293). As palavras no seu uso prático expressam intenções e avaliações que devem ser identificadas para que a compreensão de todo e qualquer texto (oral ou escrito) seja estabelecida, ao mesmo tempo que exigem uma atitude responsiva por parte de quem as recebe. Essa atitude responsiva remete à ideia de que o sujeito deve dar uma resposta à palavra proferida pelo outro, bem como deve impregnar sua resposta de entonação expressiva – compreensão ativa, confirmando a tese de Bakhtin de que “as palavras são povoadas de intenções”. Com fito de endossar as ideias colocadas por Bakhtin (1979/2011) sobre o significado das construções axiológico-emocionais na vida discursiva dos sujeitos, registra-se que

[...] a expressão das relações axiológico-emocionais pode não ser de índole explícito-verbal mas, por assim dizer, de índole implícita na *entonação*. As entonações mais substanciais e estáveis formam o fundo entonacional de um determinado grupo social (nação, classe social, grupo profissional, círculo, etc.) (BAKHTIN, 1979/2011, p. 406, grifo do autor).

Nesse sentido, todo gênero figura como um espaço em que a palavra pode ser subvertida, transformada, pois o gênero impõe um funcionamento específico à palavra, fazendo com que sentidos anteriormente postos ganhem um novo direcionamento, uma nova interpretação. Há uma insubordinação da palavra em relação à orientação monológica, que compreende a palavra como um elemento unívoco. Isso acontece porque os gêneros são mais, ou menos plásticos. Conforme já foi evidenciado neste trabalho, a piada, por sua vez, é bastante plástica e, por isso, o dinamismo da palavra, a sua dialogicidade, que é uma condição da linguagem, é mais aparente nesse gênero (piada). É devido à dinamicidade da palavra que as piadas são capazes de produzir inúmeros sentidos, os quais referem diferentes discursos. O humor se dá pela refração de sentidos que muitas vezes são

inesperados e causam surpresa. Ele é produzido por meio do confronto entre enunciações que evocam perspectivas diferentes. O entendimento das piadas exige a consideração de diversos aspectos, como a estrutura verbal, o contexto em que dada piada é produzida, bem como os traços culturais que a compõem. É a interação desses aspectos que produz o sentido da piada, demonstrando que a palavra se entrecruza com uma massa de reações não verbais com valor semântico. Assim, devido a sua riqueza discursiva, a piada comunica muito mais do que é explicitamente registrado, podendo revelar inúmeras críticas (sociais, políticas, e até mesmo linguísticas), bem como questionar comportamentos e atitudes. As piadas não objetivam apenas o humor, mas se valem dele para promover reflexão sobre diversos assuntos polêmicos sem precisar explicitá-los.

O funcionamento discursivo das tiras é análogo ao das piadas, uma vez que são aparentemente plásticas. Ou seja, a palavra funciona de modo livre, suporta uma infinidade de acentuações valorativas. E é a coexistência de diversos pontos de vista sociais, impressos na e pela palavra, que faz dela um elemento do discurso capaz de comportar diferentes sentidos. O produtor das tiras compõe o discurso com base no diálogo, explícito, pois há o registro de diálogos propriamente ditos entre as personagens da história, e implícito, uma vez que são lançadas diversas críticas sociais, muitas delas permeadas pelo humor, que suaviza de certa forma a avaliação responsiva, mas não a torna menos expressiva. Os aspectos sociais evidenciados na história da tira respondem a algo fora dela, dialogam com o mundo.

No que tange à ata, percebe-se que a palavra tende a se apresentar menos flexível, porém, em determinado momento, ela cede ao novo, a uma reelaboração do gênero, o que permite um funcionamento mais plástico da palavra. Os sentidos das palavras são refletidos e refratados concomitantemente. Nessa direção, pode-se tomar como exemplo a palavra “título”, que retoma a ideia de título, documentação adquirida pelo candidato durante sua formação acadêmica e profissional, porém na ata analisada a referida palavra tem a função de designar a pontuação atribuída ao candidato após o exame de seus documentos. Ou seja, o sentido de “título” é refratado. O registro das palavras em uma tabela também contribui para que sejam atribuídos a elas outros acentos de valor. A palavra é preenchida por uma entonação expressiva própria para uma dada situação e um determinado contexto.

A seleção de gêneros distintos mostrou que todo e qualquer gênero é bastante complexo, no que tange ao funcionamento discursivo. A palavra no interior

dos gêneros é revestida de avaliações múltiplas e torna o gênero mais ou menos plástico. A análise do funcionamento da palavra evidenciou que a plasticidade se constrói a partir de uma gama de aspectos discursivos que são impressos nela e por meio dela, numa relação de total dependência. O contexto, a situação e a entonação expressiva, por exemplo, propiciam uma maior ou menor plasticidade à palavra. Todas essas considerações valem também para o gênero, que estabelece relação intrínseca com a palavra. Assim, se a palavra se faz mais plástica no contexto de um dado gênero, este tende a ser reelaborado, a também se mostrar mais plástico. Ressalta-se que o gênero, por sua vez, também impõe limites no que tange ao funcionamento da palavra, uma vez que possui sempre um potencial coercitivo. Ao tratar do funcionamento da palavra nos gêneros discursivos, Bakhtin (1979/2011, p. 293) revela o seguinte:

Os gêneros correspondem a situações típicas da comunicação discursiva, a temas típicos, por conseguinte, a alguns contatos típicos dos *significados* das palavras com a realidade concreta em circunstâncias típicas. Daí a possibilidade das expressões típicas que parecem sobrepor-se às palavras. Essa expressividade típica do gênero não pertence, evidentemente, à palavra enquanto unidade da língua, não faz parte do seu significado mas reflete apenas a relação da palavra e do seu significado com o gênero, isto é, enunciados típicos. Essa expressão típica e a entonação típica que lhe corresponde não possuem aquela força de coerção que tem as formas da língua. É uma normatividade do gênero mais livre. Essa expressividade típica (de gênero) pode ser vista como “auréola estilística” da palavra, mas essa auréola não pertence à palavra da língua como tal mas ao gênero em que dada palavra costuma funcionar, é o eco da totalidade do gênero que ecoa na palavra”.

Concluindo, o presente estudo procurou não somente aplicar a teoria bakhtiniana nas análises, como também mostrar que a piada, a tira, bem como a ata constituem gêneros bastante complexos em relação ao funcionamento discursivo. Para tanto, investigou-se o comportamento da palavra, que se apresenta ora mais ora menos plástica, revelando, portanto, a plasticidade do gênero em que figura. “A criatividade ideológica e a compreensão dos processos ideológicos têm a palavra como elemento essencial: a função da palavra nesses planos é constituir a linguagem interna, que é a base desses processos” (SOBRAL, 2009, p. 79). Sendo assim, a pesquisa confirmou a hipótese levantada de que a plasticidade é revelada pela combinação de vários aspectos discursivos, como forma, entonação, alteridade, contexto etc. Ressalta-se, ainda, que a tese foi explicada, uma vez que a plasticidade constitutiva da língua é construída pela palavra: a língua é plástica

porque a palavra é plástica. A palavra é o elemento que imprime mobilidade à língua e ao discurso.

Além disso, acredita-se que o estudo de diferentes gêneros discursivos, se transpostos para sala de aula, considerando-se sempre as fases de maturação biopsicológicas dos discentes, pode contribuir para o desenvolvimento da competência discursiva dos alunos, fazendo deles leitores e produtores de discurso mais proficientes. Portanto, conclui-se que este tipo de pesquisa é bastante relevante, podendo ser abordado em estudos posteriores que envolvam língua, enunciação e discurso.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. O discurso em Dostoiévski. In: **Problemas da Poética de Dostoiévski** (1929). 5. ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

\_\_\_\_\_. **Questões de Literatura e Estética** (1975). 4. ed. Trad. Aurora F. Bernardini et al. São Paulo: UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. **Estética da Criação Verbal** (1979). 6. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail/VOLOCHINOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem** (1929). Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

\_\_\_\_\_. A palavra na vida e na poesia: introdução ao problema da poética sociológica (1926). In: **Palavra própria e palavra na sintaxe da enunciação**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2011.

CIRNE, Moacy da Costa. **A explosão criativa dos quadrinhos**. Petrópolis: Vozes, 1970.

\_\_\_\_\_. **Para ler os quadrinhos: da narrativa cinematográfica à narrativa quadrinizada**. Petrópolis: Vozes, 1972.

COVRE, Aline Maria Manfrim; NEGAI, Eduardo Eide; MIOTELLO, Valdemir. **Palavras e contrapalavras: Glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2009.

DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. Acento de valor. In FLORES, Valdir do Nascimento. et al. **Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

FARACO, Carlos. **Linguagem e Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, José Luiz. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (orgs). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: em torno de Bakhtin**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

GOLD, Miriam. **Redação empresarial**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL- CÂMPUS RIO GRANDE. Rio Grande. **Ata n.02**. Ata da reunião realizada no dia 14 de março de 2013 a.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL- CÂMPUS RIO GRANDE. Rio Grande. **Ata n.03**. Ata da reunião realizada no dia 14 de março de 2013 b.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL- CÂMPUS RIO GRANDE. Rio Grande. **Ata n.02**. Ata da reunião realizada no dia 10 de maio de 2013 c.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

**PIADAS.COM.BR**. Disponível em: <[www.piadas.com.br](http://www.piadas.com.br)>. Acesso em: 19 de outubro de 2013.

POSSENTI, Sírio. **Os humores da língua: análises linguísticas de piadas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

QUINO. **Toda Mafalda** (1978). 9. ed. Trad. Andréa Stahel M. da Silva et.al. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin**. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1969.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB). Orientação para elaboração de Ata. In: **Normas para padronização de documentos da Universidade de Brasília**. Brasília, 2011.

**ANEXO**



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA RIO  
GRANDE DO SUL

Câmpus Rio Grande

Rio Grande, 04 de fevereiro de 2014.

AUTORIZAÇÃO

Autorizo a servidora ADRIANA DANIELSKI utilizar, **uso exclusivo em sua tese de doutorado**, os seguintes documentos do IFRS, campus Rio Grande: ATA 02 SELEÇÃO DE PROFESSOR SUBSTITUTO EDITAL n° 02 de 14 de março de 2013, ATA 03 SELEÇÃO DE PROFESSOR SUBSTITUTO EDITAL n° 02 de 14 de março de 2013 e ATA 02 SELEÇÃO DE PROFESSOR SUBSTITUTO EDITAL n° 05 de 10 de maio de 2013.

LUIS ANGELO SOBREIRO BULLA

Diretor Geral do câmpus Rio Grande